

REVISTA DA SEMANA

N. 50 15-12-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil.

**ROCK AND ROLL NO COPACABANA
VOLTA O PASSADO NA MODA DE HOJE
NASCEU O FILHO DE JOÃO GOULART**





AS MULHERES MAIS BONITAS DO BRASIL

★ Consultando costureiros, cabeleireiros, homens de bom gosto e personagens que se movem de preferência no âmbito do «society», a REVISTA DA SEMANA organizou e apresentará dentro em pouco as 10 MULHERES MAIS BONITAS DO BRASIL. Como «avant première» de gala dessa reportagem aqui está CARMEM TEREZINHA SOLBIATY MAYRINK VEIGA, um nome grande para uma beleza ainda maior.

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — N° 50 — Rio de Janeiro — 15-12-1956

DIRETOR

Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

50 Personagens à Procura de Auditório	5/7
Robot, o Cavalo do Século	10/12
Nem Só de Sexo Vive o Cinema Francês	15/17
O General do «Eça»	20/21
No Copa, o Rock And Roll	25/27
Rita Moreno Começou Imitando Marilyn	30/31
Os Brotos de Hollywood	32/34
Terror na Hungria	36/41
Os Aviões Vão Voltar à Marinha	42/44
Janguinho Aconteceu em Novembro	48/50
No Assalto da Lagoa	60/61

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Paginação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569

CAPA



Rossana Rory (Kodachrome de Hélio Polito Lopes, especial para a REVISTA DA SEMANA)



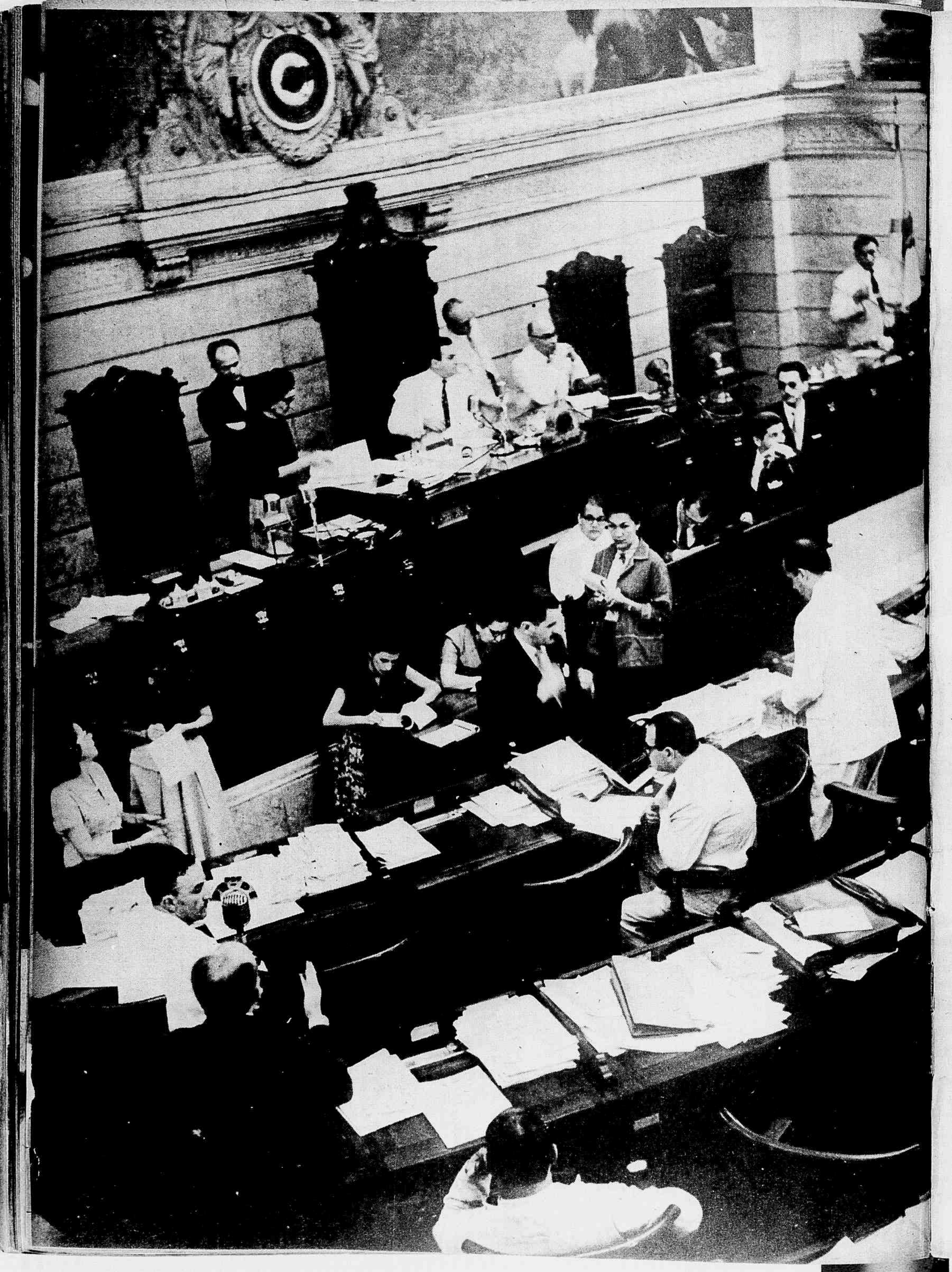
QUATRO E MEIO

◆ Muito — muitíssimo — posso contar sobre este trecho de praia que se chama posto quatro e meio em Copacabana. Mas o melhor é começar desde o comecinho: há quatorze anos moro aqui e quando chega o verão, — como ora acontece — lá vou eu, encantada e felicíssima, para o sol e o mar. Muito tenho visto e ouvido nesses quatorze anos no pôsto quatro e meio: meninas casaram e muitas delas já estão exibindo rebentos corados e roliços. Jovens se fizeram homens tostados de sol. Moços que cultivavam várias conquistas ancoraram num pôrto e conduzem agora uma aliança no anular.

◆ Muito tenho visto: senhoras que no verão anterior tinham cabelos negros estão agora loiríssimas ou ruivas. Emagreceram algumas, engordaram outras. Naquela está visível a luta contra as rugas, em outra músculos se afrouxaram sem encontrar resistência. Um ano um menino magro jogava bola desbragadamente; no outro apareceu com a perna mais curta; ouvi uma senhora comentar: — Mora no meu edifício, teve paralisia infantil. Entre um verão e outro, muita coisa acontece, naturalmente. Quando chega dezembro e com ele o sol, o calor e a praia se enche de enamorados do mar (para que chamá-los banhistas?) começo a passar em revista os conhecidos. Onde anda aquela senhora pequenina e roliça que diante de uma roda de rapazes proclamava, ano passado: «Sou uma mulher honesta, muito honesta. Moro só, tenho geladeira, televisão, rádio, máquina de lavar roupa, trabalho e ganho muito bem e sou honesta, muito honesta». Digam: quem é honesta precisa apregoar assim, principalmente na frente de rapazes? Onde anda aquela outra senhora gorda e lânguida que corava com qualquer anedota de salão? «Ela não vale nada», sussurrou um dia aos meus ouvidos uma de suas amigas. Sim, porque solitária na vida também o sou diante do mar e em contacto com a areia se bem que, como na vida, pessoas se misturem comigo sem que eu saiba porque. Aliás, para mim verão é praia e praia é silêncio. Conversas íntimas: — Lá vai um barquinho. A água está tão gelada! Essa menina de amarelo está querendo ser mulher antes do tempo. Você vai se arrepender, menina! São as minhas conversas comigo mesma nas quais entram tudo: ondas, aviões passando e nem sei mesmo porque aquela vontade de que alguma coisa me chegue do mar. Nada, ou melhor ninguém virá, mas olho o mar com os meus passados quinze anos. Com essa idade sempre se espera alguém vindo do mar. Repararam?

◆ O verão chegou e dezembro com ele. Copacabana está cheia de gente; os times de futebol estão atuando brilhantemente, meninas que ano passado namoravam já empurram carrinhos com bebês. (Cuidado, moças, o sol do meio dia não faz bem aos pequeninos). Uma senhora muito branca está lutando desesperadamente para ficar morena. E' verão, senhoras e senhores e agora os moradores deste bairro já começaram a mudar de côr. Como é bom se ter nascido no Brasil, se morar no chamado Distrito Federal em Copacabana e ficar encharcada de sol namorando o mar. Que pena não seja este um bem comum a todos os cariocas.

ENEIDA



NA CÂMARA MUNICIPAL

50 PERSONAGENS À PROCURA DE AUDITÓRIO

PAES LEME, O MELHOR PRESIDENTE EM 10 ANOS — ÍNDIO DO BRASIL, O VEREADOR QUE VIROU ANEDOTA — SALOMÃO FILHO, ALGUMAS INTERVENÇÕES BOAS, E UMA ATITUDE INFELIZ — COTRIM NETO, VEREADOR À CÂMARA DOS COMUNS — WILSON LEITE PASSOS, A MEDIOCRIDADE MAIS AGRESSIVA — HUGO RAMOS FILHO, PARLAMENTAR E ADMINISTRADOR DE PRIMEIRO TIME — LEVI NEVES, O PRIMEIRO CANDIDATO A PREFEITO NUMA ELEIÇÃO QUE NÃO SE SABE SE HAVERÁ — DULCE MAGALHÃES, PARECE DEMÔNIO MAS SE FAZ PASSAR POR ANJO — RAIMUNDO MAGALHÃES JR., DEFENSOR INTRANSIGENTE DO CONTRIBUINTE — HÉLIO WALCACER TEM UM FUTURO QUE ATÉ OS CEGOS PODEM ENXERGAR — RAUL BRUNINI, EFICIÊNCIA E SOBRIEDADE — AMANDO FONSECA, VOCAÇÃO DE GUARDA-COSTA.

Reportagem de SÉRGIO ROBERTO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

★ **A Câmara Municipal tem sido duramente atacada nestes seus 10 anos de existência.** Foi impiedosamente julgada, às vezes até por fazer a mesma coisa que faziam a Câmara dos Deputados e o Senado. Não há dúvida que a nossa Câmara fez coisas do arco da velha. Os escândalos se acumularam, a sua ação era mais contra o contribuinte do que mesmo a seu favor. Mas este ano, como por milagre tudo se modificou.

1956 O ANO DA CÂMARA MUNICIPAL

O movimento de reabilitação começou com a extinção das vagas da Secretaria. Num gesto de audácia e de independência, a mesa diretora (presidida pelo sr. Luís Paes Leme) resolveu aprovar uma resolução extinguindo todas as vagas existentes na Casa, e proibindo nomeações por 5 anos. O sr. Paes Leme que quando era simples vereador chegou a impetrar mandado de segurança para anular nomeações já feitas, eleito presidente, manteve-se coerente e acabou com as nomeações.

Essa Mesa também fulminou os divertidíssimos passeios ao exterior (sob os motivos mais diversos) e sempre com pesados ônus para a Câmara.

A VOTAÇÃO DO ORÇAMENTO

Mas onde a campanha de reabilitação da Câmara Municipal atingiu o ponto máximo foi na votação do orçamento. A exemplo do que ocorre no plano nacional, o orçamento municipal costuma entrar na Câmara de um jeito e sair de outro completamente diferente. São os vereadores na sua luta de todos os anos para garantir a clientela eleitoral, como acontece com deputados e senadores.

Mas este ano (pela primeira vez em sua história) o orçamento enviado pelo prefeito foi votado e aprovado sem nenhuma alteração. E foi de tal maneira a conduta da Câmara Municipal, que o austero e sempre rigoroso «Correio da Manhã» em tópico fez os seguintes comentários: «A Câmara do Distrito Federal aprovou finalmente o orçamento para 1957 sem o acréscimo de um níquel sequer; nem as subvenções, parte variável do orçamento distribuída tradicionalmente pelos vereadores, constaram da proposição. É fato inédito mas é sobretudo um belo exemplo de correção administrativa. No momento em que foram duramente acusados de contribuir para a alta do custo da vida, e para aumentar as aflições da Prefeitura e da população do Rio, a decisão dos representantes do povo carioca tem o sabor de resposta digna.

Estamos à vontade para fazer o elogio porque a Câmara dos Vereadores não raro em seu caminho encontra as duras críticas do «Correio da Manhã». Concedendo ao prefeito — ao aprovar o orçamento sem gravá-lo de um centil mais do que o previsto — os recursos exigidos para administrar, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, nesta hora difícil do regime, assume o papel de um símbolo, o símbolo de como pode funcionar, ou melhor, de como na realidade funciona o sistema legislativo de um país livre.

Bom seria que a Câmara Federal, no plano mais amplo da administração do país pudesse dar, quanto ao orçamento da União, um exemplo tão sóbrio, tão cívico, tão digno.

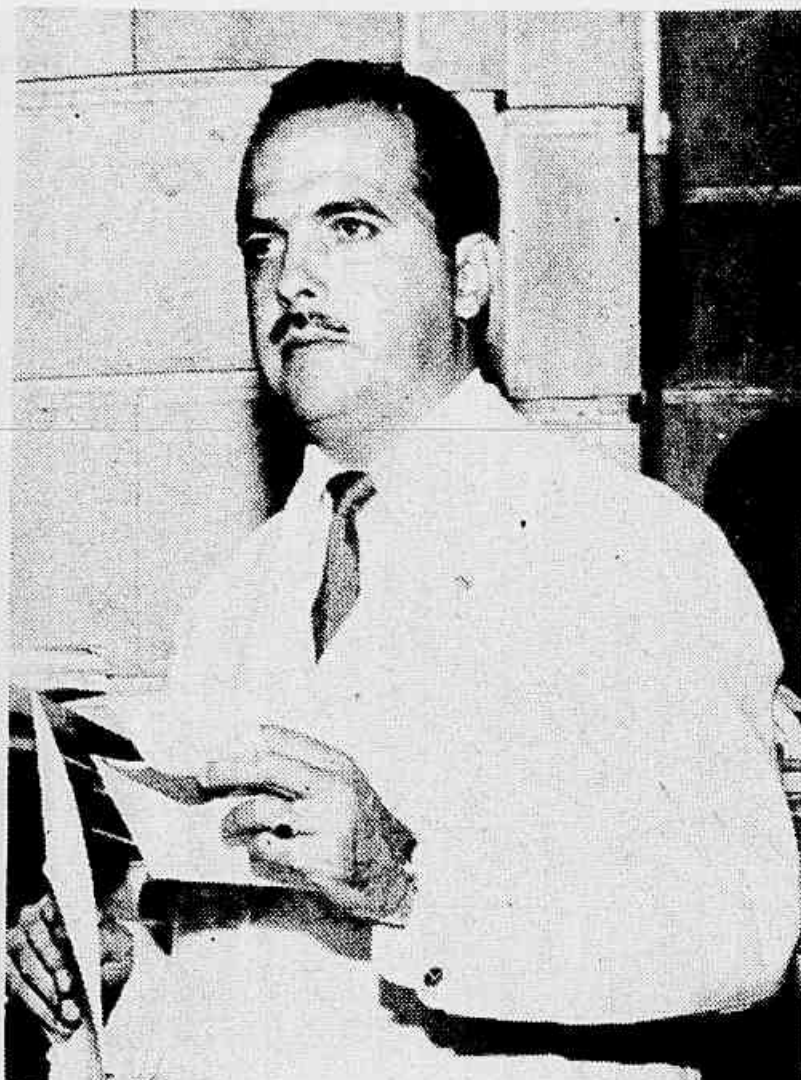
Creemos que não será preciso acrescentar mais nada às palavras do «Correio da Manhã». A não ser desejar que a Câmara Municipal prossiga nesse caminho.

NA CÂMARA MUNICIPAL



PAES LEME

◆ O vereador mais combativo do Distrito pode-se considerar um homem realizado: tem conseguido tudo que quis, e às vezes até o que não quis. Vereador desde 1947 (quando foi reaberta a Câmara Municipal) tem sido reeleito com espantosa facilidade. Por muitos anos não se interessou pela Presidência do Legislativo. Mas de repente resolveu ser presidente e não houve força que o detivesse. E foi o melhor presidente que a Câmara já teve em 10 anos. Extinguiu vagas, aprovou um projeto (inspiração sua) proibindo nomeações por 5 anos, além de ter evitado toda e qualquer sangria nos dinheiros da Câmara. Sua idéia fixa, verdadeira obsessão: o metrô.



AMANDO FONSECA

◆ Este é um vereador que envergonha qualquer Parlamento. Expulso da polícia, por causa de sua provada participação no «rio de lama». Está ocupando a cadeira de vereador exclusivamente em virtude de acordos e cambalachos e não por eleição legítima, pois a 3 de outubro de 1954 obteve pouco mais de 3 mil votos ficando como 4º suplente. Veste-se sempre irrepreensivelmente mas sua elegância interior e exterior jamais coincidem. É um terrível aproveitador de situações, e fica sempre do lado de onde sopra o vento. Por causa disso já apareceu outro dia fazendo cara de mau (a de sempre) por trás das costas do general Lott.



RAIMUNDO MAGALHÃES Jr.

◆ O acadêmico Raimundo Magalhães Júnior é indiscutivelmente uma das melhores figuras da Câmara Municipal. Andou meio afastado este ano, publicando livro em cima de livro, e tratando de sua eleição para a Academia. Foi uma pena. Pois sempre que aparece na Câmara é para debater assunto sério, brigar em defesa do contribuinte, evitar escândalos e negociações. Talvez comprometa sua atuação com uma certa dose de intolerância mas convenhamos que aturar diariamente Wilson Passos, Índio do Brasil, Miecimo Bica d'água e outros é de morte. É o mais infatigável trabalhador intelectual de sua geração.



COTRIM NETO

◆ Cotrim Neto, Gladstone Chaves de Melo e Hugo Ramos Filho são os 3 vereadores mais cultos e estudiosos da Câmara Municipal. O sr. Cotrim Neto é também o mais britânico e que se destacaria com facilidade até na Câmara dos Comuns. Tem uma excelente visão dos problemas mundiais, conhece a fundo todas as necessidades do Distrito, e não recua diante de nenhum obstáculo quando quer obter qualquer coisa. Corajoso, sincero, tem às vezes uma franqueza rude e agressiva. Já andou mais ou menos desencantado de política, e na última eleição quase não pleiteou a reeleição. Devia ser deputado.



RAUL BRUNINI

◆ O vereador mais votado do Distrito tem sido uma surpresa. Vindo do rádio, onde se destacou como locutor e repórter, nada indicava que pudesse ter uma boa atuação na Câmara Municipal. Eleito exclusivamente pelo prestígio de Carlos Lacerda, vai no entanto abrindo o seu próprio caminho, apresentando projetos de real interesse para a coletividade, e se transformando num dos pontos altos do legislativo carioca. Surpresa maior na atuação do sr. Raul Brunini: vem demonstrando exemplar serenidade, analisando os acontecimentos (e traçando sua orientação) a medida que se apresentam e não com o objetivo único e exclusivo de ser contra.



WILSON PASSOS

◆ O vereador da UDN, é considerado a debilidade mental mais pomposa e agressiva da Câmara Municipal. Quando abre a boca já se sabe que é para dizer bobagem. Eleito no período de confusão que se seguiu ao 24 de agosto, vai acabar o seu mandato em 1958 e jamais será eleito qualquer coisa. Quando estudante tentou ser líder, mas ninguém podia levar a sério aquele sujeito baixinho, pretensioso, sempre de colête e com ar de quem acabou de descobrir no mínimo a teoria da relatividade. Tem apelidos impúblicáveis (mas que lhe cabem como uma luva), diverte seus colegas da Câmara, e não tem nem a solidariedade dos colegas.



DULCE MAGALHÃES

◆ Dizem da vereadora Dulce Magalhães que tem uma vontade de ferro, e um espírito tão autoritário que chega à crueldade. Contam dela coisas horríveis do tempo em que era a ditadora do ensino na Capital Federal. Mas como a sra. Dulce Magalhães é famosa pelas suas conchecidas (pelo menos na aparência) convicções religiosas, espalha-se sobre ela o seguinte episódio: estava ela na igreja rezando, quando Jesus Cristo (que conhecia a sua atuação cruel com as crianças) chamou S. Pedro, e disse: «Pedro, vai de mansinho e vê contra quem a vereadora Dulce Magalhães está rezando». Politicamente a atuação de d. Dulce é inexpressiva.



HUGO RAMOS FILHO

◆ O sobrinho do dr. Nereu fez carreira no Distrito apesar do parentesco, pois pode-se dizer dele que jamais recebeu um favor do tio todo poderoso. Quando o doutor Nereu era Presidente recebeu um memorial assinado por mais de 30 vereadores pedindo a nomeação do sobrinho para a Prefeitura. Por excesso de escrúpulos (que esqueceria em outras oportunidades) não atendeu o pedido. Vereador desde 1950, Hugo Ramos Filho é um dos donos da Câmara. Fala bem, tem excelente cultura, vocação e experiência parlamentar, além de muita coragem pessoal. E' além do mais um grande administrador e fez no Tijuca, uma obra monumental.



SALOMÃO FILHO

◆ O sr. Salomão Filho é um vereador com altos e baixos. Quase que somos tentados a dizer (em virtude de sua ascendência) que exerce o mandato a prestações. Em algumas oportunidades tem revelado boa dose de espírito público. Mas em outras (como no caso da demissão do professor Albagli) tem falhado lamentavelmente. Compreendemos que a clientela eleitoral exige do vereador atitudes que ele jamais adotaria conscientemente. Mas convenhamos que exigir a demissão de um homem como o professor Albagli, para satisfazer um caçafeste que ia para a Escola Carmela Dutra (de onde era diretor) de pijama e chinelos é demais.



HÉLIO WALCACER

◆ O vereador eleito pelo PR, chegou à Câmara Municipal com a fama de muito inteligente e de muito impulsivo. Confirmou ambas. Tem se revelado um excelente parlamentar, dominando inteiramente não só o plenário como o trabalho das comissões. Mas tem sido atrapalhado em certos casos pela impulsividade. Muito moço, o sr. Walcacer quando se dominar melhor vai ser um dos grandes parlamentares brasileiros. Fala bem, tem raciocínio claro e rápido, presença de espírito, além de uma ironia que de tão aguda não é entendida por alguns vereadores, tipo Miecimo e Índio do Brasil. E' o líder e o verdadeiro dono da bancada do PR do Distrito.



ÍNDIO DO BRASIL

◆ Considerado o vereador que faz menos uso da cabeça (nem chapéu usa) o sr. Índio do Brasil já virou anedota na Câmara Municipal. Na sua estréia na tribuna declarou com a maior tranqüilidade que o «Brasil é um país tão infeliz que foi descoberto por estrangeiros». Outra: apresentou um projeto mandando auxiliar a família dos funcionários mortos, com a seguinte justificação: «precisamos incentivar a mortalidade». Tentou aprovar uma lei mandando dar 30 dias de férias a todo funcionário que estivesse prestes a ser pai. Como se vê além de absurdo e ridículo o sr. Índio do Brasil é tremendamente nefasto à coletividade.



LEVI NEVES

◆ O vereador mais elegante do Distrito teve uma atuação discreta em 1956. Andou muito tempo pela Europa, interessadíssimo em estudar a questão do Metrô e da incineração (com aproveitamento industrial) do lixo. Quase não andou pelo plenário. Aliás, a bem da verdade deve ser dito que o dr. Levi está atingindo a suprema serenidade, e as desavenças pessoais com troca de desaforos não o seduzem. Quer construir, quer agitar problemas sérios, mesmo porque 1958 está aí, e o dr. Levi não acreditando muito no provérbio que diz que «mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga», já lançou o seu nome na corrida para a Prefeitura.



A SEMANA EM REVISTA



SOLDADOS BRASILEIROS VÃO DEFENDER A PAZ

◆ Desfilou a tropa brasileira que vai para Suez, exercer atividade pacífica. São 520 soldados que farão parte de um efetivo de 60 mil, que teoricamente defenderão a paz. O que representam 60 mil homens, para garantia de uma faixa onde se batem milhões de homens? A decisão da ONU foi errada, pois mais vale uma advertência dos EE.UU. (e essa já foi feita) do que qualquer efetivo que a ONU possa mandar para o «teatro de operações». De qualquer maneira saudemos os rapazes brasileiros que vão para o Egito. Eles irão como símbolo do nosso respeito aos compromissos livremente assumidos e ainda mais livremente cumpridos.

REVISTA DA SEMANA — 8



MÁRIO MAGALHÃES FICOU MAIS JOVEM

◆ São poucos os homens que têm essa propriedade: aniversariar e ficar mais moço. Mário Magalhães é um deles. E de tal maneira ele vai remojando a cada ano que passa (em espírito e no próprio físico) que seus companheiros já estão preocupados: onde Mário Magalhães pretende chegar nessa volta ao passado? Mesmo sem os esclarecimentos necessários já vão providenciando presentes para as novas idades do Mário. E é isso precisamente o que mostra a foto. Mário Magalhães (ao lado de sua senhora Diza Magalhães e do diretor do Jôquei Clube Álvaro Carijó) recebendo um cavalinho minúsculo, diferente dos outros com que lida semanalmente. Veja-se (e registre-se) o ar de triunfo e de alegria com que Mário Magalhães recebeu a brincadeira.

JUSCELINO, UM PRESIDENTE POPULAR

◆ Há um ano precisamente poucos acreditavam na posse do sr. Juscelino Kubitschek. E ainda menos, naturalmente, acreditavam, que empossado, ele se transformasse num Presidente popular e aplaudido nas ruas. Pois é o que vai acontecendo. Almoçando em dia desta semana, num restaurante da Rua da Assembléia em companhia do prefeito Negrão de Lima e do diretor do «Diário Carioca», Hórcio de Carvalho, o Presidente quase nem pôde comer direito, pois todos queriam cumprimentá-lo e apertar-lhe a mão. Depois, passeando pelas ruas o fato se repetiu, e Juscelino foi intensamente aplaudido. Que dirá sobre isso a turma da oposição?

MORREU SANTA ROSA

◆ O bom Santa Rosa foi morrer longe, lá na Índia, tão desconhecida dos brasileiros. Muito já se escreveu sobre a sua morte. Mas muito ainda se escreverá sobre a sua contribuição a toda uma época. Homem de atividades múltiplas, em todas elas deixou marcada indelévelmente a sua passagem. Pintor, desenhista, ilustrador, técnico de artes gráficas, cenarista, crítico de arte, Santa Rosa, foi acima de tudo e além de tudo, um homem que viveu intensamente, fazendo a sua parte com satisfação e sem rancores. A luta feroz e cruel pelo direito de sobreviver, que a tantos afeta e até mesmo liquida, não deixou traço algum em Santa Rosa. Este é um simples registro sobre a morte de nosso amigo Santa Rosa. Morreu aos 47 anos. Mas desde os 20 sua presença já está fortemente assinalada na vida intelectual brasileira.



OS ARGENTINOS (FUTEBOL) VOLTAM AO BRASIL

◆ Depois de 11 anos os argentinos voltam ao Brasil. Pela primeira vez pisam o Maracanã. Durante esse tempo todo em que as relações dos dois países estiveram interrompidas, pouco se falou dos argentinos. Os brasileiros foram vices do mundo, andaram várias vezes pela Europa, brilharam em vários continentes, mas nunca despregaram os olhos dos nossos vizinhos e rivais. Pois os brasileiros podem, no futebol, ganhar de todo o mundo. Mas se não ganhar dos argentinos, a festa não estará completa. Pois foi o que aconteceu esta semana no Maracanã. Jogando para ganhar os brasileiros foram mais uma vez derrotados. E derrotados inapelavelmente, por um selecionado que jogou mais, com maior serenidade e com evidente categoria. Além do jogo que foi bonito salvou-se a finalidade do espetáculo: em benefício das pioneiras sociais de D. Sarah, foram arrecadados mais ou menos 2 milhões de cruzeiros.

Desânimo Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dores de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando estes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma boa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sobre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use Regulador Gesteira

Regulador Gesteira é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar Regulador Gesteira

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

**BAR RESTAURANTE
A LA CARTE**

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

**Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»**



"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias
Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, é o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

**PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SÃO PAULO**

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

RIBOT

O CAVALO DO SÉCULO



◆ Só depois da segunda vitória no Grande Prêmio «Arco do Triunfo», em Longchamp é que Ribot conseguiu a consagração mundial. Antes, as suas 15 vitórias em outras tantas apresentações, apenas convenceram a técnicos e apostadores que ele era um cavalo superior mas não propriamente um fenômeno. Mas quando ganhou duas vezes seguida em Longchamp, mesmo os mais céticos se entusiasmaram e proclamaram: Ribot é realmente o cavalo do século. Outro igual jamais nasceu em qualquer parte do mundo. Luigi Gianolli o maior jornalista especializado em turfe de toda a Europa, escreve sobre Ribot: «Ele é um fenômeno na verdadeira acepção da palavra. Já sai liquidando os adversários. E cada vez vai imprimindo maior velocidade à carreira. E quando na partida final o espectador fica pensando que ele vai esmorecer, aí é que Ribot alcança a sua maior velocidade».

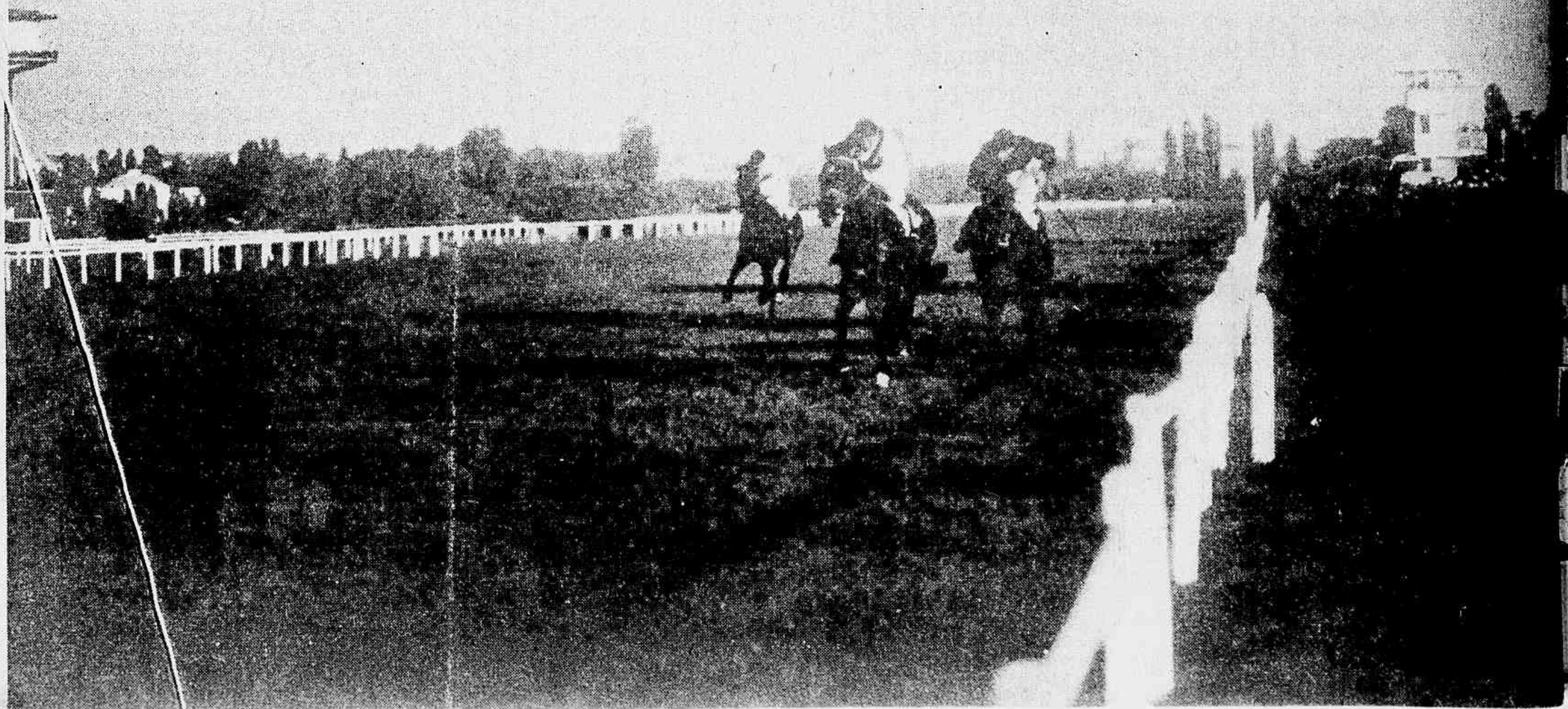
Cavalo desse tipo jamais apareceu. E note-se que ele tem apenas 4 anos de idade, quando provavelmente ainda não terá atingido toda sua capacidade locomotora. Já por volta de 1740 na Inglaterra apareceu um cavalo (Eclipse) quase com as mesmas características de Ribot. E de tal maneira Eclipse esmagava e humilhava os adversários que depois da 12ª vitória passou a correr sozinho pois era impossível encontrar adversários para ele. Como curiosidade acrescenta-se que Ribot tem enorme capacidade torácica e cada vez que inspira entram em seus pulmões 26 litros de ar. É musculoso, come com excelente disposição, e tem maravilhosa conformação física.

Corre 2.400 metros e termina o percurso sem demonstrar o menor cansaço. Na próxima primavera Ribot vai ser enviado para um campo de criação na Inglaterra, onde servirá como reprodutor. E desde já os mais famosos proprietários europeus (e até americanos) fazem ofertas e propostas de compra para os filhos de Ribot.

Sairão com a mesma capacidade do pai?



OPINIÃO UNÂNIME: JAMAIS NASCEU UM CAVALO IGUAL



Nas fotos à direita 6 modelos característicos da nova coleção italiana inspirados na linha Liberty: estranhos jogos de avessos, abotoando baixo, golas de rapôsa branca, chapéus e mantôs 1910.

VOLTA O PASSADO NA MODA DE HOJE

1

Hábito para a tarde: blusa levemente drapeada, tecido pesado e crêspo de lã negra. Completa o traje um bolero de rapôsa norueguesa branca.

2

"Tailleur de Shetland" pesada, cor marron-café. O casaco, modelado, tem feitiço de colete e é marcado com posponlo.

3

Hábito matutino de lã quente verde escura. A simplicidade deste modelo é enriquecida (na frente) por um motivo assimétrico original, que lhe dá um efeito de bolero.

4

Hábito estilizado de flanela cinzenta leve com um motivo que alonga a figura; os botões e a falta de cintura lembram o estilo Liberty.

5

Duas peças de lã cinza quente. O casaco tem uma gola de veludo pelo lado de dentro. As mangas são como de quimono, pela frente, e por trás tem acabamento normal.

6

Um paletó de Shetland pesada cor marron-café. A gola enorme termina na frente em dois volantes. Os botões à frente e os bolsos para trás equilibram a figura.



♦ A moda feminina é uma das coisas mais fugazes do mundo. As mulheres abandonam com a maior tranquilidade como coisa velha e ultrapassada, o que usaram com sucesso às vezes menos de um ano atrás. Mas em matéria de moda pode-se dizer com segurança que o passado volta sempre. E os criadores da alta costura feminina se esforçam para isso, e parece que até trabalham nos novos lançamentos passado por parte de todos os costureiros famosos. E agora, uma firma de modas da Itália, lança estes modelos (belíssimos) que nos transportam às mocinhas lânguidas, sóbrias, mas já sofisticadas de uma época que pode ser situada aí por volta de 1910. É a volta do Liberty, que já foi o encantamento das avós.



VALEMIN

— ADULTO —

Um fortificante
de



— INFANTIL —

comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.

CAIXA POSTAL 1202

LEIAM

ESPORTE
ILUSTRADO



TODAS AS
QUARTAS-FEIRAS

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-
HORMON

Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro
Ltda. — Queiram enviar-me por Re-
embolso Postal um vidro de «BÉL-
HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

Leiam

EU SEI TUDO DE DEZEMBRO

A MAIS COMPLETA REVISTA EDITADA NO BRASIL —
LEITURA INSTRUTIVA E VARIADA AO ALCANCE DE
TODOS — CIÊNCIA, HISTÓRIA, DOIS ROMANCES, CON-
TOS VARIADOS — INFORMAÇÕES DE UTILIDADE GE-
RAL, CHARADAS, QUEBRA-CABEÇAS, ETC.

TODOS OS MESES À VENDA NOS
JORNALEIROS — PREÇO CR\$ 10,00

C I D A D E N U A

Por SÉRGIO ROBERTO

O Presidente Juscelino Kubitschek vai reconduzir toda a direção do Banco de Crédito Cooperativo, cujo mandato termina no próximo dia 20. Os candidatos e os «pistolões» são em número elevado. Mas examinando a situação do Banco o Presidente não hesitou.



Acôrdio em estudo na política de Santa Catarina: Irineu Bornhausen para o Senado (em 1958) como candidato da UDN e do PSD; Leoberto Leal para o governo do Estado (em 1960) apoiado pelas mesmas forças.



Os srs. Mário Ribeiro e Chico Eduardo, que enfrentaram (e venceram) uma grande oposição, conseguiram em 6 meses pacificar inteiramente o clube. Nunca se viu uma calma tão grande na política interna do Jôquei Clube.



«A noite no Rio», cavação internacional sob o rótulo de propaganda do Brasil, fez mais sucesso no Rio do que em Nova York, onde se realizou. O «show» foi organizado horas antes do avião sair e alguns «artistas» nem conheciam os próprios talentos. Grande preocupação da comitiva: comprar coisas nos EE.UU. para revender no Brasil.



«Rio 40 Graus» salvou o recente festival de cinema do Distrito. Pois se não concorresse, os 500 mil cruzeiros seriam repartidos entre 3 ou 4 abacaxis inomináveis.



O sr. Ibrahim Sued está brigado com quase todos os colunistas sociais da cidade. E na recente eleição da «Glamour» essa briga influenciou no resultado final. Pois a srta. Eloísa Dolabela que seria a vencedora por unanimidade (era a preferida de todos os cronistas sociais que faziam parte do júri) foi abandonada quando se soube que era candidata do sr. Ibrahim Sued.



Para a escolha do Secretário de Educação do Distrito, a bancada do PR na Câmara Municipal apresentou uma lista com 10 nomes. Mas na hora da entrega da lista ao prefeito, a própria bancada declarou ao sr. Negrão de Lima que daqueles 10 nomes só 2 seriam aceitos. Um deles era o sr. Nilo Romero.



O jogador Rubens (bimba) do Botafogo, foi afastado do time e proibido de frequentar a sede do clube. Motivo (comprovado) dessa decisão: foi subornado para facilitar a vitória do Vasco no recente e acidentado jogo. Outros clubes já comprovaram (neste campeonato) casos de suborno e compra de jogadores. Mas por covardia e medo de desfalque técnico não foram aplicadas punições.

C I N E M A

de ELY AZEREDO



Maria Felix faz nova aparição no cinema francês em «Os heróis estão cansados», ao lado de Yves Montand. Tem inédito no Brasil «La Belle Otero».

NEM SÓ DE SEXO VIVE O CINEMA FRANCÊS ▶



Brigitte Bardot, que vimos pela 1ª vez em «Manina, a Moça sem Véu», está em grande evidência no cinema francês. Tem filmes inéditos no Brasil.

AS ESTATÍSTICAS DO CINEMA FRANCÊS NO BRASIL REVELAM UM «PÚBLICO DE ESCÂNDALO», MAS TAMBÉM UMA «PLATÉIA DE ELITE» — VOLTA A FRANÇA AOS CINES DO RIO — FILMES QUE VEREMOS.

Fotos UNIFRANCE E FRANÇA FILMES DO BRASIL

◆ Um quarto de hotel sombrio. Uma cama de ferro. Um homem de passado obscuro, tendo na consciência um crime, na carteira apenas um passe de «metrô». Uma mulher de (ou sem) combinação preta. A história acaba mal e é proibida até 18 anos. Não há como errar: é filme francês.

Em um grupo de 67 filmes franceses, tomados ao acaso, verificamos que, segundo as classificações da Censura, oito eram «livres», um «im-

próprio até 10 anos», doze «até 14», 46 «até 18 anos».

E a publicidade acentua o lado «audacioso». Uma obra com a densidade poética de «Le Diable au Corps» (Com o Diabo no Corpo) é xingada de «Adúltera». «Manon» vira «Anjo Perverso». Reticências como as de «Essas Mulheres...» (Adorables Créatures) prometem mostrar salas escuras tudo o que o título não pode dizer, as vezes («A... Respeitosa», «O... Mag-

nífico») com a cumplicidade da Censura. Mas, diga-se de passagem, as listas da França Filmes, empresa que distribui o grosso da produção francesa no Brasil, são as que exibem maior fidelidade aos títulos originais.

OS DEZ MAIORES

Mas a lista dos dez maiores sucessos de bilheteria da França Filmes do Brasil (1946-1956)

desautoriza qualquer generalização do que dissemos acima:

- ★ «Anjo Perverso» (Manon), de Clouzot, com Cécile Aubry, Michel Auclair, Serge Reggiani.
- ★ «As Diabólicas», de Clouzot, com Simone Signoret, Vera Clouzot, Paul Meurisse.
- ★ «Conflitos de Amor» (La Ronde), de Max Ophüls, com «elenco de estrelas».
- ★ «Essas Mulheres...», de Christian-Jacque, com Martine Carol, Edwige Feuillère, Antonella Lucidi, Daniel Gélin.
- ★ «Brinquedo Proibido», de René Clément, com Brigitte Fossey, Georges Poujouly.
- ★ «Os Amores de Carolina», de Richard Pottier, com Martine Carol, Jacques Dacqmine, Paul Bernard.
- ★ «O Carneiro de Cinco Patas», de Henri Verneuil, com Fernandel, Françoise Arnoul.
- ★ «Somos Todos Assassinos», de André Cayatte, com Mouloudji, Amedeo Nazzari, Yvonne Sanson, Raymond Pellegrin.
- ★ «Segredos de Alcova», de Habib Decoin, Delannoy & Franciolini, com Martine Carol, Vittorio de Sica, Françoise Arnoul, Jeanne Moreau.
- ★ «O Salário do Medo», de Clouzot, com Yves Montand, Vera Clouzot, Charles Vanel.

PARALELO ÚTIL — Agora, sem intenção de diminuir o cinema americano, insuperável ultimamente, vejamos as maiores «bilheterias» de Hollywood até 31 de dezembro de 1955: (1) «... E o Ventou Levou»; (2) «O Manto Sagrado»; (3) «O Maior Espetáculo da Terra»; (4) «A um Passo da Eternidade»; (5) «Isto é Cinerama», inédito no Brasil; (6) «Natal Branco»; (7) «Duelo ao Sol»; (8) «Os Melhores Anos de Nossa Vida»; (9) «Quo Vadis?»; (10) «Feriado em Cinerama», inédito no Brasil. Apenas dois filmes são realistas, abordam problemas do homem moderno e contam com os aplausos da crítica mais séria: «A um Passo da Eternidade» e «Os Melhores Anos de Nossa Vida».

Na lista francesa, apesar do que dizem os moralistas, só há, a rigor, um «sucesso de escândalo»: «Os Amores de Carolina», filme que fez o cartaz inicial de Martine Carol. «Essas Mulheres...», «Segredos de Alcova» e «Conflitos de Amor» são comédias maliciosas que às vezes abusam do tempêro, mas realizadas com inteligência, notadamente a última, que deixou em minoria seus detratores, como o crítico italiano que o considerou «impressionante documentário sobre como se disseminam as doenças venéreas»...

«O Carneiro de Cinco Patas» é, talvez, a melhor comédia de Fernandel. Os filmes de Clouzot (que só aparece menos que Martine na lista) são discutíveis sob muitos aspectos, mas «As Diabólicas» é justamente considerado «thriller» de classe superior e «O Salário do Medo», que não valorizamos tanto, é para muitos uma obra culminante do realismo francês. Finalmente, o impressionante «Somos Todos Assassinos» é um argumento definitivo contra a pena de morte, e «Brinquedo Proibido» figura entre as 20 ou 30 maiores realizações do que alguns teimam em considerar a arte do século.

CONCORRÊNCIA AMERICANA — Do que dissemos acima, conclui-se pela existência de uma «platéia de elite» ao lado de um «público de escândalo». Não há razão para pessimismo. É verdade que, no Rio, o cinema francês recuou, mas não por falta de espectadores. Quando, com a «greve dos cinemascope» americanos no princípio do ano, foi possível realizar festivais de filmes franceses, o sucesso foi enorme. Parte da culpa vai para a esmagadora concorrência dos «processos panorâmicos» americanos, que permitem preços mais elevados na bilheteria. Agora, com sintomático declínio na qualidade, começam a surgir os «cinemascope» franceses. E, o que é realmente importante para os cariocas, a França Filmes fechou contrato com o chamado «Circuito Independente» e já começou a retirar das prateleiras as latas que o tempo cobriu de poeira.

Vamos ver sem demora: (1) «O Caso Maurizius», de Duvivier, baseado no romance que Jakob Wasserman extraiu de um caso real de erro judiciário; com Daniel Gélin, Jacques Chabassol, Eleanor Rossi Drago, Charles Vanel, Anton Walbrook.

(2) «Rififi» (gíria que corresponde ao nosso bafafá ou sururu), filme de «gangsters» feito com o domínio do «suspense» que o diretor Jules Dassin (também ator no filme) aprendeu em

Hollywood; com Jean Servais, Marie Sabouret, o austriaco Carl Mohner, Magali Noel.

CINEASTAS ILUSTRES — Através da França Filmes, vamos reencontrar cineastas ilustres, como:

★ **RENÉ CLAIR** — Só superado por Chaplin na comédia cinematográfica, o autor de «Esta Noite é Minha» nos dará «As Grandes Manobras» de Gérard Philipe para conquistar Michèle Morgan.

★ **ANDRÉ CAYATTE**, o diretor de «Somos Todos Assassinos» e «O Direito de Matar», em outro palpitante drama judiciário: «O Documento Negro».

★ **Preston Sturges** — Alguns anos atrás considerado o «menino prodígio» da comédia americana, Sturges volta à atividade na França, com «Os Carnets do Major Thompson», baseado no «best-seller» humorístico de Pierre Daninos. Com Martine Carol e o inglês Jack Buchanan.

★ **Léo Joannon** ganhou cartaz com «Desespêrc d'Alma» (Le Détrouqué). Mais uma grande atuação de Pierre Fresnay.

★ **Marcel Carné** — Do grande diretor de «Cais das Sombras», veremos «Teresa Raquin», com Simone Signoret e Raf Vallone.

★ **Sacha Guitry**, o «homem-orquestra» quase desconhecido no Brasil, apresentará «Napoleão» e «Se Versalhes Falasse» — ambos com Guitry e uma infinidade de atores famosos.

★ **Julien Duvivier** reaparecerá com «Mulher de Meus Sonhos» (Marianne de ma Jeunesse), com duas estrelas jovens: a alemã Marianne Hold e a francesa Isabelle Pia.

★ **Léonide Moguy**, o polemista de «Amanhã Será Tarde Demais», surgirá com «Le Long des Trottoirs», sobre o problema da prostituição, com Anne Vernon e a novata Danik Patissou.

★ **Claude Autant Lara**: «Marguerite de la Nuit», com Michèle Morgan e Yves Montand; e «La Traversée de Paris», com Bourvil e Jean Gabin.

★ **Christian-Jaque**: «Se Todos os Homens do Mundo...», bom filme pacifista, com elenco liberadamente sem grandes nomes.



Uma foto inédita de Audrey Hepburn, com Dalio, em «Raptos em Monte Carlo». Poucos sabem que ela fez esse filme na França antes de «A Princesa e o Plebeu».



Gérard Philipe em «Grandes Manobras» para conquistar Michèle Morgan. O resultado (muito elogiado) será visto quando a França Filmes lançar o filme de René Clair.



Produto científico a preço popular.
No varejo Cr\$ 88,00

avaeté

(ava = cabelo — eté = forte)

TRICOSTÊNICO BIOLÓGICO

A progressão da calvície é sustada com o uso desse maravilhoso produto.

AVAETÉ extingue a caspa e a coceira do couro cabeludo; esta, com uma só aplicação.

Discreta e agradavelmente perfumada.

A venda em todas as perfumarias e drogarias ou pelo reembolso postal. Distribuidores: SOC. FARMACÊUTICA QUINTINO PINHEIRO
Rua São Januário, 706 — Fones: 28-1141 e 34-3492 — RIO

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 179.107.824,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966

End. Electr.: «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 135 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA SÃO CRISTÓVÃO: Rua São Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

FALANDO AO LEITOR

Resposta ao sr. Armando Ribeiro que pergunta se a «Revista da Semana» não apresentará reportagens sobre turfe: é claro, sr. Armando. Já declaramos que não existem assuntos proibidos. Estaremos presente a todos os acontecimentos. E já neste número temos uma excelente reportagem de Jorge Campos sobre «Os milionários do turfe». E para o próximo estamos preparando uma grande reportagem com Luís Rigoni, o ídolo que volta às pistas.



★

Não esqueça de ler a reportagem de Carlos Lemos sobre a noite de Jazz no Copacabana. Veja depois a reportagem exclusiva (págs. 32, 33 e 34) sobre os novos de Hollywood que se preparam para ocupar o lugar dos mais velhos. Hermano Nobre Alves escreve novamente (com sobriedade e bem informado) sobre o terror na Hungria.

★

O sr. Marcílio Dias Vieira pede uma reportagem sobre «Rock-and-Roll». O ritmo que popularizou e enriqueceu Elvis Presley ainda não repercutiu no Brasil, sr. Marcílio. Se isso acontecer o sr. imediatamente verá uma reportagem na sua revista. Gratos pelos elogios.



★

Nas páginas 20 e 21 pare e leia com encantamento a magnífica colaboração de Augusto Frederico Schmidt. «Janguinho aconteceu em novembro» é a primeira colaboração de Fernando Leite Mendes excelente repórter que passa a integrar a equipe da nova «Revista da Semana». E aguardem as 10 mulheres mais bonitas do Brasil. Na página 2 vai um trailer dessa reportagem.

★

O sr. Jorge Wolf Morales, pergunta se abandonamos o assunto da água e se já entramos «na marmitta do Departamento de Águas». Ainda não, sr. Wolf. Nem entramos na «marmitta» nem abandonamos o assunto. Continuamos na mesma posição e na mesma disposição: achamos que o sr. Pereira Braga jamais dará água à cidade. Já dissemos isso em reportagem. Estamos esperando o vencimento do primeiro prazo para voltar à questão.



EFICIÊNCIA E DESENVOLVIMENTO

UM ADMINISTRADOR QUE TEM A SOLIDARIEDADE POR PRINCÍPIO, A ORGANIZAÇÃO POR MEIO E A PRODUTIVIDADE POR FIM.

◆ Comemorou-se no dia 16 de novembro passado o primeiro aniversário da administração do dr. José Sette de Barros, à frente do Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência — Samdu. Dentre as solenidades que se fizeram realizar para a comemoração da significativa data, destacou-se a inauguração do Serviço de Obstetrícia Maria Tereza Goulart, no Hospital Presidente Vargas, em homenagem à esposa do exmo. sr. Vice-Presidente da República. O dr. José Sette proferiu, por ocasião das comemorações, brilhante oração, a qual transcrevemos.

«Companheiros do Samdu:

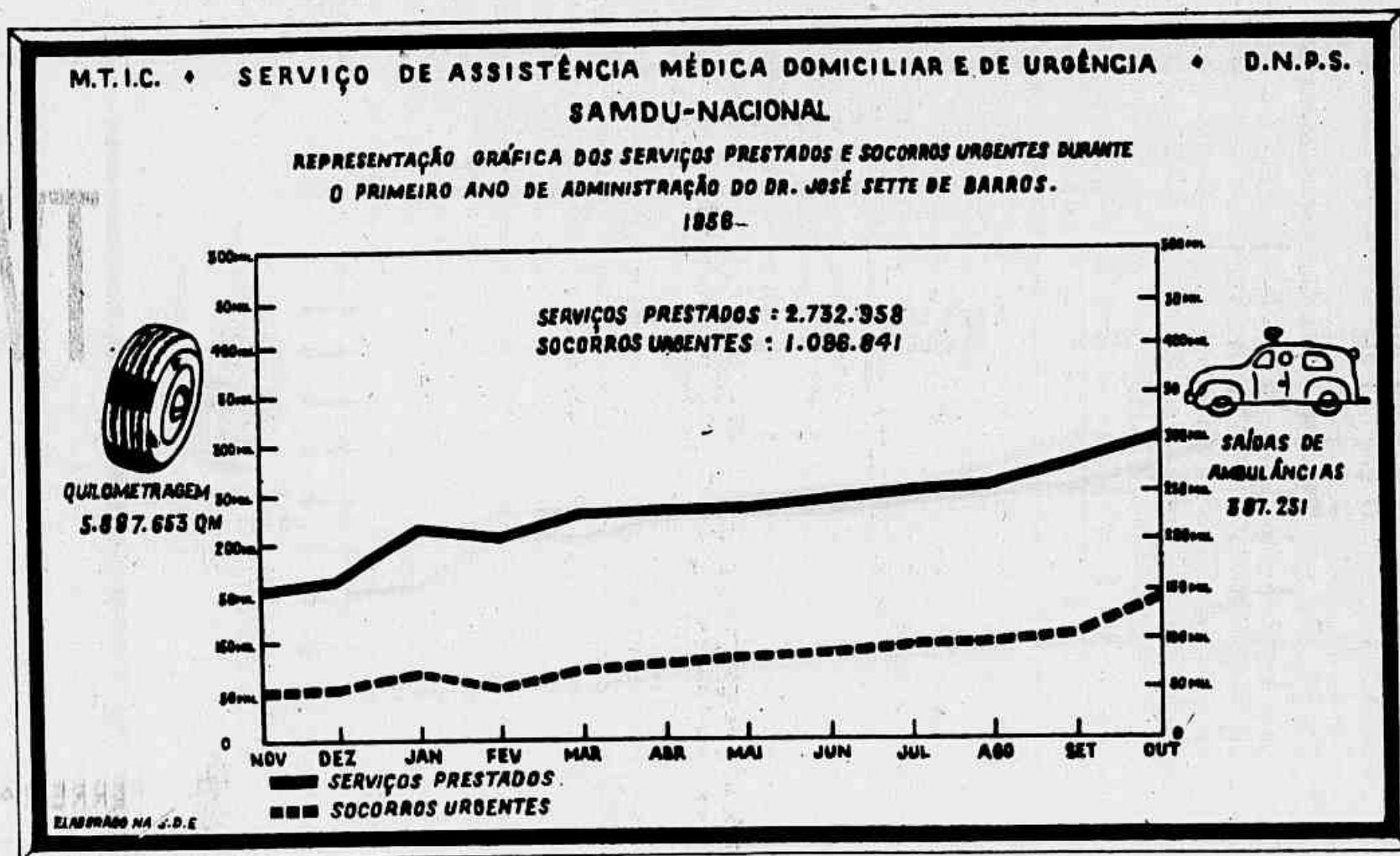
Não poderia ser maior o meu contentamento que este de poder recolher esta homenagem, cuja eloquência vem da alma dos servidores do Samdu, numa demonstração inofensível de apreço. Jamais duvidei da consideração, do agradecimento consciente e da absoluta sinceridade de propósitos dos meus companheiros de trabalho. Esta manifestação, após doze meses de lutas sem esmorecimentos, em que nos propusemos construir algo em prol dos trabalhadores brasileiros, deveria ser dirigida a quem nos estimula, ao norteador do nosso trabalho; ao guia ponderado que tanto fez no sentido de desenvolvimento e do progresso da nossa comunidade de serviços. Animo forte que se não quebranta nas lutas, não se revigora, inteligência que mais se aclara nas refregas, caráter que não se debilita ante os obstáculos que se lhe antepõem. Esse pulso enérgico e forte que iniciou quando Ministro do Trabalho e estimula atualmente, a penetração do Samdu para o interior, é o nosso guia político — dr. João Goulart! A ele, sim, precisamos render nossas homenagens, porque tudo que se pratica no plano do bem estar social, em benefício do operário brasileiro é fruto de sua orientação; nós, trabalhadores do PTB na administração de vários órgãos públicos, apenas cumprimos suas determinações. A fim de melhor expressar esta nossa consideração para com o chefe amigo, homenageamos mme. João Goulart, criando o Serviço de Obstetrícia do Samdu, dando-lhe a denominação de Maria Tereza Goulart. Este ato reitera o nosso ponto de vista de que ao Vice-Presidente da República devemos as realizações e melhorias do nosso serviço. Há bem pouco, quando me dirigia aos trabalhadores do Ceará, de Pernambuco, de Minas, de Paraná e do Rio Grande do Sul, procurei situar o sistema econômico trabalhis-

ta, fiz-lhes ver o seu processo histórico através dos tempos e os conclamei à luta com as poderosas armas da solidariedade, da organização e da produtividade. Em redor da base homem, giram todos os princípios do verdadeiro trabalhismo, porque a economia deve ser construída sobre a concepção «trabalho». Só o trabalho cria novo trabalho. Só o trabalho cria valores que beneficiam os homens. Para nossas conquistas de profundidade, em benefício do proletariado brasileiro, precisamos formar a mentalidade do trabalho comum, de deveres comuns e, sobretudo, de cuidados comuns. O desmoronamento do edifício do capitalismo reacionário é o anseio de todos os recantos proletarizados do Brasil. Enquanto as leis não forem ditadas pelas necessidades da ordem econômica, enquanto a proteção ao trabalho não sobrepuser a do capital, enquanto não compreendermos a necessidade da hipertrofia do poder político, como medida de transição; enquanto o Estado não for mais econômico que político, não levaremos a prosperidade aos lares dos obreiros da grandeza nacional. A organização econômica do sistema trabalhista é incompatível com a morosidade burocrática de outros regimes. Por isso, é mister que saibamos a intensidade com que despertam, a rapidez com que se propagam e a velocidade com que repercutem, os fenômenos da economia, para termos certeza de sua eficácia e de seus benefícios em prol da coletividade. O nosso chefe e amigo, dr. João Goulart, mesmo sob insidiosa campanha de ódios e prevenções, que são mais contra a sua orientação renovadora e contra o nacionalismo de seu espírito de reconstrução econômica, não titubeia em arrancar o proletariado brasileiro da mais negra das escravidões — a da fome e da miséria. Campanha desumana, de farsas e calúnias, continuará enquanto não conseguirem destruir as forças do trabalho coordenadas. Não desejam que cuidemos do trabalho, do esforço da fadiga, da saúde do trabalhador, nem nos permitem orientá-los em busca ininterrupta de melhores e maiores possibilidades. Defendemos a fórmula de organização econômica capaz de, por um sistema de perfeito entendimento, coordenar as forças do trabalho e do capital progressistas propiciando o bem-estar de todos e o progresso da Nação. Com o trabalhismo construiremos a ponte que transporá o abismo entre a pobreza demasiada de um lado, e a riqueza demasiada do outro. A es-

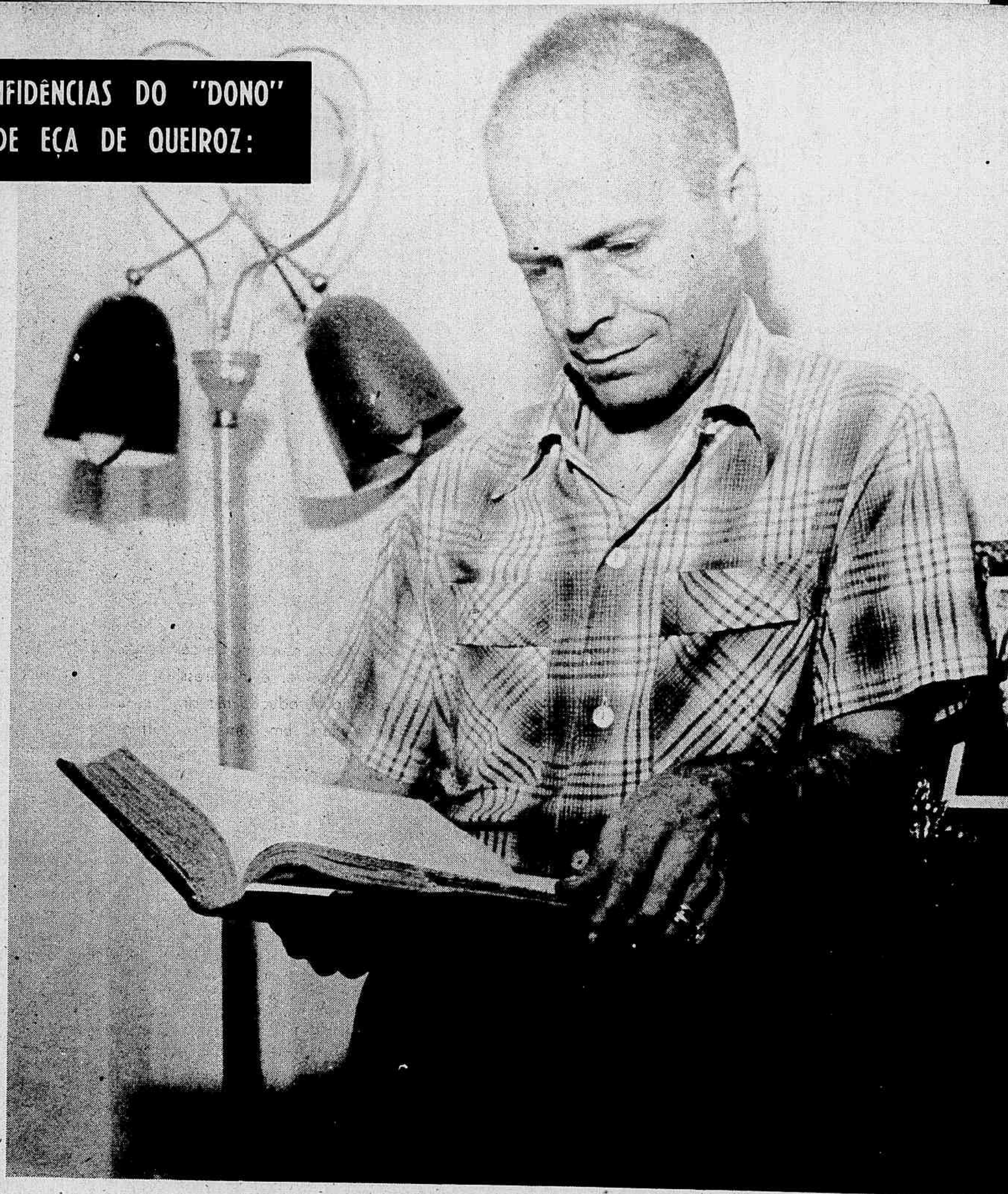


Dr. José Sette de Barros, diretor do Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (SAMDU).

sência do trabalhismo, na sua preocupação da justa remuneração do trabalho, não permitirá que se dêem esmolas e cuidará permanentemente, que sejam estabelecidos direitos Correlacionando o trabalhismo com esse meu primeiro ano de administração à frente do Samdu, posso afirmar-vos que em todos os problemas de minha responsabilidade, procurei sempre equacioná-los tendo em vista a simultaneidade, a coerência e a perfeita estabilidade. Sou pela crescente implantação de processos trabalhistas nas administrações trabalhistas. Não mais vivemos a época em que o povo existia para a economia e a economia existia para o capital; hoje não, o capital existe para a economia e a economia existe para o povo. Esses mesmos reacionários que detestam os princípios trabalhistas; que é mais fácil entrar o diabo numa igreja a servir-se de água benta do que compreenderem as idéias e os nossos princípios doutrinários: é esse o mesmo inimigo do trabalho organizado que deseja um Estado no qual a ascendência tudo signifique e o saber quase nada. É contra esta espécie de gente que lutamos. Acho-me perfeitamente à vontade porque dei o máximo de meus esforços no sentido de organização e ampliação dos serviços em todo o território nacional. Estabeleci bases de reorganização que vão sendo implantadas cuidadosamente. Tanto no plano material como no social, a fim de que pudéssemos obter um rendimento de trabalho adequado, para um órgão «suí generis» como o Samdu, estabeleci processos de funcionamento que vêm sendo executados sistematicamente. Preocupa-me sobremaneira o local de trabalho, razão pela qual já providenciei a mudança que será efetuada até o fim do corrente mês. Com substancial trabalho de reforma do Samdu, em exposição gráfica, foi pessoalmente entregue ao sr. Presidente da República, incansável batalhador, que numa sã política de bem-estar social, apoia nossos trabalhos estimulando tudo que é bom, honesto e eficiente. Os princípios nacionalistas, democratas, socialistas e cristãos encontram no Chefe da Nação, pulso enérgico e forte nos momentos difíceis da nacionalidade, timoneiro seguro de convicções indestrutíveis. A operação Pêsto vem merecendo da administração todo o cuidado, já tendo estabelecido padronização, bases de pesquisas e ações de medidas supletivas correlatas ao plano governamental. Aproveito a oportunidade para agradecer a todos os presentes essas demonstrações de carinho e simpatia, na certeza de que nada fiz por merecer tudo isso, apenas cumpri com o meu dever de soldado do PTB. Tenho dito.



**CONFIDÊNCIAS DO "DONO"
DE EÇA DE QUEIROZ:**



O general começou a «freqüentar» Eça quando tinha ainda 12 anos. Hoje, enfrenta câmaras de televisão e responde tudo sobre sua vida e sua obra.

O GENERAL (DO EÇA) FOI DERRUBADO NA TV

O MENINO DE SÃO JOÃO DEL REY QUE TROCOU (A PULSO) AS PELADAS POR 20 MIL VOLUMES —
EÇA É SEU AMIGO DESDE OS DOZE ANOS — POPULARIDADE QUE ENCABULA — MILHÕES DE CRU-
ZEIROS POR TESTES DE MEMÓRIA — QUEM É O GENERAL ANTÔNIO HOMEM DE ALMEIDA.

JA desfilaram pelo programa «O céu é o limite», respondendo sobre os mais diferentes assuntos, engenheiros, professores, médicos, advogados, sambistas, donas de casa, garajistas, jornalistas, protestantes, católicos, umbandistas, etc. Agora, respondendo sobre a vida e obra de Eça de Queiroz, fazendo jus a um prêmio no valor de 200 mil cruzeiros, temos um general da reserva, sr. Antônio Homem de Almeida.

A PERGUNTA QUE VALE 120 MIL CRUZEIROS

O general já esteve perante a câmara da televisão por oito vezes. Entre as perguntas que respondeu, achou a última difícilíssima, pois não requeria conhecimentos da vida e obra de Eça e sim, uma memória prodigiosa. Aqui está:

— Entre os ascendentes de Ramirez, vários ficaram célebres por seus feitos. Dentre eles deseja-se saber: 1) o que fez Egas Ramirez. 2) Quem foi o «Trovador». 3) Como morreu Baltazar Ramirez. 4) Um dos Ramirez acompanhou D. João VI ao Brasil, pergunta-se: seu nome, que funções desempenhava e como morreu. 5) Qual foi o «Cortador». 6) Um deles ferra suas mulas com ferraduras de prata e arruinou sua Casa com suntuosas festas de igreja. Como se chamava e sob que reinado se passou isso?

200 MIL CRUZEIROS POR UMA RESPOSTA

O general Homem de Almeida anda encabulado com a sua popularidade. Seu telefone não pára um instante. É abordado na rua por desconhecidos que o tratam como um herói. Acertando a resposta da última segunda-feira, já tem garantido um prêmio de 200 mil cruzeiros, mas o homem não quer parar. Para ele não há limites. Seu desejo é extravasar todos os seus conhecimentos e dar um pouco do que sabe sobre Eça de Queiroz, a conhecer aos telespectadores. Não desistirá, nem mesmo por um milhão, só quando fôr vencido por sua memória, pois a regra que está sendo usada no programa é essa. Seus conhecimentos são ilimitados, o que não quer dizer que tenha decorado tudo que Eça escreveu e que escreveram sobre ele.

O MENINO DE SÃO JOÃO DEL REY

O menino Antônio vivia com sua família em São João del Rey. Seu pai era um português naturalizado, bibliotecário da Municipalidade. Havia poucos funcionários para cuidar dos 20 mil volumes, daí o pai arrancar o «Taninho» das peladas, quando tinha dez anos e levá-lo para o meio dos livros, onde permanecia seis horas por dia. Até os doze anos, quando perdeu o pai, o jovem respirou literatura. Depois deixou São João del Rey e veio para a Escola Militar no Rio. Trazia consigo um entusiasmo ilimitado pela literatura em geral e as obras de Eça de Queiroz em particular. Com o consentimento paterno, aos onze anos, leu «Os contos», depois disso, escondido, saboreou o «Crime do Padre Amaro», ficando impressionadíssimo com o sonho de Amélia. Muitas noites de insônia foi o resultado. Daí para cá nunca mais se separou de Eça.

IDENTIFICAÇÃO DO MAJOR AO PERSONAGEM

Aos 22 anos, em 1932, Antônio termina seu curso, casando logo a seguir (completa bodas de prata em 1957). A noiva era carioca, com nome de romance, Sílvia. Serviu ao Exército por 28 anos, sendo transferido para a reserva em 1952. Por não ter fortuna, nem apartamento, nem automóvel, só a família para cuidar, o nosso general da reserva trabalha como engenheiro eletricista na Light. De todos os personagens das obras de Eça o que mais aprecia é Afonso da Maia, por sua nobreza de caráter. Em Artur Corvelo, de «A Capi-

tal», encontra muito de si mesmo, uma duplicidade de caracteres. Na obra classificou em primeiro lugar «A ilustre Casa dos Ramirez» e «Os Maias».

Na política, declarou preferir os Egas aos Acácios, quanto ao petróleo, foi categórico: «ele tem que passar para o nosso lado. Estamos fartos de olhar as cartas geográficas e ver nossos vizinhos cheios de jazidas petrolíferas. Para o nosso lado diziam sempre que não havia nada. Mas que agora ele passa para nós, isso passa». Pulando de um lado para outro, o irrequieto general, termina dizendo ser torcida ferrenha do Flamengo e considerar o «Céu é um limite» como uma aventura, um esporte, não vindo a reclamar, no dia em que perder, mesmo porque, não havendo limites, haverá sempre um perdedor: o concorrente...

O GENERAL MORREU AO ENTARDECER...

Já estava escrita e paginada esta reportagem quando o general foi desclassificado no programa «O céu é o limite». Com a derrubada do general ficou demonstrado que o programa é mais um teste de memória do que de conhecimentos. Depois de várias apresentações ficou exaustivamente comprovado que o gen. Homem de Almeida é um profundo conhecedor de Eça de Queiroz, sua vida e sua obra. Mas também é absolutamente certo que ele não pode saber de cor detalhes insignificantes e inexpressivos da obra de um autor tão fecundo e que deixou produção tão grande. O programa «O céu é o limite» tem evidenciado um bom nível cultural. Mas é evidente que precisa ser reformado com urgência. Pelo menos o critério e a seleção das perguntas.



A esposa do general, é a sua maior admiradora e grande incentivadora.



RIBEIRÃO PRETO

ARARAS
LEME
PIRASSUNUNGA
PORTO FERREIRA
CRAVINHOS

**12 VIAGENS
POR DIA**

PARTIDAS DE SÃO PAULO

6,05 - 7,05 - 11,05 - 15,05 - 18,05 - 22,05

PARTIDAS DE CAMPINAS

7,30 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 19,50 - 23,50

PARTIDAS DE RIBEIRÃO PRETO

5,40 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 21,50 - 23,50



AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (lgo. da Estação) - Fone 5848

RIBEIRÃO PRETO

Rua Álvares Cabral, 287 - Tel. 2385

VÁ PELO MELHOR!



AZASO EB-5

**EXPRESSO
BRASILEIRO**
VIAÇÃO Ltda.

SEM COMPROMISSO

Por FERNANDO PAULC

5 peças de Bernard Shaw estão sendo representadas atualmente na Broadway. Shakespeare jamais conseguiu ter mais de 4 peças encenadas simultaneamente na Broadway.

A princesa Grace Kelly espera gêmeos para fins de janeiro.

O cabeleireiro do duque de Edimburgo declarou que seu real cliente está perdendo os cabelos. E que faça o que fizer não escapará da fatalidade: dentro em pouco estará careca.

Na califórnia foi vendido um Rembrandt legítimo por 800 cruzeiros. Valor real do quadro: 1 milhão e duzentos mil cruzeiros.

Marcel Pagnol acaba de estreiar em Paris a sua última peça. Título: Fabien. Repercussão da estréia: ruim.

Jean Guiot, mecânico francês de 60 anos, acaba de fabricar um automóvel sem carburador e com um novo sistema de injetar combustível. Vantagem: economia brutal de gasolina.

Após a ofensiva dos Trabalhistas, Anthony Eden, primeiro ministro inglês sofreu a ofensiva do seu próprio cabeleireiro, que por imperícia lhe arrancou o bigode.

De 30 de outubro de 1955 a 30 de outubro de 1956 entraram na Rússia 125 refugiados europeus. No mesmo período entraram nos EE.UU. 45.312 imigrantes dos países satélites.

A filha do ministro russo Chepilov (do Exterior) trabalha no teatro em Bonn, na Alemanha.

Quando casou com a bela Lúcia Bosé, o famoso toureiro Dominguiim abandonou a arena. Depois de 4 anos de inatividade voltou, ainda em plena forma. Dominguiim já matou 500 touros.

Provocando brigas, discussões e vaias intermináveis a última peça de Jean Anouilh. Único indiferente e alheio a tudo: o próprio autor.

Reaparelhamento da Estrada de Ferro Central do Brasil



◆ Desde fevereiro de 1953 o dr. Jair Rêgo de Oliveira, diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil vem lutando pelo reaparelhamento da nossa maior e mais eficiente ferrovia. Ao contrário do que muitos poderão imaginar, o trabalho do atual diretor da Central do Brasil não se restringe à ação objetiva, ao empreendimento direto, como, também, à realização de uma política sutil de pacifista (é esse o termo adequado), que visa equilibrar a situação financeira do trabalhador que emprega as suas funções na Estrada de Ferro. E o que disso sentimos resultar após curto período administrativo é a coordenação de trabalho, é a concretização de planos e idéias, que pouco tempo antes pareciam aos olhos dos pessimistas, irrealizáveis.

Sabemos que o relêvo brasileiro apresenta-se de maneira singular, recortado de rios caudalosos ou de pequenos cursos d'água, conforme a região. E lembramos essa particularidade para frisarmos o serviço de conservação e distendimento das linhas férreas através do nosso imenso território. O obstáculo é pequeno e natural — diga-se de passagem — mas significa em divisas, gastos vultosos, dada a necessidade da construção de pontilhões, a canalização de águas, etc. A conservação e os reparos dos trilhos e dormentes constitui um serviço de ação constante, e, desse



trabalho resulta a maior ou menor estabilidade das composições. Com o desenvolvimento decorrente da aquisição de novas composições prepara-se a Central do Brasil para a resolução em grande parte do problema de transporte no Brasil, o que assegurará um melhor rendimento econômico ao país. Necessitamos de estradas de ferro, mais econômicas do que as de rodagem, para o escoamento dos produtos do interior para as capitais e vice-versa. E isto só o conseguiremos se tivermos à frente da nossa principal ferrovia um homem com capacidade comprovada para a realização de tão espinhoso empreendimento e que seja perseverante e intransigente nas suas atividades.

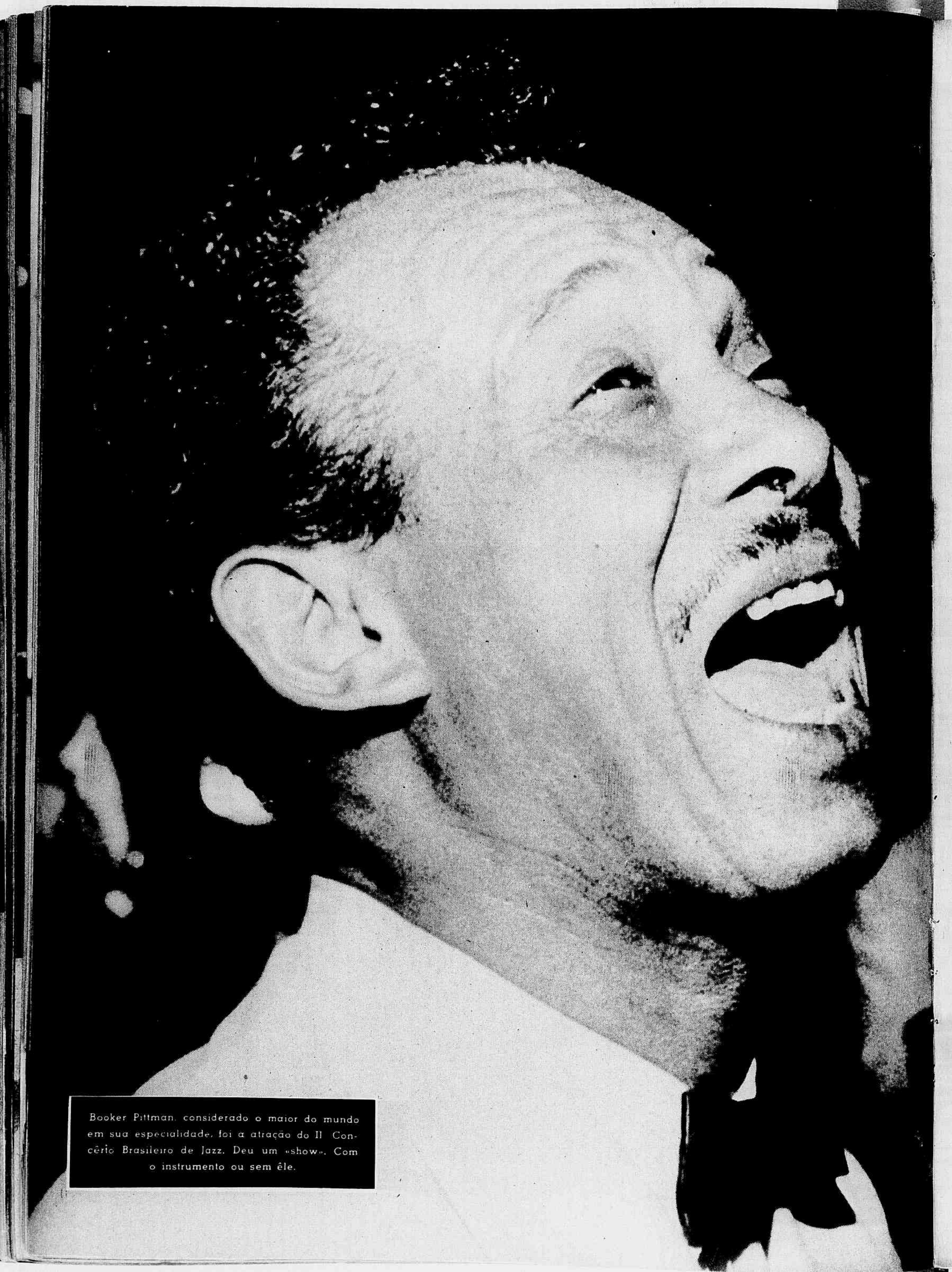


As fotos que ilustram esta nota são flagrantes colhidos durante o desfile, que tanto sucesso alcançou.

Casactol

a velha casa tradicional fundada por mme. Eugénie Dol, em 1855, a tradição de bom gosto, continua adaptada à época moderna: o desfile de vestidos, conjuntos, saias manteaux, calças, shorts, blusas, sweaters, bolsas e luvas que se realizou recentemente em sua sede à rua do Ouvidor, 129 foi muito apreciado pelas freguesas amigas que prestigiaram este estabelecimento onde encontram o «prêt-à-porter» próprio ao nosso tempo e presentes de qualidade. Por essa ocasião Dona Lia da Cunha Menezes e suas irmãs Orminda e Helena receberam as inúmeras freguesas e lhes apresentaram os manequins Elisabeth, Maia e Dulce.





Booker Pittman, considerado o maior do mundo em sua especialidade, foi a atração do II Concerto Brasileiro de Jazz. Deu um «show». Com o instrumento ou sem ele.

NO COPA, ROCK AND ROLL NÃO ENLOUQUECEU NINGUÉM

BOOKER PITTMAN, UM DOS MAIORES DO MUNDO, FOI A ATRAÇÃO DO II GRANDE CONCERTO BRASILEIRO DE JAZZ — DO «DIXIELAND» AO «COOL» — O «BIFE MAL PASSADO» BATEU PALMAS — LUIS EÇA E VIDAL MOSTRARAM A TÉCNICA — SAMBA EM JAZZ — ACABOU DE REPENTE — JAZZ É COMO ALCACHOFRA.

Reportagem de CARLOS LEMOS

Fotos de ALBERTO FERREIRA

♦ Ninguém enlouqueceu, nem ao menos levantou da cadeira e saiu dançando, quando, no II Grande Concerto Brasileiro de Jazz, no Golden Room do Copacabana Palace, foi tocado o «Rock'n'Roll», espécie de música moderna que fez a mocidade americana perder a cabeça e a Europa sair pulando.

Depois, quando acabou, alguém explicou:

— «Não é de estranhar. Na platéia só havia «entendidos» na matéria ou gente de socieda-

de. «Entendido» nunca fica satisfeito nem acha bom — tem sempre um sujeito nos Estados Unidos, pouco conhecido do público, que toca muito melhor. E para o pessoal do «society», não é «bem» sair dançando ou gritando como um alucinado, ainda mais em «black-tie».

E terminou sugerindo:

— «Faz esse negócio no Maracanãzinho, a 20 «pratas» por cabeça e você vai ver uma coisa!»

DO «DIXIELAND» AO «COOL»

Foram 49 músicos tocando jazz em benefício do Sindicato de classe e da Fundação Mário Kroeft. Executaram desde o «Dixieland» (o ortodoxo) até o «Cool» (o mais moderno), passando pelo «be bop», «swing» e outras modalidades. Desde a calma de Paulo Moura, à agitação natural de Booker Pittman.

Alguns assobios — maneira clássica americana.



O pistonista enche a bochecha e fica vermelho. O trombonista sacode a perna. Daí sai o jazz. O «Dixieland», no Copacabana Palace, fez sucesso. O «Rock and Roll» não enlouqueceu ninguém.

na de aplaudir jazz — foram ouvidos. Muitas mãos bateram palmas. Algumas cabeças balançaram, acompanhando o compasso e quase todos os pés vibraram ao som de saxofone, trompas, cornetas e baterias. Na platéia — como foi dito — a maioria era composta de frequentadores das colunas sociais, a minoria, de aficionados que fazem parte do «clube fechado» que é o jazz brasileiro, e uns poucos apreciadores não «iniciados». Esses eram reconhecidos pela animação e pelo cheiro de seus «smockings»: bolor.

BOOKER O «SHOW»

Booker Pittman, americano considerado como o maior instrumentista de sua especialidade (clarinete e sax soprano), dado como morto há algum tempo e aparecido fazendeiro no interior do Paraná, foi a maior atração do Concerto. Veio especialmente de São Paulo, onde está agora; com os «São Paulo Dixielanders», com quem toca. Entrou no palco jingando o corpo, virando e revirando os olhos muito abertos, abrindo a boca e botando a língua de fora.

Mexeu com seus companheiros, deu «good morning» — eram 23 horas — escondeu o banjo, mexeu na bateria, botou a mão nas cadeiras, contou «um, dois, três», bateu com a ponta do pé e saiu:

— «Pararuri parerara papapa...»

Seu clarinete tomou conta do Golden Room. A música veio vindo, no seu estilo clássico. Kurt, na corneta, parecia um marechal alemão. Dakowski, na bateria, tocava impassível. Souza e Queiroz, no banjo, abria e torcia a boca para o lado direito. Phill Philipp, no trombone, parecia o «Magro».

«BIFE MAL PASSADO

As cabeças balançaram, os pés bateram o compasso, todos se mexeram e Hilde, a desenhista, bateu no meu braço, apontando a moça com as costas queimadas e descascando:

— «Olha o bife mal passado batendo palmas».

Era jazz, na sua forma mais pura.

Até o fim, Booker foi a maior atração. Tirou frases de seu clarinete, cantou fanhoso, dançou, acompanhou, fez caretas e solou. O público bateu palmas e o bateria continuou impassível.



«Fats» Elpidio balançando a cabeça para baixo e para cima, para a direita e para a esquerda.



Paulo Moura, o único músico do mundo que toca o «Moto Contínuo» no saxofone. De olhos baixos, deu demonstração de clarinete.



Zacarias, clarinetista, também levou seu conjunto ao II Grande Concerto Brasileiro de Jazz.



Soprando o clarinete, Booker Pittman fez sucesso no Copacabana Palace, como faria no Harlem ou em qualquer outro lugar do mundo

COMEÇOU CALMO

O Concerto começou com uma hora de atraso, com Julie Joie, acompanhada do conjunto de K. Ximbinho, cantando «Tenderly». Depois o conjunto tocou um «bop» instrumental.

Zacarias e seu grupo vieram a seguir, com «Fats» Elpidio ao piano, com um solo que arrancou os primeiros aplausos mais fortes. Tocou «If I Love Again» e uma dama da sociedade riu com «Fats» jogando a cabeça para cima e para baixo, para a direita e para esquerda. Os sete músicos de Kuntz vieram em seguida, com Dalgio se sacudindo todo, junto com seu trombone. O pistonista sopra, enche a bochecha e fica vermelho.

EÇA, VIDAL E A TÉCNICA

Tocando «Laura», tema clássico, em três tempos, vieram dando uma exibição de técnica, Luís Eça e Vidal. Piano e contrabaixo. Vidal tocou no primeiro tempo, contrabaixo com arco. É uma das primeiras vezes que isso acontece no mundo, em matéria de jazz. Fechava os olhos e jogava o queixo para frente. Luísinho, moço de 21 anos, esperança do jazz brasileiro,

quando dá uma boa tirada no piano, abre a boca e ri. No intervalo recebeu abraços.

SAMBA EM JAZZ

Comandando 10 músicos veio Clélio Ribeiro. Junto, Paulo Moura, o único homem do mundo que toca o «Moto Perpétuo» em saxofone. Executaram um «Samba em Jazz», que proporcionou a Clemildo o primeiro solo de bateria da noite.

Júlio Barbosa, com seu conjunto, trouxe o «cool jazz». Foi a hora dos solos. Júlio, no piston, com os olhos fechados. Paulo Moura, no saxofone, com os olhos baixos. Astor no trombone, com as pernas sacudindo. Aurino no sax barítono. Paulinho, ganhando palmas e assobios na bateria.

INTERVALO

Eram 23,45 horas e houve um intervalo. Passeios, anotações dos colonistas sociais e uísque no vestibulo. Didu é apresentado a Luís Eça.

FLÂMULAS E ORQUESTRA

Com oferta de flâmulas aos organizadores (Jorge Guinle, Everardo Magalhães Castro, Ari

Vasconcelos, Pedro Müller, Alberto Pittigliani, Geraldo Miranda, João Rezende e Sílvio Túlio Cardoso) foi reiniciado o Concerto. Hélio Marinho aparece para dirigir grande orquestra, com 19 músicos, em arranjos atonais.

ROCK'N'ROLL

É a hora do «Rock and Roll». Vêm os «Farroupilhas», conjunto vocal do Rio Grande do Sul, para cantá-lo. Três rapazes e duas moças, que jogam os braços para cima e sacodem as pernas, sem conseguir tirar o «society» de sua calma ou os «entendidos» de seu «desprézo». Depois, Cipó passa a dirigir e dedica um número a «Booker Pittman, que vem ouvir sentado no palco, fazendo os mesmos trejeitos de antes. Deu gargalhadas, ficou sério, descansou a cabeça entre as pernas, bateu palmas e pôs a língua de fora. De repente, sem aviso prévio, depois do «Concerto de Jazz», de Cipó, termina o II Grande Concerto Brasileiro de Jazz.

E alguém comenta:

— «Gostar de jazz é como gostar de alcachofras. É diferente!»



A esquerda, Vidal, o que tocou contrabaixo, com arco, fazendo jazz. Um dos primeiros a usar essa inovação. Com Luís Eça forma uma dupla de respeito. Fecha os olhos e empina o queixo. Julie Joie e o conjunto de K. Ximbinho deram início ao Concerto de Jazz. Julie cantou «Tenderly».

Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LITE

POESIA

POEMA ONZE DE "O AERONAUTA"

*Com desprezo ou com ternura,
podereis tratar-me, agora.
Tudo vos digo:
chorais o que não se chora.
E os olhos guardais esquivos
ao que a vida mais procura,
por eterno compromisso.*

*Sob o vosso julgamento,
com o meu segredo
tão sem mistério,
tão no rosto desenhado,
para como um condenado.
E logo volto.
Subo ao meu doce degrêdo.*

*Como exígua lançadeira,
vou sendo o que melhor posso
de novo e antigo,
do que é meu e do que é vosso,
dos mortos como dos vivos,
por salvar a vida inteira,
que me tem a seu serviço.*

*E agora podeis seguir-me,
sem mais tormento,
sem mais perguntas.
Tudo é tão longe e tão firme!
Além da estrêla e do vento
passa o Aeronauta
com sua mitologia.*

*Não clameis por sua sorte!
Tanto é noite quanto é dia.
E vida e morte.*

CECILIA MEIRELES

ARQUIVO

MAX ELSKAMP

♦ AO RESPONDER a um questionário que lhe havia sido enviado por seu amigo Van Bever, assim traçou o grande poeta e gravador belga Max Elskamp sua biografia: «Biografia. Nascido em Antuérpia, de pai flamengo e mãe francesa, a 5 de maio de 1862 (tronto materno de origem escandinava, muito provavelmente). Influência do meio. A rua Saint-Paul (em Antuérpia) onde nasci, rua Consulsats, marítima, bordejando o Escut. Nossa casa estava encravada — por assim dizer na igreja Saint Paul, e minha infância decorreu sob os sinos, no meio de campanários, limitada por um terrível calvário, obra prima de algum sacristão alucinado, onde se via, por entre barras de ferro, o Cristo no túmulo e, em imensas e terríveis chamas vermelhas, as almas serem torturadas no Purgatório. Em agosto passavam por nós baleias, os gigantes dos Omme-gancks (cortejos) flamengos; e durante o inverno, assim perto do rio, as noites eram verdadeiramente horríveis e cheias de ruído de vento, de geadas e de marés. Na casa de meus avós paternos imperava Dona Mercadoria: chá, açúcar, cafés, passas de Corinto, que até nos chegavam através de um brique chamado «L'Ortélius» e um barco de três mastros, quadrado, batizado «le Louis». Acho que o que faço foi muito influenciado por tais coisas, que datam de minha meninice. Depois, a vida me rodeou, mais neutra, parece-me; e, a parte a prática de minhas tarefas e o que toca na alma tradicional do povo, poucas coisas agiram sobre mim».

Na biblioteca de um avô, o jovem Max Elskamp, aos 14 anos, descobriu as «Noites», de Young, um livro de San Juan de la Cruz, e um terrível tratado de... Demonologia. Foram os primeiros livros que verdadeiramente o conquistaram. Porém, a grande influência a agir sobre Max Elskamp não proveio dos poetas, mas dos pintores. Um visual foi ele, e nas retinas guardou, para sempre, as cenas que mais tarde reproduziria em poemas e em gravuras (pois Elskamp foi também grande como gravador). Em carta a um amigo, afirmava ele: «Je crois que plus que les lectures, ce sont les peintres qui ont agi sur moi d'une façon prépondérante...» (1).

Já formado em Direito, quando parecia extinta a vocação artística, eis que ela se manifesta mais forte do que nunca, por ocasião de uma desilusão amorosa. O poeta tenta fugir à dor, viajando. Porém, quando volta, já não é mais o jovem advogado Max Elskamp, e sim o futuro grande poeta Max Elskamp. Discípulo de Mallarmé mais que de Verlaine (em Verlaine, la musique est admirable, mais le vrai Dieu pour moi, c'est Mallarmé), misturavam-se, em Elskamp, as admirações por Platão e pelos místicos, o amor aos ocultistas, como Papus e Eliphas Levi, e aos astrólogos, e afinal, a adesão ao Bu-



Max Elskamp com um relógio solar (desenho de Jean de Boschère. 1921).

dismo, por volta de 1910: «Il y a une chose que tu ne sais pas, c'est que je suis Bouddhiste depuis quinze ans...», escreverá ele a um amigo em 1922 (2). Morrerá alguns anos mais tarde, a dez de dezembro de 1931, tendo deixado a seguinte obra: «L'éventail japonais», 1886; «Le Stylite», 1891; «Dominical», 1892; «Salutations, dont d'Angéliques», 1893; «En Symbole vers l'apostolat», 1895; «Six Chansons de Pauvre Homme Pour Célébrer la Semaine de Flandre», 1895; «Le Louange de la Vie», 1898; «Enluminures», 1898; «L'Aphabét de Notre Dame la Vierge», 1901; «Les Commentaires et l'Idéographie du Jeu de Loto dans les Flandres», 1914; «Sous les Tentes de L'Exode», 1921; «Chansons Désabusées», 1922; «La Chanson de la Rue Saint Paul», 1922; «Les Sept Notre-Dame des Plus Beux Métiers», 1923; «Les Délectations Moroses», 1923; «Chansons d'Amures», 1923; «Maya», 1923; «Remembrances», 1924, e «Aegri Somnia», 1924. Ainda apareceram, póstumamente, três livros: «Huit Chansons Reverdiées», em 1932, e «Les Fleurs Vertes» e «Les Joies Blondes», em 1932. A Biblioteca Real de Bruxelas conserva porém, na seção de Manuscritos, inúmeros originais do poeta, originais que certamente virão um dia à luz. Quanto a estudos sobre Elskamp, talvez os melhores tenham sido os que lhe dedicou seu amigo de Boschère: «Max Elskamp», Paris, 1914, e «Elskamp, l'Admirable», 1934.

NOTAS:

1 — «Max Elskamp», por Robert Guette. «Poètes d'aujourd'hui» 45. Seghers Editor, Paris, 1955, página 26.

2 — Idem, página 94.

"DISPERSÃO", DE EDSON GUEDES DE MORAIS

◆ QUANDO NESSAS mesmas páginas critiquei o pessimismo desenfreado e que nada tinha de artístico do jovem Wilson Alvarenga Borges, autor de «O Silêncio e a Rosa», conquistei as antipatias de alguns dos jovens membros do simpático «Clube dos Doze», ao qual pertence Wilson. Agora, examinando o livro de estreia de Edson Guedes, temo que aquelas antipatias se solidifiquem, se expandam e adquiram corpo. Porque «Dispersão», de Edson Guedes de Moraes, também me pareceu livro artisticamente falho, e nele só uma vez ou outra é ouvida a voz de seu jovem autor, que ainda está por demais subordinado, por demais escravizado, à poética do grande Fernando Pessoa. A influência, em Literatura, em si não é um bem ou um mal; porém, quando busca soterrar totalmente sob seu peso a individualidade do escritor, deve esse reagir, sob pena de deixar de existir. Em Edson, o poeta de «Ode Marítima» está presente quase que a cada página, a começar da epígrafe. Veja-se, por exemplo: «Esplim», a primeira estrofe de «Tempo e Causalidade», que recorda Ricardo Reis, o poema tão bem realizado, aliás — «Fernando Pessoa», o poema da página 33, à maneira de Alberto Caeiro («Estou só e é melhor que assim seja: / se eu tivesse alguém comigo, / amanhã de manhã ia-se embora / e eu ficava triste»), o poema «Chaplin», o que começa com o verso «Porque um cais é para mim» — tema que Pessoa desenvolveu de maneira maravilhosa justamente na «Ode Marítima», e tantos mais. Dir-se-ia é que Edson Guedes de Moraes busca afinar seu instrumento pelo poderosíssimo do português, com evidente prejuízo para si mesmo.

E porque assim fará Edson, se na segunda parte de seu livro, onde creio vibrar mais autêntica a própria voz do poeta, mais inde-

pendente e forte, encontro poemas já de nível bastante superior aos da primeira, tais como os da página 51 («Desespéro de sentir / a vidas e esvaindo / torneira aberta / sobre um chão de pedra»), o imediatamente seguinte: «E esta alegria / fora de tempo / que vem agora, / de onde é que vem? / Será pedaço / de uma alegria / sentida outrora / antes perdida, / que vem agora?», a bela «Carta de Maloa», alguns mais? Em Edson Guedes de Moraes, porém, o poeta ainda não se traduz em poemas perfeitos, mas em versos isolados, um momento poético aqui, outro acolá («Pensar em alguma coisa dói», «o sangue escorre de meus pulsos rasos», etc.). Além do que, ele ainda não está seguro de sua linguagem poética. Impossível escrever um poema como «Iniciação», que a seguir transcrevemos, salientando os lugares comuns:

Os dedos distendi
e as MÃOS VAZIAS,
livres de ambições,
banhei nas FONTES PURAS
das TERRAS DE NINGUÉM.
Depois fiquei ao sol
e a BRISA MANSA
trouxe mensagens
de além da vida,
e os meus dedos captaram
a POESIA DAS COISAS.

É um poema como esse, em má hora escrito, que mostra como, em Edson Guedes de Moraes, ainda é pequeno o artista, como ele precisa evoluir, para afinal, liberto das amarras que o peiam hoje, e já dotado de maior experiência poética, de maior intimidade com os vocábulos, conseguir traduzir, em verso, sua mensagem.

(1) — Edson Guedes de Moraes: «Dispersão». Poemas. Coleção Clube dos Doze. Rio de Janeiro, 1956. 77 páginas. Uma ilustração do autor.

NOTAS E INFORMAÇÕES

GABRIELA MISTRAL, poetisa chilena que já mereceu o Prêmio Nobel, acha-se enfêrma, em um hospital de Nova York.

CASTRO REBELLO, presidente do «Clube dos Maníacos do Eça», ameaçou retirar-se da sociedade, caso conhecido colunista social comparecesse ao jantar comemorativo do primeiro aniversário de fundação.

O PRÊMIO Monteiro Lobato, de cem mil cruzeiros, será possivelmente concedido já em 1957. Criado durante o recente Congresso de Editores e Livreiros, destina-se à melhor obra do ano, nos gêneros conto, ensaio e literatura infantil.

THIAGO DE MELLO editará, pela José Olympio, um volume contendo todos os livros de poesia até agora por ele escritos: «Silêncio e Palavra», «Narciso Cego», «A Lenda da Rosa» e o ainda inédito «O Andarilho e a Manhã».

GRANDE SUCESSO alcançou o livro de Brito Broca sobre «A Vida Literária no Brasil — 1900», editado há três meses pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura (5.000 exemplares esgotados); tanto, que a José Olympio já contratou com o ensaísta uma próxima edição, maior, da obra.

UM CONTO de Dinah Silveira de Queiróz estampado no primeiro número da revista feminina «Lady» acaba de ser adquirido por cento e vinte mil cruzeiros por um produtor paulista, que pretende filmá-lo.



O PROCESSO BONNARD

◆ Foi em 1897 que Pierre Bonnard conheceu aquela com quem muitos anos depois casar-se-ia, legalizando uma união que já durava trinta e cinco anos. Dizia chamar-se ela Marthe de Melliny, mas em verdade seu nome era Maria Boursin. Em 1925 — quando da celebração do casamento entre ela e o já maduro pintor —, persistiu a mulher em declarar-se Marthe, e aos oficiais de registro, afirmou que não tinha pais, irmãos ou outros quaisquer parentes. Marthe — ou melhor Maria Boursin — faleceu em 1942, sem testamento. Mas, alguns meses depois da morte, a Justiça francesa comunicou ao artista, absolutamente ignorante da legislação vigente, que a finada tinha direito à metade do patrimônio do pintor, metade que passaria de novo às mãos do artista, já que Maria não deixara descendentes nem possuía parentes, ao que se julgava. Porém, como não tivesse, infelizmente, sido feito um testamento, Bonnard teria de sujeitar-se, até que tudo se esclarecesse, às formalidades da lei: deveria fornecer uma caução, proceder-se-ia a um completo inventário de seus quadros, e, nesse entremeses, seu atelier ficaria fechado.

Com setenta e cinco anos, ingênuo, mal imaginando o que seu ato poderia vir a causar, resolve Bonnard seguir o conselho de algum amigo inescrupuloso: forja, então, um falso testamento em seu próprio favor. Assim, ganharia tempo, não prejudicaria ninguém. Afinal de contas, herdaria aquilo que sempre fôra seu. Ele mesmo redigiu o documento, e o apresentou à Justiça, que deu o caso por encerrado, mesmo porque logo após os nazistas ocupavam Cannes, onde vivia Bonnard. Em 1947, a 23 de janeiro, o grande artista morre. Deixava como herdeiros — irmão e irmã, e alguns sobrinhos. Acontece que o patrimônio bonnardiano elevava-se a alguns milhões de francos, que tanto valiam as telas que se acumulavam, em toda parte, por seu atelier. E logo se apresentaram, como herdeiras de tudo, certas senhoritas Bowers, sobrinhas da finada mulher do artista, Maria Boursin. As jovens sabiam da falsidade do testamento de 1942, e invocaram, em juízo, essa falsidade. Tiveram, é claro, ganho de causa. Parte do espólio de Bonnard lhes pertenceria.

E aí é que chegamos ao ponto principal do caso: qual é, em se tratando de um artista plástico, o legado de suas obras? Farão parte de tal legado aquelas apenas esboçadas, as inacabadas, ou mesmo somente as que deu por definitivas seu próprio criador? Aham os parentes de Bonnard que só as telas terminadas e dadas como tal pelo pintor; as Bowers, que mesmo as inacabadas. A legislação francesa, que estabelece que para músicos e escritores, manuscritos e peças inéditas não entram num inventário, inexplicavelmente nada norteia, em se tratando de pintores e escultores. Aliás, é bem difícil fazer a distinção entre o que seja uma obra de arte visual completa, e outra ainda em esboço. Quem deverá fazer tal distinção? O próprio artista? Um crítico de artes? A verdade é que o processo Bonnard serviu para chamar a atenção para diversos pontos omissos da legislação francesa, em relação a certas particularidades da vida quotidiana de um artista. O processo ainda se arrasta, lentamente, pelos cartórios de França. Mas é de se esperar que, dêle, venha emanar alguma luz, sobre questão antiga e de tal importância, qual seja: o direito que um artista possui sobre sua própria obra.

NOTAS

FRASE DO crítico Michel Ragon, colocada em seu livro «L'Aventure de l'Art Abstrait» como epígrafe: «La critique d'art est aussi imbécile que l'Esperanto»...

EXPOSIÇÃO, NO Ministério da Educação, de Sorensen; de Franz Krajaberg na Petite Galerie, de Orlando da Silva, no Liceu de Artes e Ofícios.

A VELHA «Gazette des Beaux Arts», fundada em 1859, e que a partir do início da guerra de 1939 nunca mais se publicou com regularidade, vai de novo aparecer mensalmente. O número de outubro marca o reinício de sua publicação normal.



RITA MORENO

começou imitando Marilyn

UMA das mais fabulosas morenas de Hollywood é, sem dúvida, Rita Moreno, nascida em Pôrto Rico e educada em New York e já com um bom número de filmes a seu favor e assediada pelos fãs e produtores americanos. De temperamento dinâmico, vivo e comunicativo. Uma das características de sua personalidade é a contagiante alegria de viver. Em seus filmes Rita tem personificado mulheres temperamentais, mas em "O Tenente Era Ela" personificava uma garôta que imitava Marilyn Monroe, em versão morena. Entretanto a sua maior oportunidade veio-lhe através das mãos de Walter Lang, que a dirigiu em "O REI E EU" (The King and I), com Deborah Kerr e Yul Brynner, onde revive a princesa "Tuptim", já interpretado por Linda Darnell na versão plana de Irene Dunne e Rex Harrison. Sua voz cálida já fez dobragem para muita estrela famosa, tais como, Elizabeth Taylor, Margaret O'Brien, Peggy Ann Garner e Lana Turner, falando e cantando por elas no mais puro espanhol. Sua maior ambição na vida fora e longe dos "spot-lights" é casar-se com um jovem americano e ter, pelo menos, seis filhos.

(Fotos T.C.FOX)





PARA SUBSTITUIR OS VELHOS PREPARAM-SE OS BROTO DE HOLLYWOOD

ANTHONY PERKINS: PREPARADO PARA SER O MARLON BRANDO DE 1957 — ROBERT WAGNER O PROTEGIDO DE SPENCER TRACY — PAUL NEWMAN COMEÇOU INTERPRETANDO A VIDA DE ROCKY GRAZIANO — TAB HUNTER QUASE ASTRO AOS 23 ANOS — PERRY LOPES TEM UMA CREDENCIAL: FOI O MELHOR AMIGO DE JAMES DEAN — DON MURRAY TEVE UM EXCELENTE COMEÇO NO CINEMA: INTERPRETOU UM RAPAZ APAIXONADO POR MARILYN MONROE — 1956 FOI O ANO DE JEFREY HUNTER: 3 FILMES DE SUCESSO E O DIVÓRCIO DE BARBARA RUSH — WILLIAM CAMPBELL, UM JOVEM COM FUTURO GARANTIDO — CLIFT ROBERTSON: TALENTO E EXPERIÊNCIA — JOHN KERR O INTELLECTUAL DA BROADWAY — SAL MINEO AOS 15 ANOS QUASE GANHOU UM «OSCAR» COM SEU TRABALHO EM «JUVENTUDE TRANSVIADA» — RICHARD DAVALOS SE FEZ NOTAR PELO SEU TRABALHO COMO IRMÃO DE JAMES DEAN EM «VIDAS AMARGAS».

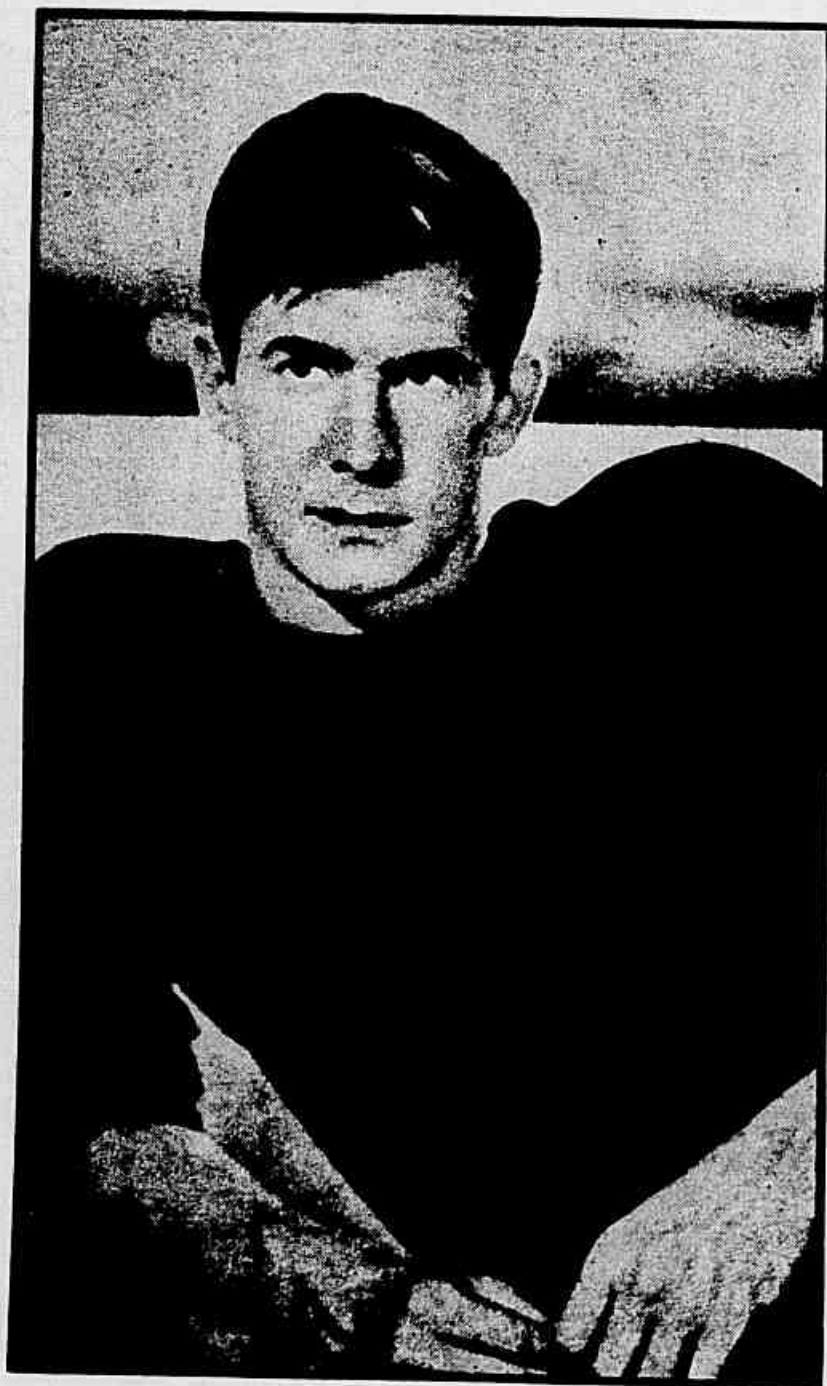
Reportagem de MAURO BRAGA

SÃO os próprios produtores e diretores de Hollywood que afirmam: «os jovens atores do cinema americano estão demonstrando uma notável seriedade e uma noção de responsabilidade surpreendente».

Pelo menos uma dúzia deles vai abrindo rapidamente caminho pela selvagem estrada de Hollywood, e se colocando em posição de substituir alguns veteranos que já vão apresentando sintomas de cansaço.

PROBLEMA: INDEPENDÊNCIA ARTISTICA

O principal problema que se apresenta a um ator jovem e praticamente desconhecido, é a escolha de papéis. Ou faz qualquer coisa



O Marlon
Brando
de 1957

Anthony Perkins é um predestinado para a arte. Aos 12 anos já representava e aparecia na TV. Sua primeira aparição foi ao lado de Gary Cooper dirigido por William Wiler. Agradou e hoje é um dos mais procurados de Hollywood.



O protegido
de Spencer
Tracy

Aos 26 anos Robert Wagner já é um cantor (e um ator) de primeira grandeza. Foi Spencer Tracy (que tem grande admiração por ele) que trocou seu nome para Robert Wagner. Robert nunca estudou canto e começou no cinema fazendo pontinhas.



Abriu
caminho
com
os punhos

Paul Newman (na foto com Joan Collins) se afirmou depois de haver feito uma parte importante na comédia «Picnic». Seu primeiro filme de sucesso como astro é uma biografia de Rocky Graziano, o campeão mundial de box. Newman é o próprio.

que os produtores e diretores exigirem ou não progredirá jamais.

Montgomery Clift é um exemplo excelente e quase uma exceção: apareceu em Hollywood como quase todo mundo, a procura de um emprêgo. Foi considerado um tipo excelente e teve duas oportunidades que aproveitou muito bem. Mas logo depois começou a se rebelar e a não querer fazer papéis secundários. Recusou mesmo aparecer num filme supercolorido entre milhares de comparsas. Foi pôsto à margem completamente. Para ganhar a vida e para que seu nome não ficasse completamente esquecido foi trabalhar num teatro de segunda categoria em Nova York. A jornalista Ruth Waterbury escreveu então na sua coluna de «Photoplay» que as condições econômicas de Montgomery eram insustentáveis e que só não passou fome em virtude da generosidade de Frank Sinatra. E só depois que acalmou seu gênio rebelde, é que pôde voltar a Hollywood onde teve uma grande oportunidade: o papel principal de «Caminho ao Vento» um dos pontos forte da próxima programação da Metro. Hollywood sempre foi hostil aos atores que não querem se submeter dócilmente a produtores e diretores. Mas depois do sucesso e da consagração Hollywood se arroja aos pés do ator e seus mínimos desejos são atendidos com voluptuosidade.

A NOVA GERAÇÃO DE HOLLYWOOD

Montgomery Clift pode ser considerado o fundador (no após guerra) dessa nova esco-



O homem
do ano

Jeffrey Hunter (que já esteve no Brasil) teve em 1956 o seu grande ano. Fêz três filmes de sucesso, sendo que um com John Ford. Foi descoberto quando trabalhava numa companhia ambulante de teatro. Ainda este ano conseguiu se divorciar da estrêla Barbara Rush.



Futuro
garantido
no cinema

William Campbell depois de 3 anos de espera, conseguiu se impor como ator com seu trabalho em «Homem sem medo», de King Vidor. Também trabalhou em «2455, a cela da morte». As revistas de cinema falam dêle como um ator de futuro certo e garantido.



Astro con-
sagrado
aos
23 anos

Tab Hunter fêz uma ponta no primeiro filme de James Dean para a Warner. Depois apareceu mais umas duas ou três vezes sem obter sucesso. Esta foto (com Natalie Wood) é de seu próximo filme que vem obtendo êxito e elogios da crítica.



O melhor
amigo
de James
Dean

Perry Lopes (uma descoberta de Joshua Logan) foi considerado o maior amigo de James Dean. Nascido em Nova York de família espanhola, esteve no teatro e resolveu tentar a vida em Hollywood. Vai fazendo boa carreira e tem futuro.



Um cowboy
para
Marilyn

Don Murray, filho de um coreógrafo e de uma bailarina, foi escolhido por Buddy Adler (entre 40 candidatos) para representar um «cowboy» apaixonado por Marilyn Monroe em «Bus Stop». Depois disso ganhou um excelente contrato.

OS BROTOS DE HOLLYWOOD



Talento
e força
de vontade

Cliff Robertson é um dos jovens de maior experiência de Hollywood. Já trabalhou em várias peças de teatro e apareceu mais de 100 vezes na televisão. Sua grande chance: (e aproveitou-a) em «Fôlhas de Outono» trabalhando com Joan Crawford.



Intellectual
da
Broadway

John Kerr, formou-se em Harvard defendendo uma tese sobre literatura russa. Trabalhou vários anos na Broadway. Tem 24 anos, e já fez dois filmes: um com Leslie Caron e uma comédia de Robert Anderson onde faz o papel mais importante.

la de atores de Hollywood. Ele é verdadeiramente o «primeiro jovem leão» de um grupo disposto a triunfar no cinema, sem sujeição e sem submissão.

Nas águas de Cliff vieram Marlon Brando e James Dean, considerados as duas maiores revelações do cinema nos últimos 10 anos. Os três criaram de tal maneira um estilo particular de interpretação que por muitos e muitos anos o cinema será dominado por ele. Todos três vieram do teatro, nunca estudaram arte dramática, chegaram a Hollywood levados mais pela intuição do que pela convicção. E não será fora de propósito lembrar que antes de se transformar em ator famoso, Rodolfo Valentino foi jardineiro, Gary Cooper «cowboy» e John Wayne jogador de futebol. A revelação do ator é uma coisa miraculosa, como a explosão inesperada e repentina de um gênio encoberto e desconhecido.

A maior parte dos novos atores do cinema, da geração que vai substituir os donos da bilheteria de hoje, de John Kerr e Sal Mineo, de Cliff Robertson e Paul Newman, de Perry Lopes e Dick Davalos são atores improvisados, que **resolveram** se dedicar ao cinema. Mas apesar de aparecerem em papéis inexpressivos não estão dispostos a fazer qualquer coisa a obedecer cegamente a diretores e produtores. É possível que paguem caro por esse espírito de independência. Mas como são muitos com a mesma disposição, há uma probabilidade de reformarem as relações ator-estúdio e colocarem o assunto em novas bases.

O NOVO CINEMA AMERICANA

O novo cinema americano está desenvolvendo uma geração que conhece a fundo a sua própria cotação na bolsa cinematográfica. O personagem de «A Grande Chantagem» de Cliff Odetts, cada vez vai se tornando mais raro em Hollywood. Hoje, logo que seu nome vai abandonando o anonimato os atores fazem valer seus direitos. Cercam-se de ótimos conselheiros, agentes, advogados e até técnicos em economia e finanças. E se aceitam um contrato a longo prazo (que é sempre uma tentação) se reservam sempre uma grande margem para especulações futuras, conforme as circunstâncias o permitirem. E não abrem mão do direito de voltar ao teatro quando o entenderem pois a hierarquia artística da Broadway é bem mais alta que a de Hollywood.

Sonham em conquistar a liberdade e produzir por conta própria, mesmo que seja apenas para fugir ao imposto sobre a renda.

A verdade indiscutível é que em Hollywood está surgindo com a nova geração, um outro tipo de ator: o intelectual, que sabe o que quer e como consegui-lo.



Quase
um «oscar»
aos 15 anos

Sal Mineo quase ganhou um «Oscar» com a sua interpretação magistral em «Juventude Transviada». Mineo que tem apenas 17 anos saiu de uma companhia de crianças para Hollywood. Seu próximo filme é «Crime na Rua».



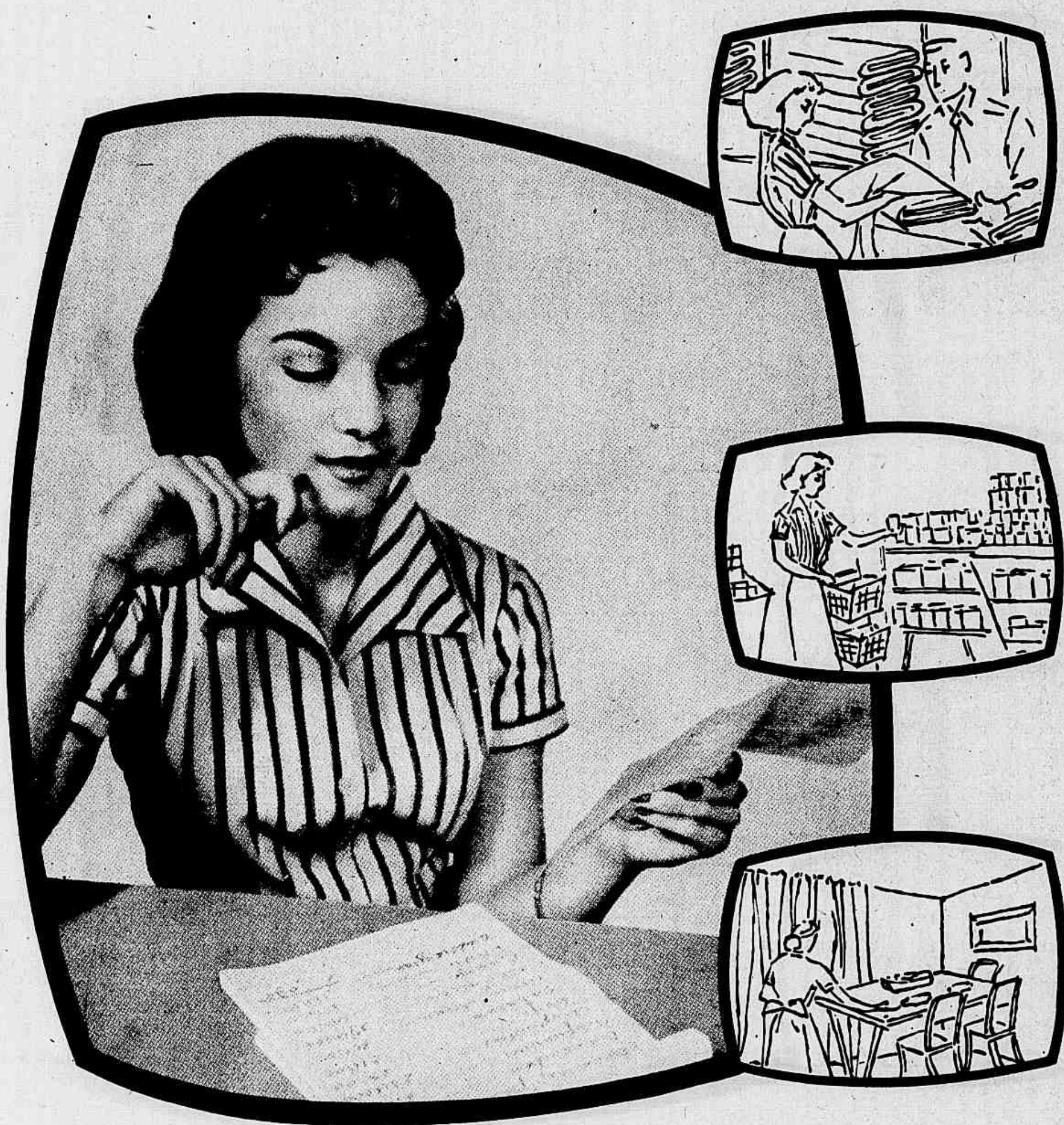
O irmão
camarada

Richard Davalos se fez notar pelo seu excelente trabalho em «Vidas Amargas» como o irmão camarada de James Dean. Começou estudando ballet mas desistiu e resolveu fazer um curso de interpretação. Hoje trabalha no cinema, no teatro e na TV.

ENERGIA ELÉTRICA

A SUA MELHOR COMPRA

Pense no número de vezes que V. utiliza a energia elétrica, diariamente, no seu lar, avalie o tempo que você ganha, considere os serviços que recebe, e calcule quanto vale tudo isso...



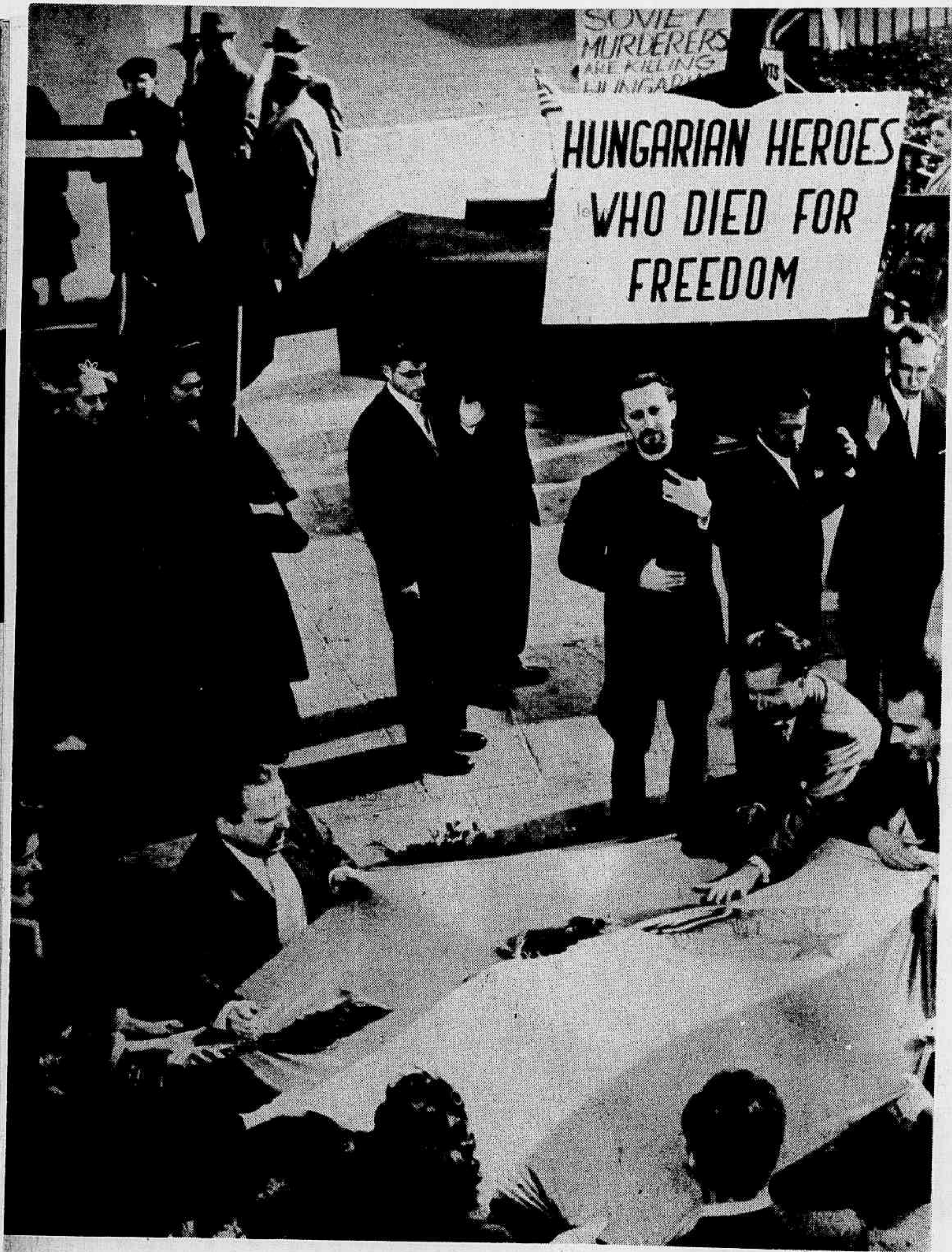
Você verá que, dentre tôdas as compras que faz, a de energia elétrica é a mais vantajosa.

A ELETRICIDADE FOI A MERCADORIA QUE MENOS SUBIU DE PREÇO NOS ÚLTIMOS ANOS.



AS TARIFAS DE ENERGIA ELÉTRICA DO RIO DE JANEIRO
SE SITUAM ENTRE AS MAIS BAIXAS DO MUNDO.

A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL



TERROR NA HUNGRIA

Texto de HERMANO NOBRE ALVES

VELO do fundo da revolução na Hungria a mais severa e amarga crítica às posições políticas das nações do Ocidente, feita por quem tinha autoridade moral para isso — um professor universitário de Budapeste que participou, ativamente, da insurreição patriótica contra a dominação comunista russa.

Trata-se de uma carta, escrita quando as tropas da União Soviética, por determinação do marechal Júcov, desencadeavam o terror na Hungria. A carta foi enviada, clandestinamente, a um professor universitário austríaco que a remeteu ao jornal «Vorwärts», órgão do Partido Social Democrata da Alemanha, em Bonn. Foi publicada, por motivos óbvios, sem a assinatura do autor. Transcrevemos, aqui, os pontos principais:

— «Quando você receber estas linhas — ninguém sabe se as nossas pessoas de confiança chegarão à Áustria — nós estaremos presos, assassinados, ou sendo caçados.

«Esta é a mais desumana das tragédias mundiais. A União Soviética conseguiu destruir o que construímos com perseverança. Nem uma palavra mais de reconciliação, de penitência, de convivência! A grande mentira se abateu sobre o nosso pobre país.

«Vocês, do Ocidente, têm memória fraca! Em 1849, derrubamos os Habsburgos do trono, escolhendo para regente da Hungria a Kossuth, em cujo nome agora combatemos. O que se seguiu foram os enforcamentos e as torturas. A quem recorreram os Habsburgos? Ao

exército russo. Nada menos de 13 generais húngaros morreram na força. A inteligência foi exterminada.

«Depois da primeira guerra mundial, tivemos o reino de terror de Bela Kuhn e Tibor Szamuely. O que se seguiu foi outro reino de terror. Horthy e os irmãos Heijas e seus sequazes assolaram o país. O terror branco não quis ficar atrás do terror vermelho. Ao tempo de Horthy, com o cruel Goemboes e a terrível gente da cruz e flexa, não houve democracia, um momento sequer. Não houve democracia na Hungria até 1945. E, na segunda guerra mundial, perdemos 600 mil homens.

«Vieram em seguida os russos e cometeram crimes iguais ou piores dos que praticaram na Áustria. Vocês sempre acreditaram que a nossa juventude estava soviética e perdida, definitivamente, para a civilização. Será que essa juventude conseguiu, finalmente, ensinar-lhes a lição? Nós, professores, com trabalho indescritível, educamos a mocidade para a crença na liberdade e na democracia. Agora, a mocidade húngara ergueu, a si mesma, um monumento de bronze.

«Quem foi, porém, que nos dividiu? Não foi, somente, a arte de mentir dos russos e dos seus auxiliares traidores. Não foi, apenas, a sua superioridade de meios. A Inglaterra, desta vez, deu à Rússia um exemplo.

«Que recebemos, nós, os húngaros, durante 10 anos? Vocês agiram como se houvesse, apenas, húngaros comunistas. Fomos menosprezados, escarnecidos, tratados com desdém. Vocês nos trataram como a

cães sarnentos e nos abandonaram. Vocês procuraram deturpar até aquilo que houve de bom em nosso país. E, por meio de mentiras — dirigidas por organizações centrais — vocês nos expulsaram do convívio das nações. E, no entanto, nós precisávamos, tão somente, de uma palavra amiga!

«Otto Habsburgo saiu, muito rapidamente, da sua toca, para reclamar a coroa de Santo Estêvão. E tem expressado os seus desejos de que haja nova guerra de maneira ostensiva (o adversário deve ser esmagado quando está enfraquecido — disse Otto Habsburgo numa entrevista).

«O maior latifundiário e explorador agrícola, conde Esterhazy, um dos primeiros que libertamos, começou a organizar, imediatamente, um movimento que visava a entrega de todas as terras dos pequenos agricultores e posseiros, mais uma vez, às mãos dos poucos senhores feudais.

«O cardeal Mindszenty, um dos prelados mais belicosos da Europa, para o horror dos católicos, entrou em atividade, tirando do seu saco o gato monarquista e antidemocrático.

«Será que fizemos a libertação para que os postos de mando caíam, novamente, nas mãos de Otto Habsburgo, do conde Esterhazy e do cardeal Mindszenty?

«Como foi dificultada a tarefa de Imre Nagy! Ele não é um homem brilhante mas foi quem dirigiu o ultimato aos russos e deu liberdade à imprensa e aos partidos, foi quem organizou uma coalisão eficiente e trabalhou noite e dia. E, vocês, no Ocidente, ajudaram a cavar a sua cova — onde também a Hungria está sendo sepultada. O Ocidente só nos mandou a Ferenc Nagy — o fascista. Foi esta a sua única contribuição política.

«A escuridão cai, novamente, sobre nós. Estou certo de que a Hungria sobreviverá. Mas perguntamos: quantos irão morrer, desta vez?»

Enquanto as tropas soviéticas — com quase 5 mil tanques — dizimavam os revolucionários húngaros, que fazia o Ocidente?

Os Estados Unidos limitavam-se a protestos, indignados mas platinicos, feitos na ONU.

A maior parte do eleitorado norte americano votou pela paz e pela prosperidade, mesmo que elas sejam conseguidas às custas do sacrifício alheio. Os candidatos Eisenhower e Stevenson fizeram pronunciamentos de quem se horroriza com o caso mas não quer se envolver nele.

O governo conservador da Inglaterra, de Anthony Eden, e o governo da França, do socialista Guy Mollet, perdiam toda a autoridade moral ao se aproveitarem da revolução húngara para secundar a ação do Estado de Israel contra o Egito. E, assim agindo, davam cobertura à União Soviética para desencadear a sua ofensiva contra os patriotas húngaros.

O «chanceler» Adenauer, da Alemanha Ocidental, protestou. O Papa Pio XII, também. O governo espanhol, do general Franco, secundou-os. O marechal Tito, da Iugoslávia, criticou a ação russa mas deu apoio ao governo títere de Janos Kadar. E a coisa ficou por aí.

Mas não foi apenas o Ocidente que abandonou os patriotas húngaros. O primeiro ministro Nehru, da Índia, mostrou muita preocupação pelo caso Suez mas aceitou a versão oficial russa sobre o caso da Hungria. Foi preciso que houvesse protestos, dentro do Partido do Congresso, para que Nehru se dispusesse a condenar — de maneira muito prudente — a intervenção russa.

Enquanto isso, em Budapeste e em toda a Hungria, operários e camponeses, estudantes e soldados, intelectuais e mercadores, comunistas ou não, lutavam contra as tropas do Exército Soviético e mandavam pedidos, desesperados, de auxílio, como aquela mensagem que foi passada, por teletipo, da redação do jornal «Szabad Nep», de Budapeste, para a agência Associated Press, em Viena, e que dizia:

Jovens preparam cocktail Molotov e granadas para combater tanques pt Estamos calmos e não temos medo pt Mandem dizer isto ao mundo pt.

E, adiante:

Esta gente não devia estar atacando tanques com mãos nuas pt Que estão fazendo as Nações Unidas interroga

Dêem-nos algum encorajamento pt

Corre um rumor de que tropas americanas estarão aqui dentro de uma ou duas horas pt

E terminou:

Adeus amigos adeus amigos — Deus nos projeta — Os russos estão muito perto pt

PREMEDITAÇÃO

Para o ataque ao Egito, a França assinou um acordo secreto com Israel, no mês de setembro. O governo Mollet enviou, secretamente, 30 aviões a jato do tipo «Mystère» para a força aérea israelense. A Inglaterra somente aprovou a idéia do ataque na segunda quinzena de outubro, depois de fracassados os seus esforços para afastar da Jordânia a influência do coronel Nasser. Houve, então, uma conferência, em Londres, de Eden, Mollet, Pineau e Lloyd — os primeiros ministros e os seus ministros do Exterior. Os assessores, secretários e taquígrafos foram dispensados. Somente esses quatro homens sabiam do segredo. Os Estados Unidos de nada sabiam. Os oficiais do Estado Maior da Inglaterra receberam ordens para suspender, durante algum tempo, os seus contactos com os militares norte-americanos. Enquanto isso, os tanques de guerra que participariam da expedição, eram pintados de amarelo, cor de areia do deserto. E, em Londres, imprimia-se moeda de ocupação.

SURPRESAS

O ataque israelense ao Egito estava previsto para o dia 4 de novembro. Foi antecipado de uma semana quando o primeiro ministro Ben Gurion chegou à conclusão de que a Rússia não poderia, mais, reprimir, facilmente, a revolta popular na Hungria. Com os Estados Unidos ainda em final de campanha eleitoral e impossibilitados de uma intervenção decisiva, havia chegado a hora. Essa precipitação impediu, porém, que as forças combinadas anglo-francesas agissem com a rapidez que se havia previsto. Essa demora anglo-francesa foi fatal à intervenção porque permitiu aos Estados Unidos exercerem forte pressão diplomática e à ONU uma tomada, imediata, de posições.

INDÍCIOS

Durante a reunião secreta do presidente Eisenhower com seu gabinete e 23 congressistas democratas e republicanos, em que foi analisada a questão do Oriente Médio, o almirante Arthur Radford, chefe do estado maior das forças armadas, deu a seguinte informação:

Dois aviões ingleses foram abatidos em combates aéreos a 50 mil pés de altura, um sobre o Líbano, outro sobre a Síria. A força aérea dos Estados Unidos não crê que os pilotos de caça egípcios estejam preparados para tais façanhas por causa do seu treinamento deficiente. A opinião americana é de que esses aviões foram abatidos por pilotos russos que tripulavam aparelhos egípcios estacionados na Síria.

PREVISÕES

O governo norte-americano previu que seriam necessários entre dois e quatro meses para «limpar» o canal de Suez dos navios afundados, propositadamente, pelos egípcios. O cálculo, porém, foi otimista. Ao que indicam as estimativas mais recentes, o canal somente poderá ser desimpedido com trabalho incessante em quatro meses, na melhor das hipóteses, ou em um ano, na pior. A ação de sabotagem ordenada por Nasser obstruiu o canal em 49 lugares. Todas as 12 dragas da Companhia do Canal de Suez, por exemplo, foram afundadas, deliberadamente, pelos egípcios. Além disso, a dragagem do canal deve ser diária, para que não se formem bancos de areia. E, este serviço está interrompido. A ONU precisa obter permissão do governo egípcio para que equipes de salvamento funcionem em Suez. Quando esta revista estiver circulando, o governo egípcio, provavelmente, já terá dado essa permissão — a menos que haja nova reviravolta no Oriente Médio. As equipes que desimpedirão o canal serão holandesas, dinamarquesas, alemãs, italianas e turcas.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

O CAMPEÃO DERROTADO

◆ Vitorio Johanson, campeão da Europa de meio-pesado, beija a lona e perde o título ao enfrentar Cezare Cavicchi, de quem se vê (foto) apenas as pernas. Cavicchi por essa vitória recebeu 14 milhões de liras (mais de mil e quinhentos contos) e Vitorio apenas 7 milhões de liras (750 contos).



O NOVO CARRO RUSSO

◆ Este é o mais recente lançamento russo em matéria de automóvel: a Moskvitch tipo 402, 4 lugares, 4 portas, faz 300 quilômetros com 20 litros de gasolina, 900 quilos de peso. Velocidade média: 100 quilômetros por hora.



OS AMORES DE PORFÍRIO RUBIROSA

1939 — O primeiro casamento de Rubirosa, com Flor de Oro Trujillo, filha do ditador de S. Domingos. Com o casamento Porfirio ganhou um emprego de diplomata em Paris. O casamento durou pouco, mas o emprego resiste até hoje. O divórcio veio em 1941.

1942 — Segundo casamento, agora com Danielle Darrieux, estrela do cinema francês então no auge da fama. Com a queda da França Danielle foi considerada «colaboracionista» e encerrou sua carreira no cinema. Seu casamento com Porfirio acabou em 1945, com a guerra.

1947 — Depois de algumas aventuras amorosas, D. Rubirosa resolveu tentar pela terceira vez a «felicidade conjugal». Escolheu então a milionária Doris Duke. Durante 3 anos deu tudo certo. Mas depois a inquietação de Rubirosa reapareceu e em 50 veio a separação.

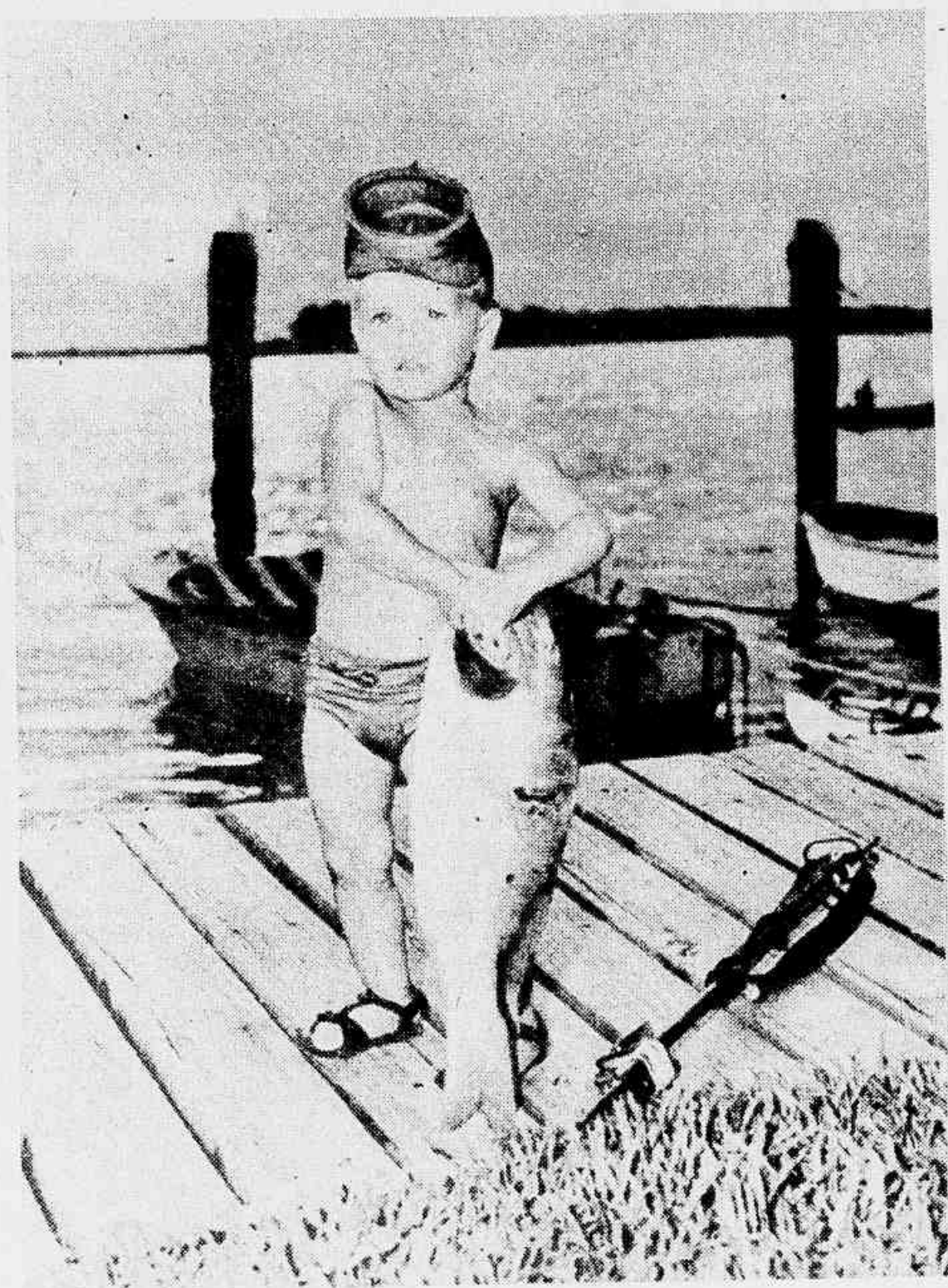
1953 — O casamento mais espalhafatoso (e o mais rápido) foi o quarto, com Barbara Hutton, milionária desajustada, também com vários fracassos matrimoniais no seu acervo. Quando parecia que ia casar com Zsa Zsa Gabor, preferiu a conhecida milionária.

1956 — Divorciado de Barbara Hutton descansou um pouco os amores e se dedicou ao pólo e ao automobilismo. Andou envolvido em novos casos com a mesma Zsa Zsa Gabor, mas de repente encontrou um brôto de 18 anos, Odile Rodin, que em menos de 3 meses era a sra. Rubirosa número 5.



HERDEIRO DO TRONO ITALIANO

◆ Este é Vitorio Emanuele de Savoia, herdeiro do trono italiano. Tem 17 anos, e é apaixonado por arquitetura e automobilismo. O príncipe esteve recentemente em Roma visitando toda a cidade em companhia de um amigo. Foi hóspede da sra. Yorge Palau, cuja família é tradicionalmente ligada aos reis de Itália.



CAMPEÃO DE PESCA DE MERGULHO

◆ Este é o novo campeão mundial de pesca de mergulho, da sua categoria bem entendido. Tem 3 anos, pesa 18 quilos e já tem fígado alguns peixes quase com esse peso. Passa mais tempo em baixo d'água do que em cima, mora no Canadá, e para desmentir o ditado («filho de peixe peixinho é») é um dos 4 filhos de um carpinteiro que tem horror ao mar.



CINCO EXPRESSÕES DE AUDREY HEPBURN

♦ Uma das belezas mais puras e calmas do cinema, Audrey Hepburn é hoje também uma das maiores atrações de bilheteria. Adorada em todos os continentes, mares e ilhas, Audrey aparece nesta página em cinco expressões encantadoras.



POR ESSE MUN- DO DE DEUS

MORDIDA POR UM CÃO RAIVOSO

♦ Esta menina de 2 anos e meio foi mordida por um cão raivoso. Vacinada imediatamente, quase morreu, pois por uma singular anomalia de seu organismo, a vacina anti-rábica não produziu nenhum efeito. Em desespero de causa os médicos aplicaram um novo soro que ainda estava sendo testado e nunca havia sido experimentado. A menina imediatamente ficou fora de perigo.

ATENÇÃO AUTOMOBILISTAS

♦ Esta bela jovem estava terminando seus estudos quando perdeu os pais. Para não deixar a universidade teve que procurar emprego. E o primeiro que encontrou (e que imediatamente aceitou) foi o de auxiliar numa oficina mecânica. E por uma coincidência singular aumentou espantosamente o número de carros que procuram a oficina com pneus furados.



A MISS (DE BIKINI) E JEAN NEGULESCO

♦ Esta bela jovem de bikini é Mirva Arvinen, Miss Finlândia, que no ano passado foi expulsa da Itália numa decisão incompreensível e absurda. Jean Negulesco o grande diretor cinematográfico quando viu Mirva de bikini (foto) exclamou: «sou agradecido à mãe de Mirva e a Finlândia por terem produzido beleza tão extraordinária». E contratou a moça.



ASSASSINA AOS DOZE ANOS

♦ Com um machado e um martelo, Patricia Corcoran (foto) de apenas 12 anos, assassinou seu pai. Justificativa de Patricia: seu pai não queria lhe dar 5 dólares semanais para as suas despesas. Depois de horas de interrogatório inútil, Patricia declarou: «não tenho que dar explicações a ninguém sobre meu comportamento».



A DESTALINIZAÇÃO NA HUNGRIA

♦ A estátua colossal de Stalin (foto) no momento em que era arriada de seu pedestal na avenida principal de Budapeste. Durante a heróica resistência do povo húngaro a estátua de Stalin foi arrastada pelas ruas como um troféu. Quando terminou o massacre e finalmente os russos dominaram a cidade a estátua estava em pedaços.



OS AVIÕES VÃO VOLTAR À MARINHA

SÃO PEDRO DE ALDEIA, FUTURO CENTRO AERONAVAL — A CIDADE — CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O ASSUNTO — O QUE SERÁ O CENTRO NAVAL — FALA O COMANDANTE — A IMPORTÂNCIA DA AVIAÇÃO — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reportagem de LÚCIO CARDOSO

Fotos de A. FIGUEIREDO

SÃO Pedro de Aldeia, como tantas cidades fluminenses, guarda uma irremovível lembrança de tempos antigos. Sua ilhargia está povoada de ruínas que atestam um grande passado — e bem de frente da lagoa Araruama, que é o principal atrativo para os turistas de hoje, existem quatro grandes portas de pedra, que rememoram com suficiente grandeza e imponência um tempo que já ecoou há muito. Numa delas, precisamente aquela junto da qual o repórter foi fotografado, está escrita uma data — 1841, e daí para cá, através desses cento e tantos anos decorridos, a cidadezinha tem emergido numa bruma lenta, de que não a consegue libertar nem mesmo sua maravilhosa e cintilante paisagem.

Em São Pedro de Aldeia, o que impressiona desde o primeiro minuto é a sua claridade. Tudo o que em torno não é branco, é azul. Os moinhos giram incansáveis preparando sua enorme ração de sal, as dunas se acumulam, umas já amarelas de ferrugem, outras ainda imaculadas, como pirâmides de cristal trabalhadas ao longo das praias. Pois foi este burgo quieto e adormentado em suas tradições que acordou de repente, acordou agora, para um futuro que se anuncia dos mais trepidantes e

movimentados. Pelas estradas que conduzem à cidade vizinha à Cabo Frio, já começou a trafegar veículos diferentes, viaturas militares, conduzindo engenheiros, comandantes, técnicos, toda uma população que vem se abancar aos pés da cidade, anunciando-lhe dias de grande projeção e de incalculável importância para a vida nacional. Digamos desde já: São Pedro de Aldeia acaba de ser descoberta pela Marinha.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É um fato hoje mais do que sabido: o principal fator que fez Hitler perder a guerra, foi a divisão, por ele levada a efeito, entre a Aviação e a Marinha. Desuniu-as, estabelecendo para cada uma um papel diferente. E ao proceder assim, enfraqueceu ambas, que não puderam em separado suportar os golpes conjuntos da Aviação e da Marinha inimigas. A lição é mais do que proveitosa, principalmente sabendo-se que, fora o Chile, o Brasil é o único país do mundo que possui também as duas armas separadas. Forjou esse desquite, em idos da Ditadura, o então ministro Salgado Filho. E assim até hoje a separação tem continuado, com evidente prejuízo da Marinha, que poderia contar com o apoio de uma Aviação Naval, tal como ocorre em todos os países do mundo. E não se

compreende isto, principalmente numa era que bem poderia ser caracterizada como a dos porta-aviões, que levam a Aviação aos mais distantes lugares do mundo, possibilitando a manutenção de bases em pontos considerados estrategicamente impossíveis. Mas o erro não tardará a ser corrigido. Anuncia-se que a Marinha nacional possuirá de novo sua aviação própria. E o primeiro passo para isto, como tão amplamente foi noticiado nos jornais, concretizou-se com a aquisição do porta-aviões inglês «Glory», que mesmo sendo um tanto antiquado, possui características de sobra para ser ainda uma importante arma de guerra. Outros passos, no entanto, já se acham em andamento.

O CENTRO DE S. PEDRO

Não pode haver uma Aviação Naval perfeita sem um Centro de estudo e treinamento. Assim pensando é que a Marinha, depois de muito estudar, escolheu a pequena cidade de São Pedro de Aldeia para futuro centro aero-naval do Brasil. Para isto já adquiriu naquele município uma área de dez mil metros de extensão, com uma frente de quatro quilômetros e meio, próxima à estrada RJ 5, que conduz diretamente a Cabo Frio. Para comandante desse futuro centro, foi designado o comandante José Leite



AQUI, SOB AS ORDENS DO COMANDANTE JOSÉ LEITE, ESTÁ SENDO LEVANTADO O CAMPO DE EMERGÊNCIA.

EIS O QUE VOCÊ QUERIA

"Cibrasil" oferece agora também CHEVROLETS



Estamos agora lhe oferecendo mais esta oportunidade — ganhar um lindo CHEVROLET 1956, pelo novo e super-vantajoso plano CIBRASIL! Não perca esta grande vantagem!

O próximo sorteio será no dia 20 de dezembro! SEJA O GRANDE FELIZARDO CIBRASIL DÊSTE NATAL! Não hesite! Informe-se nos endereços abaixo ou peça a visita de um inspetor.

1956

Cibrasil

Carta Patente 158

AGÊNCIA CASTELO: Av. Almirante Barroso, 81-A — Tel: 22-4626

Informações:

GOVERNADOR: Av. Paranaíba, 1563 D — BONSUCESSO: Rua Cardoso de Moraes, 55 — LEBLON: Av. Bartolomeu Mitre, 297-A
Sucursais em: S. PAULO - CURITIBA e P. ALEGRE

1.532

Soares Júnior, auxiliado pelo comandante Mário Rodrigues da Costa, que é ao mesmo tempo aviador e engenheiro civil, com mais de doze mil horas de voo. Este último foi especialmente encarregado de estudar as condições do terreno escolhido, e depois de meses de apurado estudo, chegou à conclusão de que tratava-se da área ideal, não só no que diz respeito à visibilidade e salubridade, como também no que diz respeito à ventilação. Note-se, São Pedro de Aldeia é o lugar mais ventilado do mundo: lá sopram constantes ventos tagueiros, como diria o poeta fluminense Casimiro de Abreu.

FALA O COMANDANTE

Procurado pela «Revista da Semana», o comandante José Leite Soares Júnior, que é moço, culto e modesto, foi logo explicando:

— Como já acentuou meu colega comandante Mário Rodrigues da Costa, o local escolhido pela Marinha reúne todos os requisitos. Além do mais, possui a vantagem de ser terreno cheio de lagoas, sobressaindo-se a Lagoa Araruama, que permite a amerrissagem de hidros de todos os tipos, e com grande facilidade dada a calma de suas águas. Já o mesmo não aconteceria com local que contasse puramente com o mar — nem sempre as ondas permitem a descida de aparelhos. Revele-se ainda o fato de que São Pedro de Aldeia está servida por ótimas estradas de rodagem, perfeitas e modernas, bem como por eletricidade própria, água, etc. Distância apenas vinte minutos de carro da importante cidade de Cabo Frio, e fica a duas horas da Base Central do Rio de Janeiro.

A IMPORTANCIA DA AVIAÇÃO

A uma pergunta nossa, o comandante Leite esclarece ainda:

— Não se compreende mais uma Marinha sem asas, principalmente quando ninguém mais fala em «defesa do país», e sim «defesa do hemisfério». O Brasil irá patrulhar o hemisfério, policiando assim suas vastíssimas costas de oito milhões e quinhentos mil quilômetros de extensão. E a esta altura que se poderá verificar a importância dos porta-aviões, verdadeiras bases flutuantes.

— Isto é para breve? — indagamos.

E ele:

— Para muito breve. Teremos a construção de nossos navios intensificada. Isto é tanto mais compreensível, quanto se sabe que não possuímos boas estradas, e que portanto nenhum número de caminhões, por maior que seja, substituirá o inestimável serviço que um navio poderá prestar. No caso, portanto, o porta-aviões resolve perfeitamente o problema.

Perguntamos se ficariam com apenas o porta-aviões agora adquirido. Ele foi peremptório:

— Não. Outros porta-aviões virão. Dentro de alguns anos a Aviação Naval Brasileira estará muito desenvolvida.

Perguntamos quando seriam iniciados os trabalhos de São Pedro de Aldeia.

— Em março próximo, informou. E dentro de cinco anos o Centro de Instrução e Adestramento de São Pedro de Aldeia estará completamente construído, inclusive com sua Vila Militar. Imagine-se o quanto um empreendimento

dêsse vulto virá transformar a pacata fisionomia dessa cidade. Pode-se dizer que se transformará num outro município.

Como indagássemos como seriam ministradas as instruções, respondeu:

— Em forma de curso intensivo para que não seja retardada a criação da engenharia naval. Esses cursos serão ministrados a partir do próximo ano, de acordo com o convênio celebrado com a Universidade de São Paulo. Serão eles feitos por oficiais que se diplomaram nos Estados Unidos e na Inglaterra.

E concluindo, com largo sorriso otimista:

— Assim, com mais algum tempo estaremos construindo nossos próprios navios de guerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não resta dúvida de que a Marinha está com a razão: não se concebe um grande progresso naval sem o concurso da aviação.

Enquanto voltávamos, e o carro deslizava magicamente pela magnífica estrada asfaltada, fomos contemplando a tradicional paisagem de moinhos e dunas de sal — toda a riqueza de São Pedro de Aldeia. E ao mesmo tempo, sonhando, víamos os dias futuros, com os hidros balouçando à superfície das águas da lagoa. Sem dúvida o sal, de que a região é rica, lá continuará tornando branca e espectral a paisagem — mas o sangue tonificante que correrá pelas veias do velho município será outro e suas glórias vindouras serão outras, argamassadas no metal dos aviões que rullarem através do céu azul — este sim, indestrutível e permanente.

ETERNA PRIMAVERA



Vista parcial de ÁGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

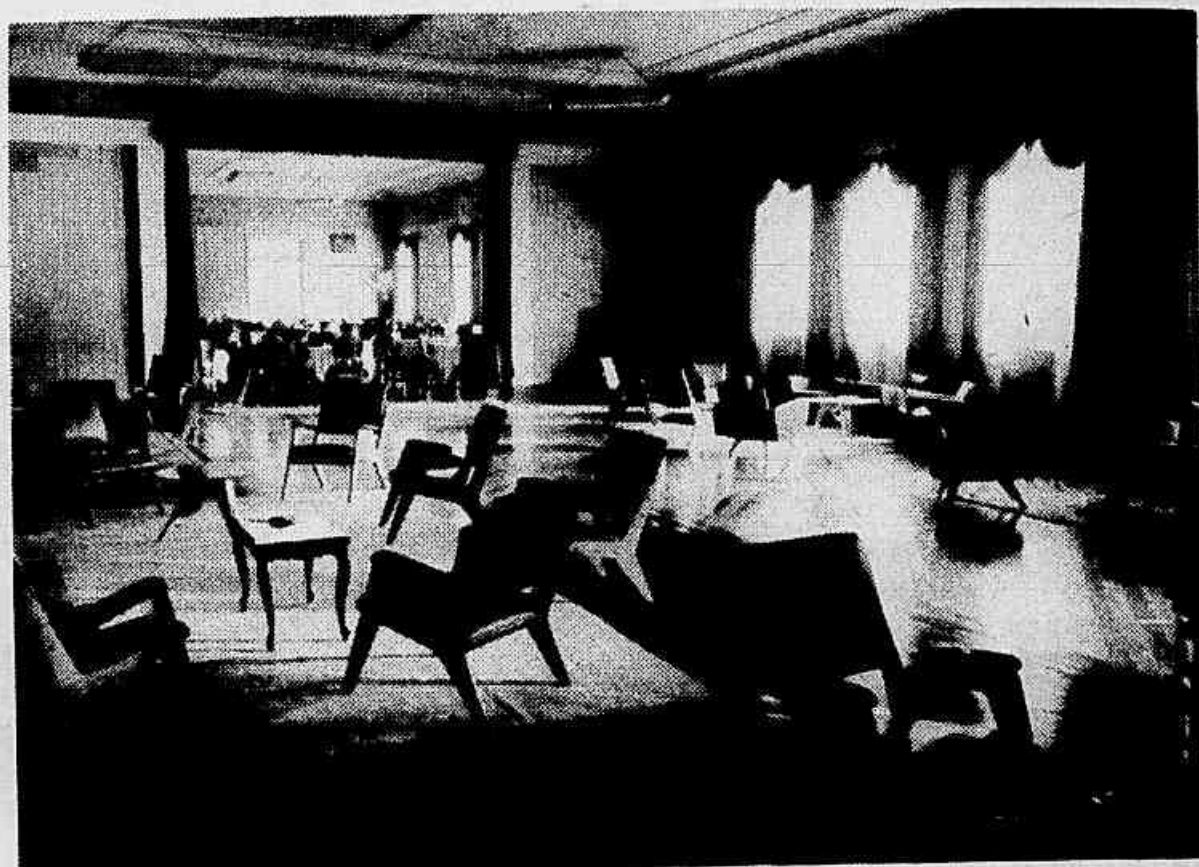
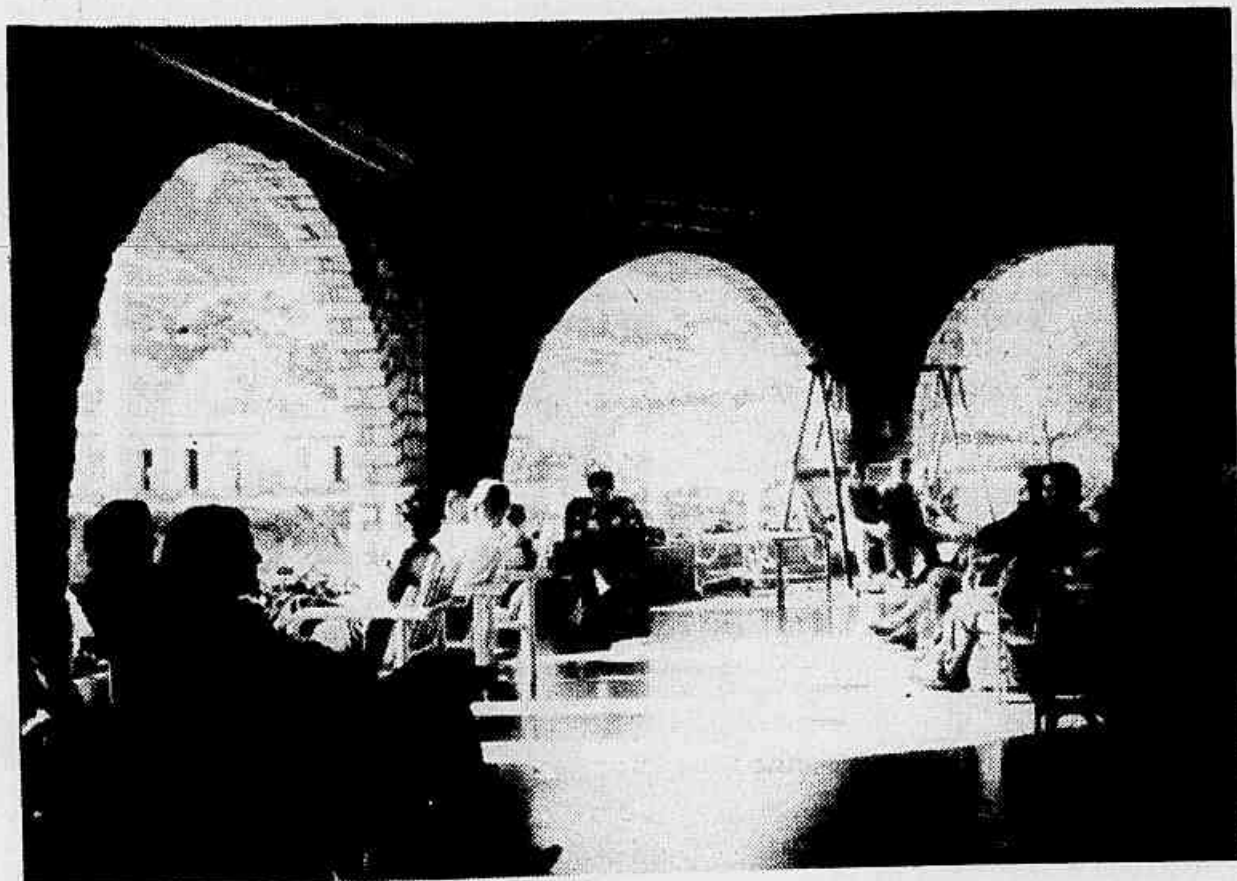
◆ Águas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num esconcho de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernal. «ÁGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «ÁGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gota.

AS DÁDIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACOLHEDOR, O

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. À direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

Reservas de aposentos: «Exprinter» e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4, Águas da Prata, Est. S. Paulo ◆ ÁGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

PÁGINAS DO GALO BRANCO

MORREU Antônio Ferro — de quem tenho tantas e tão gratas lembranças, o meu querido Antônio Ferro... Revejo-o no portão de sua Legação de Portugal, em Berne, onde fui visitá-lo e em que me hospedei por alguns dias; gordo, moreno, já um tanto cansado me aparece ele agora nessa imagem. Passou-se o encontro a que me refiro, o último que tivemos neste planeta, há seis anos. Andamos pelas ruas da capital da Suíça, certa noite, ao léu. Os dois conversando. Berne dorme cedo. É a cidade mais ajuizada do mundo. Trocamos então saudades de coisas que vimos juntos e principalmente do Portugal que Antônio Ferro me mostrou. Falamos da Festa de Duas Igrejas, em Tras-os-Montes, com os rústicos representando a Tragédia da Cruz, das nossas visitas a aldeias no Minho, nas **terras frias**, de nossa estada em Macedo de Cavaleiros, em casa do Doutor, da praia de Olif em que nos sentimos atraídos estranhamente por um mar tão verde, como igual nunca víamos. Falamos dos seres que encontramos na vida — de Natalie de Persen, com quem almoçamos em Paris em companhia de André Maurois, Robert Kemp e Jacques de Lacretelle e de Augusto de Castro; conversamos também e principalmente sobre Cotinelli Telmo, um dos grandes amigos de Ferro, figura extremamente interessante, homem ágil, sensível, inteligente, um dos seres mais originais que conheci em Portugal, e que o mar assassinou sem dizer água vai, sem razão, sem provocação alguma de parte da vítima, inopinadamente, batendo covardemente com toda a sua força desmesurada num ser que amava e compreendia profundamente as belas coisas e que se metera pela primeira vez, talvez, na sua bela vida cheia de aventuras, com as águas do Oceano.

x x x

UMA amizade se forma principalmente de idéias e sentimentos que se somam de encontros no espaço em que se estende e habita o nosso ser invisível, de aproximações verificadas no que chamamos de mundo do espírito. O amor pelas mesmas coisas, a escolha e eleição dos mesmos poetas, dos mesmos músicos, dos mesmos pintores, dos mesmos romancistas, a concordância em torno da apreciação e julgamento sobre acontecimentos e homens, tudo isso, pode, deve, há de concorrer para formar uma amizade. Mas, é preciso não esquecer que a amizade não tem leis necessariamente certas, e que mesmo comungando em idéias e preferências pode ser impossível a aproximação de dois seres. Andando pelas ruas de Berne com Antônio Ferro, sentia eu que o meu companheiro de passeio era na verdade um amigo. Tendo vivido longe um do outro, em sítios distantes e diferentes, separados por muitas coisas, com uma convivência bastante precária — feita de encontros fugidios com longos espaços perdidos e demorados, sem que houvesse notícia sequer, do que se passava, com um e com o outro — apesar disso, era um amigo meu esse ser que me conduzia através da cidade suíça, iluminada e quase deserta, e que me mostrava numa vitrina acesa ainda, livros, os belos livros que amávamos os dois.

x x x

A AVENTURA política de Antônio Ferro fôra causa de uma série de confusões e de ódios em torno de sua incompreendida pessoa. Geralmente os homens que mais se dedicam à arte de explicar, de esclarecer, de orientar e dirigir a opinião pública são os que mais permitem que o equívoco se forme sobre as suas próprias cabeças. Ferro foi o anunciador de Oliveira Salazar, o homem que disse não só aos portugueses mas um pouco a todo o mundo quem era essa figura estranha de estadista, de realizador eficiente, discreto e elegante, mas um pouco, talvez muito pouco mesmo, e ligeiramente desalmado, que operou a revolução incruenta do ressurgimento português. Antes das famosas entrevistas do meu amigo morto, com o Presidente do Conselho, publicadas pelo Diário de Notícias de Lisboa, e reunidas depois em volume, o doutor Salazar era apenas, para muitos de nós, um professor de ciências

econômicas que tentava pôr ordem nas finanças lusitadas. Ferro deu-nos a revelação do homem, transmitiu-nos o **charme** desse lúcido espírito, revelou-nos o aspecto secreto do discreto estadista, de quem um amigo meu italiano, o inteligentíssimo Pepo Naldi, disse certa vez que possuía o aspecto de **preceptor de um príncipe ausente**... Ferro movimentou, tornou mais europeu também o Portugal de hoje. É que Portugal dá a impressão — antes de Salazar então muito mais que hoje — de estar tão longe do resto da Europa quanto o Brasil pelo menos. Sabia-se mal e imperfeitamente o que se passava no pequeno país espetado diante do mar-oceano, última terra do ocidente perdida no começo das grandes águas atlânticas. Houve muito português que revelou, que transmitiu na sua pátria, as modas, a cultura, o espírito inglês, francês, italiano, alemão e outros, mas não creio que nenhum tenha sabido revelar Portugal aos grandes países ocidentais, tal como o realizou Antônio Ferro. Ele soube fazer da propaganda uma verdadeira obra de arte. Soube convencer e seduzir algumas personalidades das mais arreadas sobre as excelências da revolução salazarista. Para dar pormenor expressivo, basta dizer que o incrível Paul Leautaud, o solitário, o agressivo, o difícilíssimo, me falou, certa vez que **«em toda a Europa, na atualidade só há um homem merecendo ser considerado estadista: o ditador de Portugal — doutor Salazar. Mais nenhum»**. Era a ação de Ferro que fôra atingir, como depois me foi dado apurar, o mais arredo dos seres que a França ofereceu ao mundo. Não importa onde eu fui, pela Europa, encontrei traços de **propaganda** inteligente, justa, que Antônio Ferro soube levar a efeito, propaganda não apenas de um regime político, de um governo, mas principalmente de seu país. Ele sabia falar de Portugal com um jeito de apaixonado que procura conter-se, dominar-se na ilusão de não se expor a grandes sofrimentos. Ferro amava a matéria de sua propaganda — amava o seu país como se ama uma mulher. Era amor realmente, amor! Com o seu ar que dava a falsa impressão de estarmos na presença de um descrente, de um homem que superara todas as decepções deste mundo, escondia-se um ser, no fundo ingênuo, capaz de sofrer com a menor injustiça — e Deus sabe quantas não conhecera ele ao longo de sua vida. O seu jeito distante, mal disfarçava o interesse pelas almas, pelos acontecimentos, a fome de conhecer os sentimentos alheios, a curiosidade por tudo o que de vivo, de diferente se apresentava diante dele. Era um grande sentimental, apesar de todos os seus modos cosmopolitas, um sentimental à boa moda lusitada. Amava a ação, os homens de guerra, os grandes estadistas, os movimentos sociais, os construtores, as inovações, as coisas que ferem a rotina, as originalidades, mas no fundo de sua alma morava um pássaro triste espiando uma tarde chuvosa.

Morreu — embaixador de seu país na Itália, passou por muitas terras, lidou com homens importantes, durante algum tempo deu a impressão ou foi de fato, alguém com influência junto ao poder, mas nunca deixou de ser um triste, uma alma de poeta ao velho gosto simbolista, um desconhecido para quase todo o mundo. Não deve ter deixado nada de valioso para a família; os bens materiais não os soubera azeitar; era uma espécie de boêmio com idéias construtivas e uma capacidade de agir surpreendente. Para não ferir susceptibilidades, dissimulou na hora da colheita, o muito que semeara e cuidara da terra. Teve pequena recompensa do seu imenso labor.

x x x

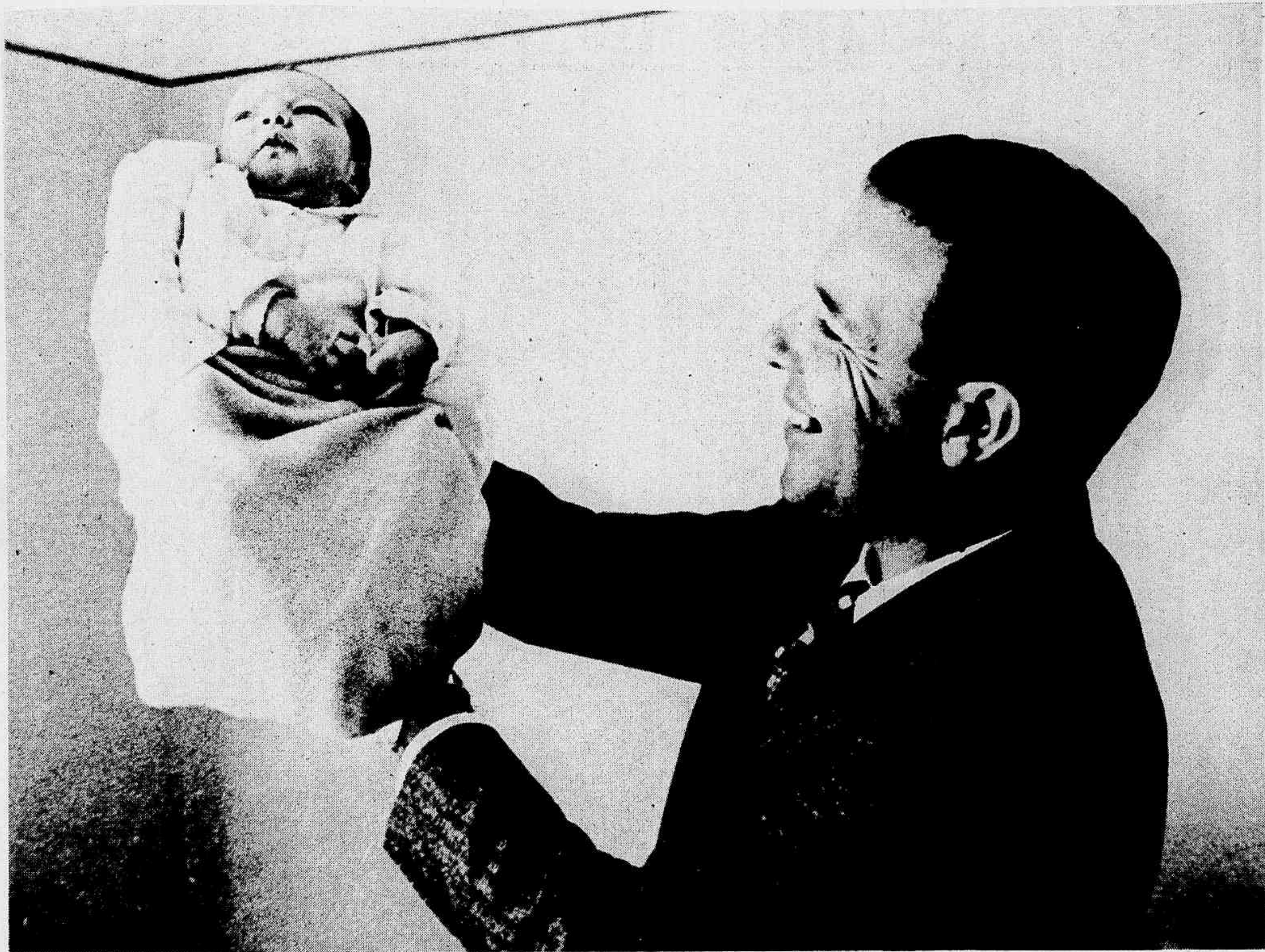
POUSADAS no meio das estradas lusitadas, onde descansávamos de visitas às comovidas aldeias; paisagens de quase todo o Portugal, conversas em Paris no Crillon ou ao longo do cais do Sena, com paradas nos bouquinistas. Confidências, queixas veladas; a face Frederic Moureaux do professor de entusiasmo, do homem que formulara, que dera figura e estética à revolução de Salazar, eis o que me vem no espírito agora, depois de ler notícia de que nunca mais reverei meu amigo Antônio Ferro...

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT





Janquinho e dona Maria Tereza sua jovem e bonita mãe, já completamente enamorados.



O vice-Presidente João Goulart ergue nos braços (triumfante) o primeiro herdeiro do nome mais discutido do país.

JANGUINHO ACONTECEU EM NOVEMBRO

O BEBÊ MAIS IMPORTANTE DA REPÚBLICA — OS AMIGOS DIZEM QUE É UM GAROTO DE «PERSONALIDADE, ENTRE DESCONFIADO E TÍMIDO E COM O MESMO JEITO SUPERIOR DO PAI» — OS INIMIGOS DIZEM QUE É UM GAROTO COMO OUTRO QUALQUER E NÃO LHE DESCOBREM QUALIDADES MAIORES — DE QUALQUER MANEIRA, DURANTE MUITO TEMPO ELE SERÁ CONHECIDO COMO «O FILHO DE JANGO GOULART».

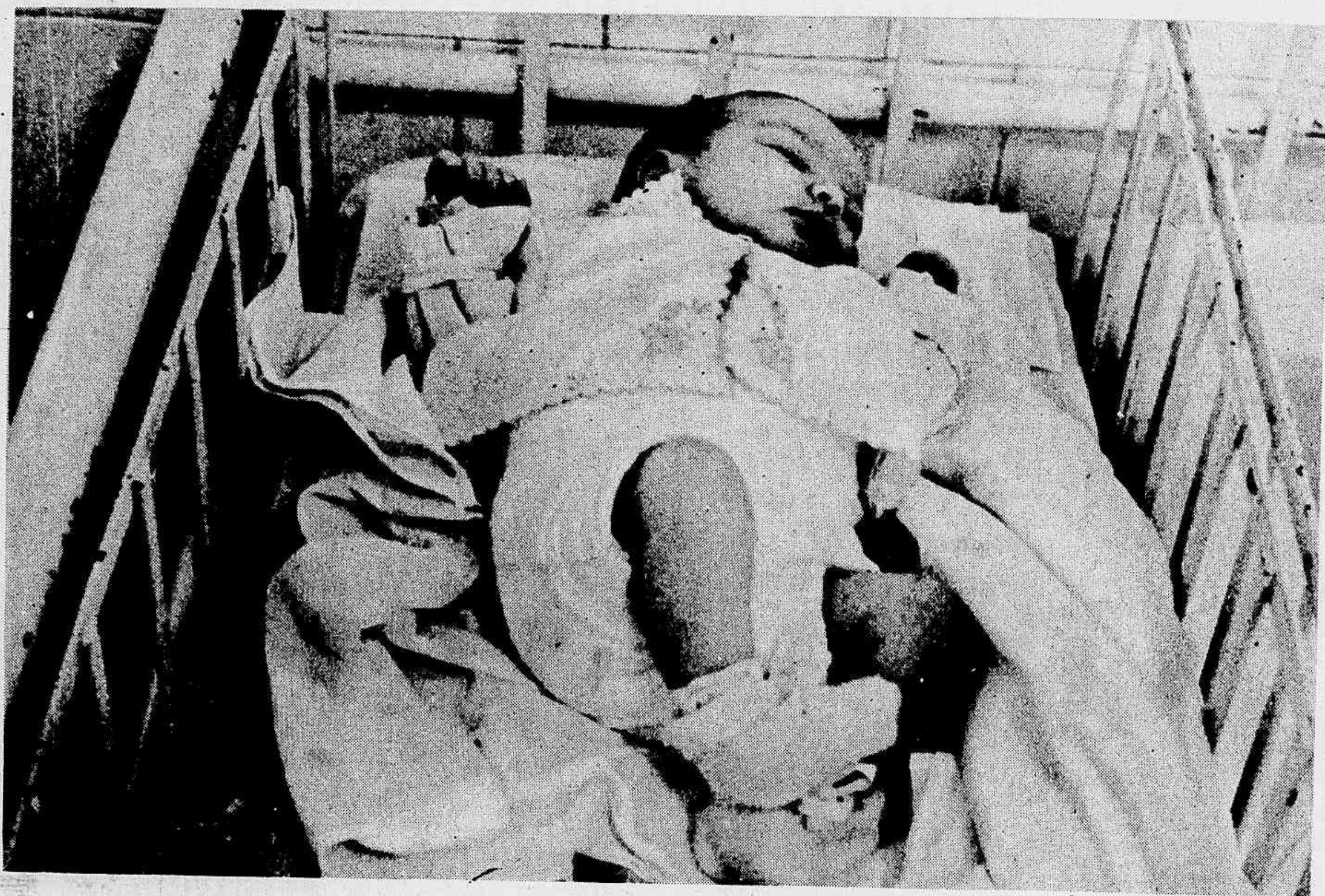
Reportagem de FERNANDO LEITE MENDES

Fotos de YLLEN KERR

◆ Na maternidade da rua Voluntários começa a carreira de João (Janguinho) Vicente Fontela Goulart. No berçário estouram «flashes» em meio aos protestos da gurizada que choraminga e esperneia. O telefone não pára de tocar. Gente grávida, deputados, diplomatas, senadores, generais. Querem saber como vai a vidinha do filho primogênito do casal vice-presidencial. No bôjo do edifício São Borja formigam trabalhistas carregando abraços e bons votos, não raro presentes, para o pai de Janguinho.

No Monroe, os pais da Pátria saúdam gravemente, como é do estilo, o pai de Janguinho. No apartamento da rua Rainha Elizabeth a romaria é grande e não vai parar tão cedo. Homens humildes telegrafam. Todos desejam vida longa e feliz ao menino que chegou no dia 22, «enviado de Deus para salvar o Brasil», segundo proclama, de olhos arregalados e mãos postas, uma fundadora do Clube 19 de Abril, que não arreda o pé da maternidade desde que Janguinho nasceu.

NASCEU O FILHO DE JOÃO GOULART



Tranquilo e sosinho, o bebê mais importante da república descansa. Os outros bebês reclamaram o «flash» do repórter. Janguinho ficou imóvel e quase indiferente.

Para dona Vicentina, entretanto, o «emissário de Deus» é apenas o netinho número 22. Dona Maria Tereza, a jovem e bela mãe, olha, enternecida, o seu João Vicente nos braços experimentados da admirável matrona gaúcha, para quem o doce ofício de guiar a vida que começa não tem segredos. Ela veio de São Borja para ficar ao lado do filho Jango no grande momento. Na maternidade, silenciosa e humilde, ninguém descobriria nela a eminência da família. Só para não decepcionar o jornalista, deixa-se fotografar com o netinho no colo. Prefere mudar-lhe as fraldas. Seu espôso, que já não vive, está presente na homenagem que o nome do neto lhe presta. E em Janguinho todos já revêem traços do Major Vicente, de São Borja, o estancieiro amigo e protetor do jovem advogado Getúlio Dornelles Vargas. «É a cara do avô» — dizem.

x x x

O vice-Presidente da República transferiu todos os seus compromissos de partido e governo, adiou quanta entrevista houvesse marcado, para ser, apenas, o pai de Janguinho. Passa as manhãs inteiras na casa da rua Voluntários, solícito entre a mulher e o menino. Na absoluta democracia das maternidades cariocas ninguém é vice-Presidente. João Goulart, que é um humilde autêntico, fumando esperou — e ainda espera — a sua vez de carregar Janguinho, de ver dona Maria Tereza, de examinar, com o coração pulando, o resultado das radiografias dos dois. Quem o viu Presidente da República, meses atrás, ou dirigindo o Congresso, pode arriscar que a definitiva investidura nas funções de pai deve tê-lo comovido muito mais. Jango diz ao repórter:

— João Vicente é mais uma razão para que eu continue modestamente

lutando por melhores dias para o nosso povo. O seu nascimento me responsabiliza ainda mais com o futuro do Brasil, que afinal será o dele. Acho que o sentimento de família, realizado em sua plenitude, deve ensinar aos políticos o amor e a compreensão como normas de conduta. Não posso esconder que estou feliz com o meu filho.

x x x

Janguinho aconteceu no dia 22, sendo o 22º neto de dona Vicentina, o que não deixa de ser uma sugestão para os numerólogos e demais teóricos do bom agouro. É alvo-moreno, tem dois palmos, bochechas rosadas e é uma simpatia. Cailar Ferreira, secretário e velho amigo do vice-Presidente, descobriu que Janguinho tem o mesmo jeito de olhar do pai: entre desconfiado e tímido, não encara o interlocutor. Vai ver é que Janguinho não dá mesmo bola para ninguém, inconsciente da sua alta importância de Primeiro Bebê da República, nascido em pleno novembro, que é o mês dos grandes acontecimentos republicanos. Entre as cartas, telegramas, dísticos, flâmulas, ofertórios e até poemas que o pai de Janguinho recebeu, recolhemos, esparsas, sem intenção de antologia, as seguintes sentenças:

«No dia do nascimento do vosso filho pedi a São Jorge que lhe desse a Sua Espada e a Santo Agostinho a Sua Sabedoria».

«O Brasil espera que o filho do dr. João Goulart cumpra o seu dever».

«O vosso menino, dr. Jango, é a esperança de nossa salvação. Deus o guarde».

No berçário da maternidade da rua Voluntários, entretanto, Janguinho não toma conhecimento dessas provocações.

HOSPITAL DA POLICLÍNICA DE PESCADORES

UMA INSTITUIÇÃO QUE HONRA O MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

★ DADOS ESTATÍSTICOS SATISFATÓRIOS RECOMENDAM O

TRABALHO EFICIENTE DO DR. HILÁRIO JOAQUIM DOS SANTOS

♦ O Hospital da Policlínica de Pescadores é uma instituição que honra o Ministério da Agricultura. Sob a orientação eficiente de seu diretor, dr. Hilário Joaquim dos Santos, que, apesar da exigua verba que lhe é destinada tem conseguido realizar verdadeiros milagres, pois segundo as mais recentes estatísticas do corrente ano, o movimento na Policlínica de Pescadores ultrapassou a expectativa.

Tem aquêle centro de saúde do Ministério da Agricultura atividades que superam a verba anual de 12 milhões de cruzeiros, ou 1 milhão de cruzeiros mensais. Visitando a Policlínica de Pescadores conseguimos

dados verdadeiramente impressionantes para a realização deste trabalho, com relação às suas atividades.

E assim foi que gentilmente recebidos pelo dr. Hilário Joaquim dos Santos, constatamos a grande operosidade de seu competente diretor, que nos forneceu elementos capazes de traduzir claramente o quanto representa para os nossos pescadores aquela organização hospitalar. Apresentamos, pois, a seguir, dados estatísticos relacionados com o movimento Médico-Cirúrgico e Ambulatório Central do Hospital da Clínica de Pescadores.

RESUMO DO MOVIMENTO GERAL DA POLICLÍNICA DE PESCADORES E SEU HOSPITAL DE 1º DE JANEIRO A 31 DE OUTUBRO DE 1956

Pescadores inscritos e inspecionados	312	Eletrocoagulação	17
Beneficiários registrados	994	Injeções diversas	33.004
Beneficiários declarados	1.141	Internações	986
Consultas de 1ª vez	4.505	Intervenções	733
" subseqüentes	26.047	Lavagem de ouvidos	61
" odontológicas	4.998	Nebulisações	572
" TOTAL	35.550	Portos normais	121
Anestesias	630	Partos operatórios (Cesariana)	8
Aparelhos ortopédicos	146	Pneumotorax	98
" retirados	54	Radiografias	1.779
Aplicações fisioterápicas	2.450	Radioscopias	2.758
" radioterápicas	328	RECEITAS	20.965
Biopsias	30	Soros	1.637
Curativos	5.081	Transfusões	135
Exames especializados	1.870	Testes intradérmicos	2.320
Exames de laboratório	8.338	Vacinas	4.501

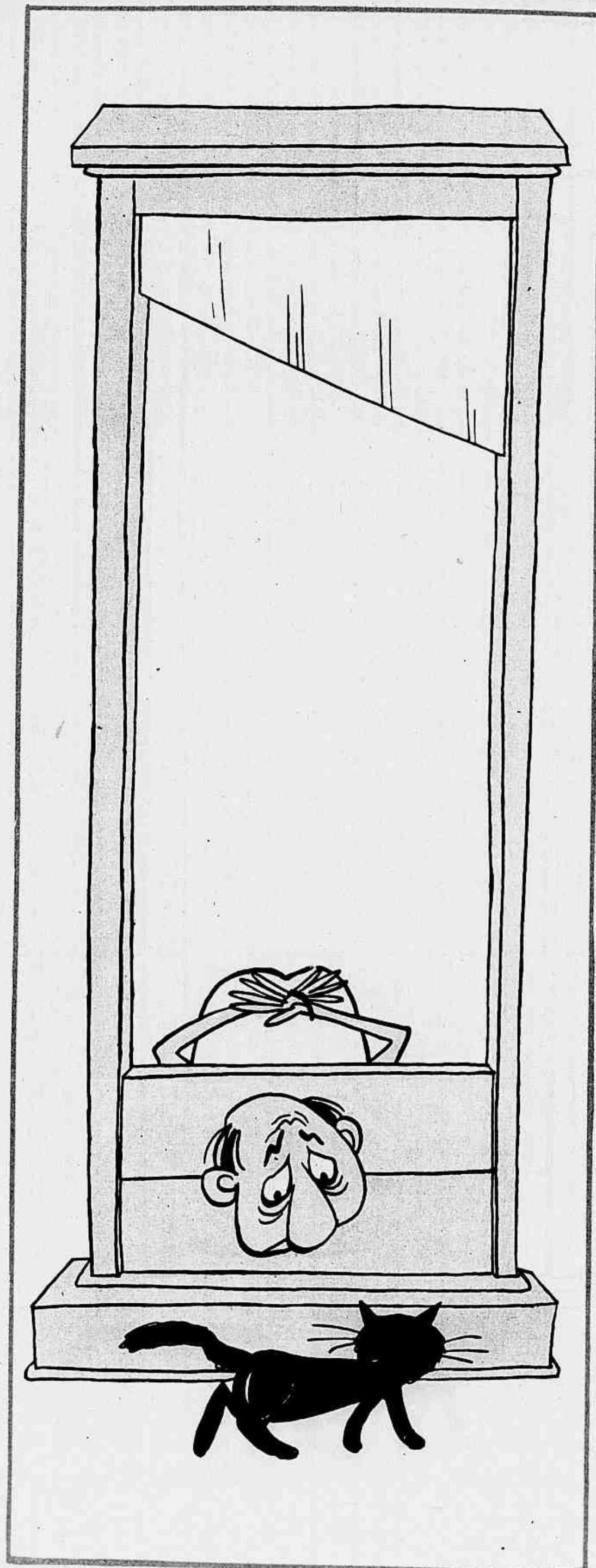
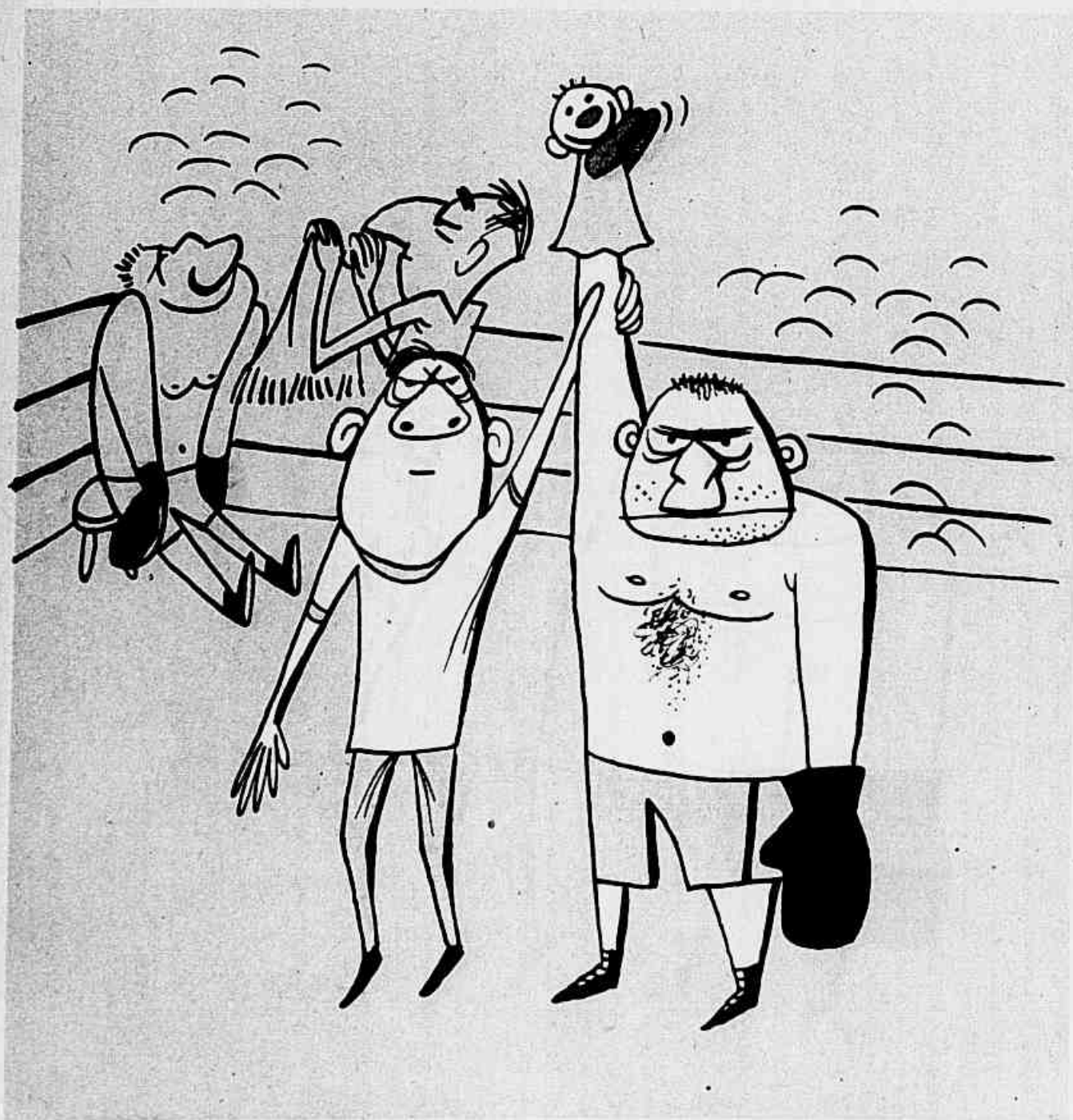
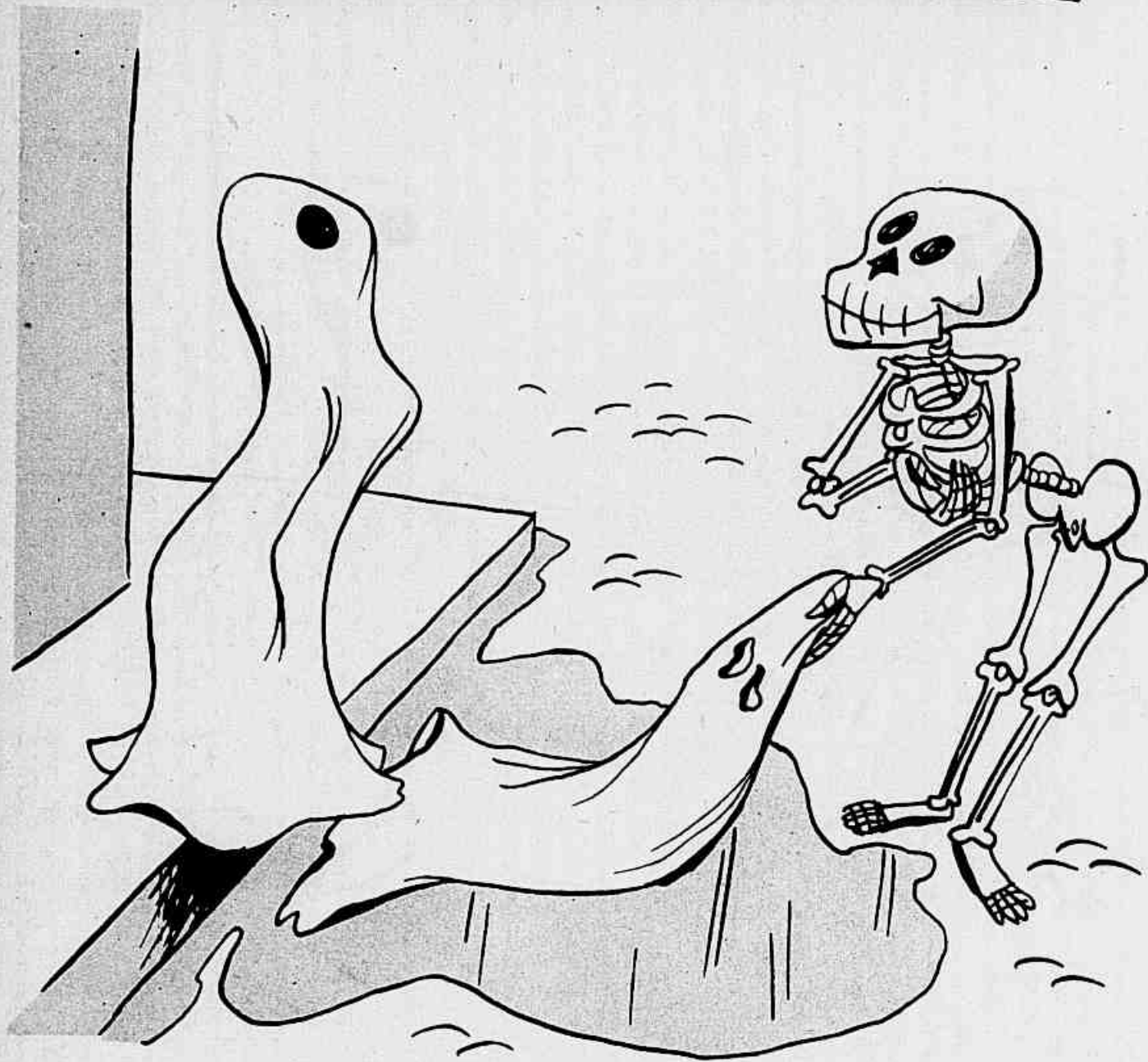
SERVIÇO ODONTOLÓGICO

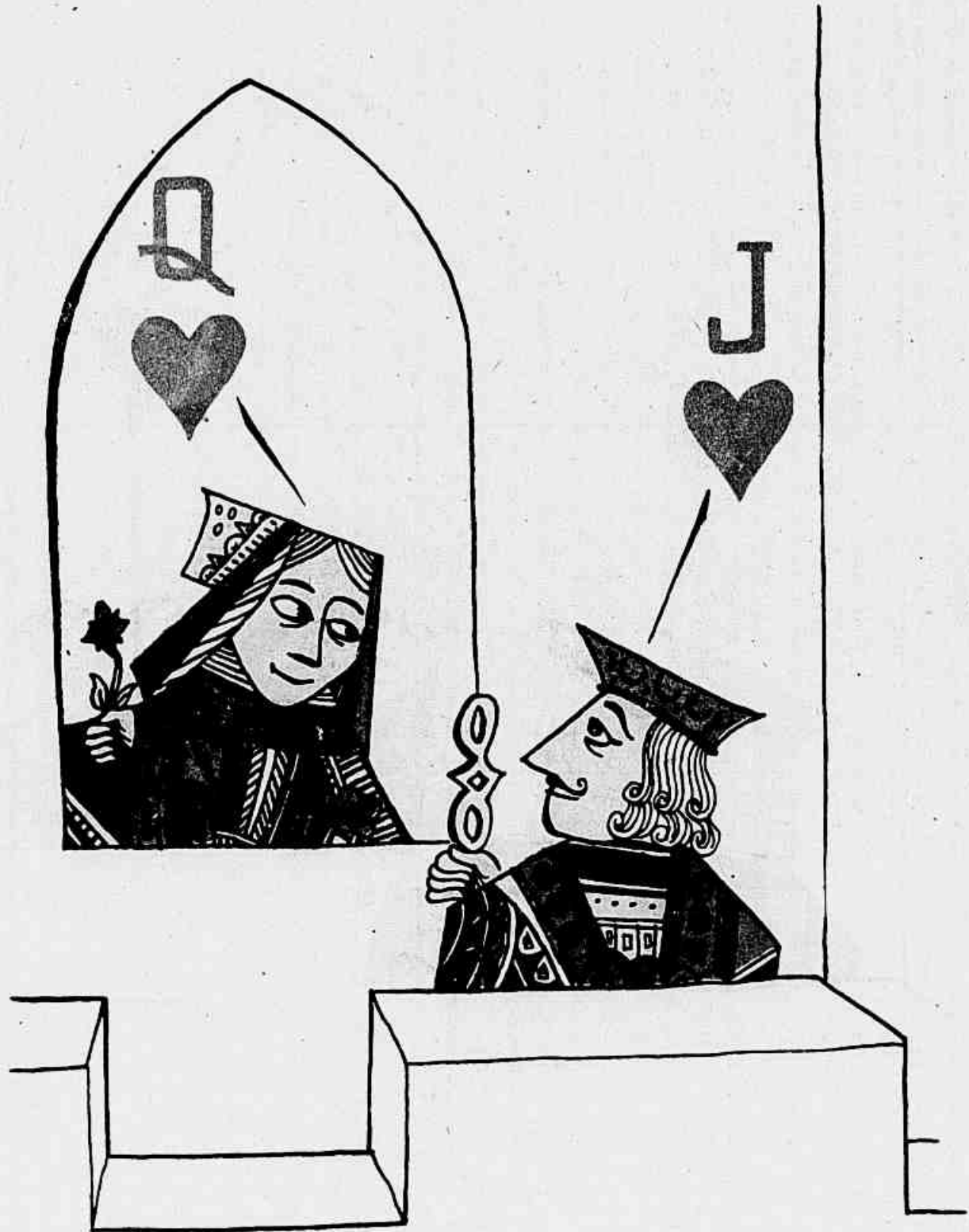
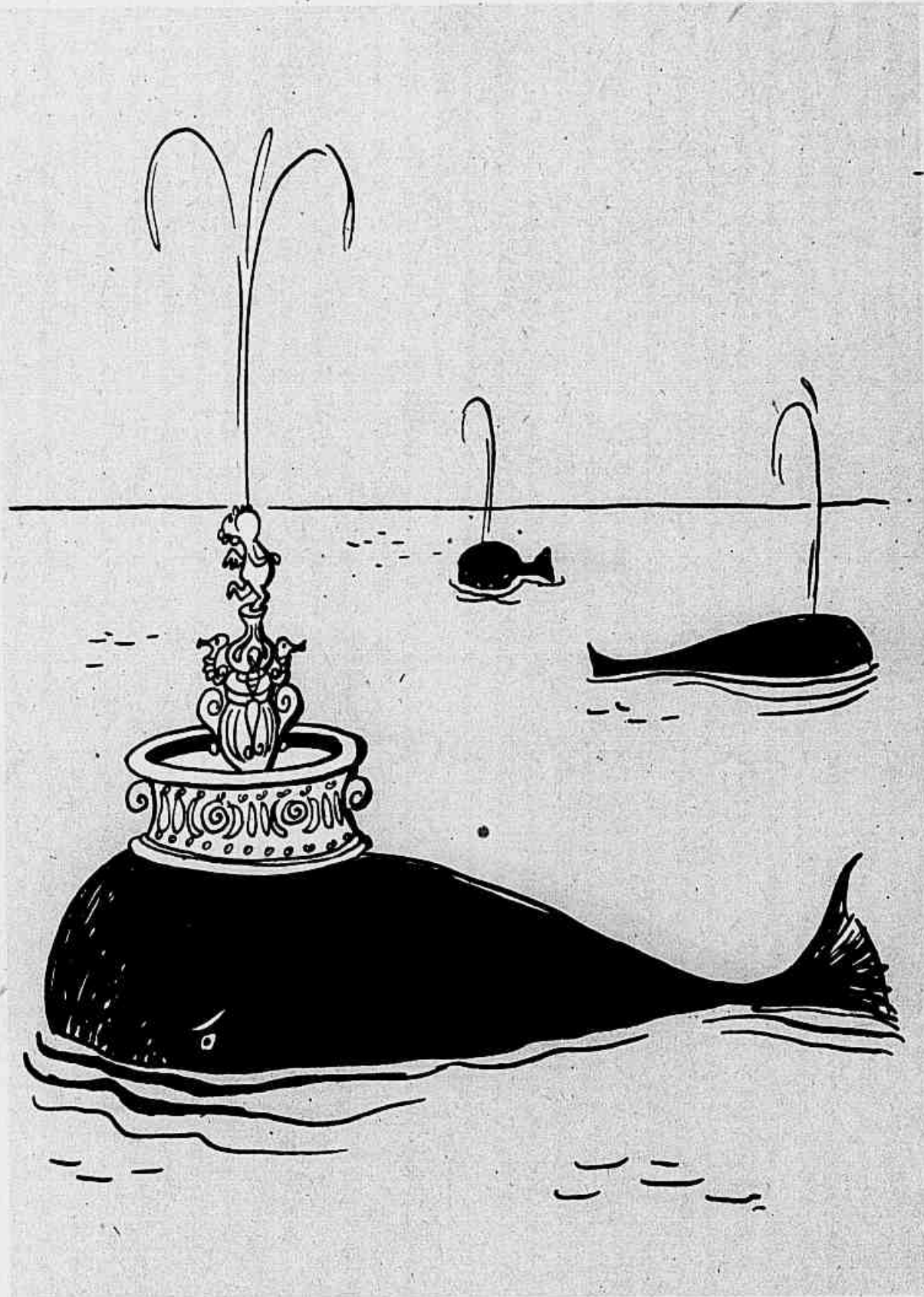
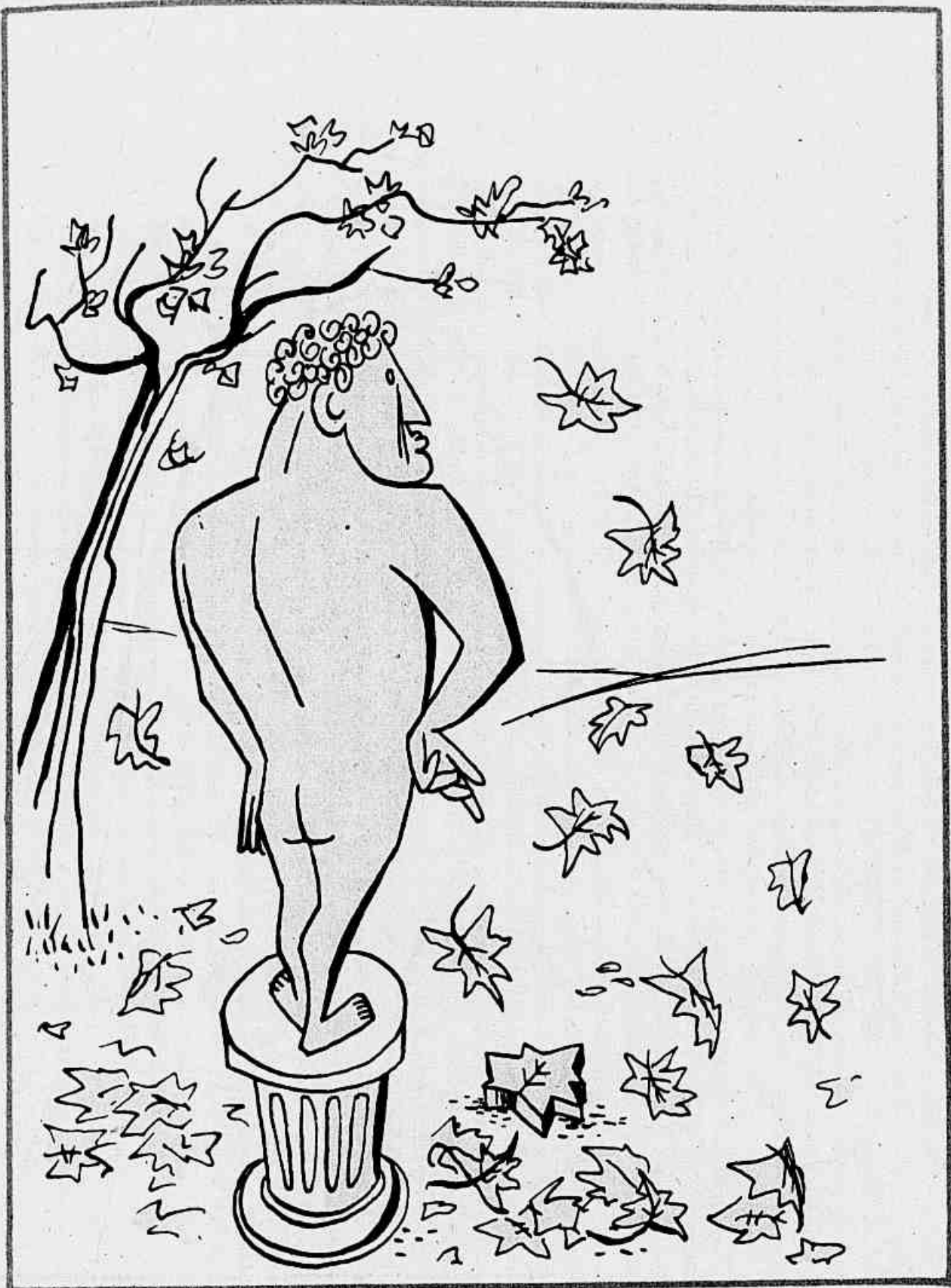
Consultas de 1ª vez	653	Inspeções de boca	312
" Subseqüentes	4.345	Obturações	217
" TOTAL	4.998	Radiografias	737
Anestesias	4.249	Outros tratamentos	154
Curativos	1.041	TOTAL DE PESCADORES INSCRITOS	6.670
Curetagens	1.212	TOTAL DE BENEFICIARIOS REGIS-	
Extrações	3.551	TRADOS	11.977

FORTUNA

(ligeiramente Bonaparte) APRESENTA

NON SENSE





SUA BELEZA

♦ QUANDO TIVER QUE IR A UM BAILE ou a uma reunião especial, à noite, e quiser aparecer na sua melhor forma, faça o seguinte, para a beleza de seu rosto: pela manhã, ao acordar, lave bem a face, com água e sabão. Depois, aplique uma camada de creme de limpeza, faça ligeira massagem com o creme, retire-o e torne a lavar o rosto com água morna e sabão. Não faça maquilagem. Passe o dia todo com o rosto limpo, sem base, sem rouge, sem baton, sem nada. Ao se aprontar para a festa, faça, então, a maquilagem, bem caprichada, para a noite. Verá que, depois de ter descansado todo um dia, limpo e sem nada, com a pele a respirar bem por todos os poros, o novo «make-up» se apresentará mais viçoso e mais bonito, e você mais encantadora.

X X X

♦ UM SONO BEM DORMIDO é essencial para sua beleza. Ao contrário, porém, da tradição popular, o sono não descansa mais as primeiras horas da noite, do que depois da meia-noite. No entanto, ir para a cama mais cedo é já uma garantia de um sono mais longo e mais repousante, já que, não haverá necessidade de prolongá-lo pela manhã afora com todos os seus rumores e com a luz entrando pelas janelas.

Se você tem que dormir tarde, cuide de ter em seu aposento cortinas pesadas, que evitam a entrada da luz e amortecem os rumores externos, possibilitando-lhe sono mais profundo.

X X X

♦ AINDA QUE OS SORRISOS de muitas famosas estrélas de cinema sejam o resultado de dentaduras postiças perfeitas, isso não quer dizer que dentes falsos são melhores do que os naturais. Conserve com cuidado os dentes que a natureza lhe deu, escovando-os pela manhã e à noite e depois das refeições. Dentes postiços, por mais bonitos que sejam, são sempre incômodos e podem ocasionar acidentes desagradáveis para sua elegância. Quando tiver, mesmo, que extrair um dente, coloque imediatamente outro no lugar, para que não se entorsem os que ficam vizinhos à vaga aberta com a saída de um. Além disso, bocas em que faltam dentes nunca poderão sorrir com encanto e elegância.

X X X

♦ NÃO É MUITO RARO encontrar uma mulher realmente bela destituída de dotes de espírito ou de inteligência. Talvez porque a própria beleza sempre lhe bastou para atrair a atenção e a admiração, evitando que fizesse aquele esforço que as mulheres feias ou simplesmente menos belas, têm que fazer, para compensar com as qualidades do espírito e da inteligência o que lhes falta fisicamente. A mulher bonita, não pode ignorar o privilégio de que a dotou a natureza: se quer brilhar, tem que adquirir a noção da própria beleza para se distinguir. É que a beleza se impõe também pela segurança de si mesma, pelo conhecimento de seu próprio fascínio, que acentuam o brilho do rosto e a própria personalidade. As homenagens que recebe, a admiração que lê nos olhos dos que a fitam, estimulam-na a superar-se, a aperfeiçoar mais ainda os dotes com que se propõe triunfar. Esse aperfeiçoamento não se realiza tanto por tratamentos de beleza como pelo culto da elegância e fascínio próprios.

A admiração do público, mais do que a habilidade de um costureiro ou de um maquilador, contribuem para tornar mais brilhantes as atrizes famosas. Por isso mesmo, as mulheres que visam a impor-se pela própria beleza não podem ser modestas, ainda que, — por vaidade — consigam fazer crer que o são. Porém, o culto da própria beleza acaba de trair quem a ele se dedica totalmente. Não tanto pelo passar do tempo, pois a verdadeira beleza se mantém por longos anos, mas, porque todas as mulheres aspiram ao amor. Como escrevia Ninon de Lenclos «No amor, a beleza serve apenas como um apêlo útil para fazer notar as outras qualidades. Pois o amor é uma comédia, cujos atos são curtos e os intervalos longos. Com que se poderá passar os intervalos se não com o espírito?»

Elaine Stewart (M.G.M.)



CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

Week-end na Cozinha

◆ Para acompanhar aperitivos e coquetéis, prepare estes deliciosos «Salgadinhos de Queijo». Faça-os em forma de palitos ou de rosinhas, como vistos na ilustração.

INGREDIENTES:

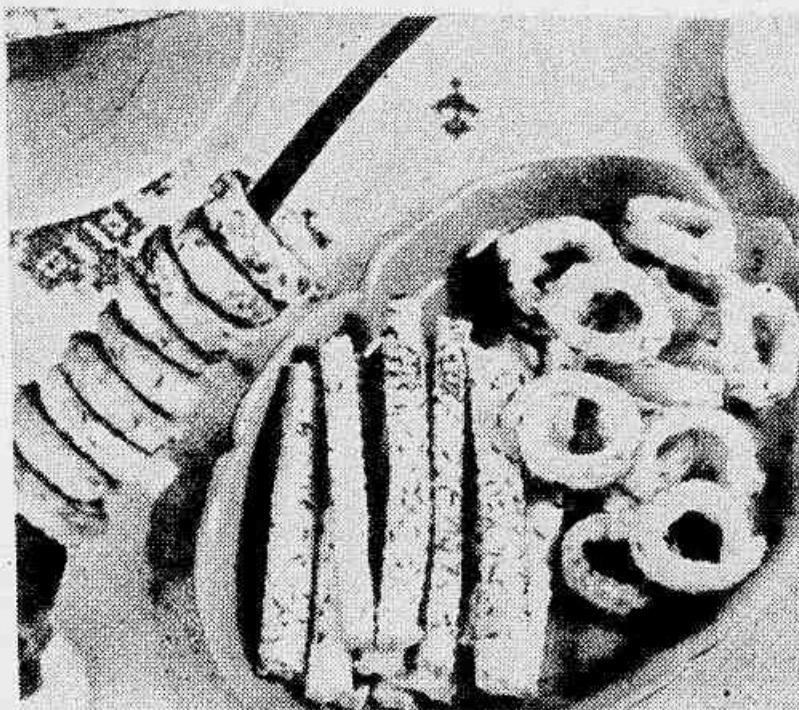
200 gramas de farinha de trigo peneirada;
100 gramas de manteiga;
100 gramas de ricotta fresca;
100 gramas de queijo de Minas;
1 ovo.

INSTRUÇÕES:

1 — Num tijela grande, ponha a farinha, o queijo de Minas ralado, sal e pimenta. Misture-os bem.

2 — Ponha tudo na tábua de amassar ou no mármore. Faça um buraco no meio e ponha: a ricotta e a manteiga. Junte meio ovo (meia gema e meia clara). Trabalhe a massa, apenas o suficiente para unir todos os ingredientes. Faça uma bola com a massa e deixe-a descansar meia hora, em lugar fresco. (Pode pôr na geladeira, se quiser).

3 — Enfarinhar o mármore ou a tábua. Espalhar a massa e abrir, numa espessura de 3 milímetros, mais ou menos. Cortar com a carretilha em tiras largas, e dividir cada tira em tirinhas finas. Arrumar as tiras numa assadeira



não untada. Querendo, unir as duas pontas das tiras para formar as rodinhas. Depois de arrumadas nas assadeiras, pincelar com a outra metade do ovo, ligeiramente batida, com um pincel fino.

4 — Assar cerca de 15 minutos.



Notinhas Úteis

Se sobrou purê de batatas, aproveite-os para fazer bolinhos deliciosos: misture um pouco de queijo ralado. Enrole nas mãos. Passe em farinha de rosca e asse em forno moderado, cerca de 25 minutos.

x x x

Nunca se deve usar água quente para lavar as facas que tenham cabo de madeira, de osso, ou plásticos, pois estes poderiam se desprender da lâmina. O melhor sistema de limpar as facas é esfregá-las com um pouco de saponáceo em pó, passado com uma batata crua cortada pela metade.

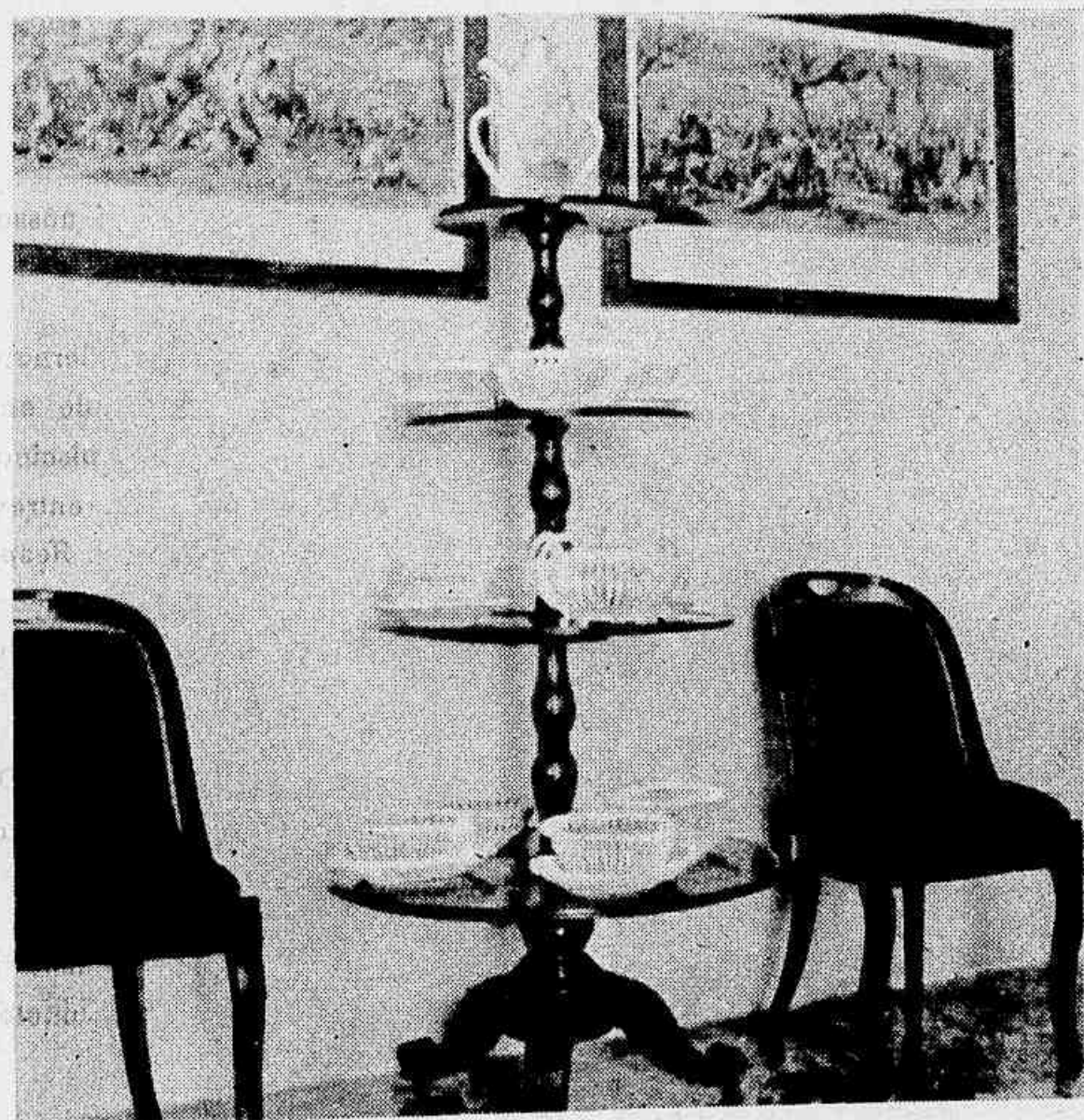
x x x

Se vai levar flores frescas em viagem e quer que cheguem ainda viçosas, faça assim: mergulhe a parte cortada do caule em cera derretida. Quando chegar ao destino, corte fora a parte do caule com cera e ponha as flores em água fresca.

x x x

A hortelã em folhas constitui ótimo tempero para se ter em casa. Adicionada ao chocolate quente dá-lhe um delicioso sabor. Também torna mais saborosos os caldos e sopas, além de servir para enfeitar um prato de carne.

SUGESTÃO PARA O LAR



Duas gravuras grandes, com motivos semelhantes, foram dispostas lado a lado, junto a uma peanha com peças decorativas de porcelana branca. À direita: Cinco gravuras, emolduradas de forma igual, enfeitam a parede sobre uma mesa escrivaninha, com tampo de mármore.

◆ Os acessórios tem cada vez mais valor na decoração. Antigamente, a moda eram os aposentos cheios de bibelôs e «bric à brac», que se acumulavam por sobre mesas e cômodas, estantes e prateleiras. Hoje, os bibelôs e os quadros são valorizados pelas paredes mais nuas e, por

serem poucos e escolhidos. Duas sugestões para a disposição de gravuras — que tanto enfeitam uma sala ou um quarto, quando bem emolduradas e bem escolhidas.



Grand Monde internacional



Odile Rodin, conheceu seu famoso marido Rubirosa na mansão de Chaplin, em Cannes.

volto novamente a residir em Nova York com sua bela esposa, Eugenie. Esse conhecido casal do «Grand-Monde» Internacional, tem seu atual apartamento decorado com El Grecos e outras obras primas.

Já ficou completamente «gélido» o romance entre Edmund Purdom e Linda Christian. Por outro lado parece que a carreira de Purdom como ator está em declínio.

CASAMENTO NOBRE — Como já informei para vocês no próximo dia 15 de dezembro, estarão subindo ao altar, em São Paulo, a bonita senhorita Denise Paes de Almeida com o príncipe Dom Carlos Tasso Caburgo e Bragança. De Paris e Roma já começaram a chegar figuras da nobreza, exclusivamente para participar dessa importante cerimônia. Do Rio, está sendo formado um grupo do «high-society», para «decolar» para São Paulo a convite do presidente do Banco do Brasil e senhora Sebastião Paes de Almeida.

Na tarde de sábado a sra. Ivone Lopes, antes de «decolar» para os «States» almoçava numa mesa de dois no restaurante Hotel Glória com o diplomata italiano Carlo Eurico Giglioli.

Quarta-feira o jornalista Aciole Neto, recebeu para um «cocktail» na Sociedade Teatro de Artes, comemorando o lançamento de seu novo livro.

Estêve no Rio o sr. Jimmy, que em São Paulo é um dos donos da noite, comandando o Bar Michel.

Muito freqüentada a feijoada às quintas-feiras no Clube Comercial, que tem uma das melhores cozinhas do Rio.

CONFIDENCIALMENTE: O primeiro encontro de Porfirio Rubirosa com sua atual esposa, Odile Rodin, foi na mansão de Charles Chaplin, em Cannes. Pouco tempo depois foram vistos juntos em Antibes. Logo em seguida casavam em Paris.

Gena Rowlands, depois de fazer grande sucesso na Broadway, na peça «The Middle of the Night», de Eddie Robinson, está sendo apontada como a nova Grace Kelly.

O príncipe Aliata, da Sicília, que pertence a família Matarazzo, casou-se na ilha de Formosa com a bonita Margot Pagliai, ex do milionário mexicano Bruno Pagliai. Esta é uma «preview» que dou para vocês através do meu «gabinete social internacional».

O milionário grego Stavros Niarchos, voltou novamente a residir em Nova York com sua bela esposa, Eugenie. Esse conhecido casal do «Grand-Monde» Internacional, tem seu atual apartamento decorado com El Grecos e outras obras primas.

NOITE ESPANHOLA

SERÁ NA «SOIRÉE» DO DIA 14 EM SÃO PAULO, ORGANIZADA PELA ESPANHOLA SENHORA DANA MENDONÇA

Gossips

DE «PREVIEW» PARA VOCES: De fontes a que dou todo crédito, estou seguramente informado que o jovem casal Andréa Paterno Castelo, está para separar-se breve. Ela, nascida Precilda Pinotti, atualmente nos EE. UU., filha do casal Mário Pinotti. Ele, o conde Andréa Paterno, descendente dos marqueses de San Giuliano. O casamento de Precilda e Andréa, foi realizado no mês de julho deste ano. Lamento divulgar a separação da ex-bailarina clássica Precilda Pinotti, com o conde Andréa Paterno. Acontece, que «Gossips são Gossips». E daí?

Confidencialmente: Rosinha Serzedelo Machado (Glamour-Girl) de 55, parece alimentar alguma paixão pelo paulista Decito Novais.

A ruiva senhorita Regina David, estreou na semana que passou um novo «date».

Irene von Delingshausen, não tem tido grande sorte com seus últimos «dates». Pois não será surpresa se esta semana ela passar a figurar na PRATELEIRA.

Lilium de Souza Campos e Haroldo Christofel, saindo juntos com uma freqüência recorde. Fala-se em noivado.

Ela continua figurando na PRATELEIRA.



O jovem casal Andréa Paterno Castelo (ela nascida Precilda Pinotti) estão se separando.

Pequenos Flashes



O sr. René Ribeiro e a bonita senhora Nely Gonçalves, numa recente «soirée» no Copa.

Para o próximo «show» do Beguin, o sr. Chuck Woodward, ex-imitador de Al Jolson, aparecerá como um tenor italiano, cantando napolitânica-

mente. Este é mais um lançamento do nosso conhecido Chuck. Boa sorte.

No Rio desde alguns dias o sr. Bernardino Pereira. Na tarde de domingo, quando encontrei o sempre jovial Bernardino na piscina do Copa, disse-lhe que desejava uma entrevista sobre o «Grand Monde» Internacional. Resposta do sr. Bernardino: «não sou nenhuma «vedette» para dar entrevistas, além disso detesto publicidade».

Na outra noite no Bife de Ouro, o casal Darci Froes da Cruz comemorava mais uma «mudança de idade» de casamento.

Hospedado no Hotel Glória o paulista José Henrique Turner, que funciona no gabinete da presidência do Banco do Brasil.

O «Ballet do Rio de Janeiro» comandado pela já famosa bailarina Dalal Aschar, estreou na «soirée» de domingo no Municipal.

Até a próxima.

P.S.: — Estou um pouco curto devido ter passado o «week-end» acamado com uma gripe dos diabos.



A elegância «suspense» do sr. Carlos Eduardo de Sousa Campos, com a elegância da senhora Tereza Muniz Freire.



A sra. Tereza de Souza Campos conversa com o sr. Pepe Caraballo.

CONCÊRTO DE JAZZ

★ O II. GRANDE CONCERTO BRASILEIRO DE JAZZ realizado na «soirée» do dia 26 do mês que passou no «Golden-Room» do Copa, foi (socialmente falando) quase um fracasso, comparado ao do ano passado. Em compensação (artisticamente) foi um sucesso realmente «suspense», sendo o clarinetista americano Booker Pitman, a grande «vedette» presente.

No meu caderno do Grand Monde, anotei as seguintes pessoas: sr. e sra. Aluisio Muniz Freire, sr. e sra. Fritz Alencastro Guimarães, sr. e sra. Carlos Eduardo de Sousa Campos, sr. e sra. Pepe Caraballo, sr. e sra. Alberto Pitigliani, sr. João Miranda Jordão, sra. Suzana Pôrto, Srta. Sônia Gadelha com o sr. Fernando Augusto, sr. Silvio Túlio Cardoso, humorista Leon Eliachar, sr. Marcelo Vorona e outros mais.



O famoso clarinetista internacional Booker Pitman, foi a grande «vedette» dessa «soirée» no «golden-room».



O sr. e a sra. Alberto Pitigliany tendo ao centro o sr. João Resende.

ASTROS E ESTRÊLAS DO RÁDIO

FERNANDO LOBO

UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES



CARMINHA É UM PEIXE VIVO

Vai fazer um ano que a paisagem era uma serra e o barulho ficara lá em baixo, na cidade. É aí que a gente sente como o rádio é amigo, como nos diz coisas das horas, como nos entrega música, histórias, novelas, tudo de graça. Foi num dia assim, num momento assim, que lá de cima da serra, numa vontade de ouvir outros cantos que tive o primeiro encontro com Carminha Mascarenhas. Nem eu, nem esse leitor de agora sabíamos naquele momento quem era a moça. Sabia eu pelo que o «dial» me apontava que naquela hora ela estava cantando em Belo Horizonte. A voz que chegava era quente e de uma segurança nova, sem lembrar Angela Maria, sem fazer pensar em Araci, nem ser caricatura de Dircinha Batista. Era uma voz! Uma voz nova, coisa que o rádio sempre procura.

QUATRO LINHAS

O jornal onde trabalhava deixou que eu escrevesse quatro linhas sobre a beleza daquela voz. De mim para mim temia pela figura. O caso «voz» estava resolvido, mas — pleno século da televisão — que espécie de figura humana seria aquela dona? Uma moça gorda, atarracada, de óculos de ouro, professora escolar ou funcionária dos Correios e Telégrafos — bem poderia ser e porque não? Poderia ter um marido chefe político, ou policial, ou mesmo um sisudo bancário de princípios rígidos e de vida feita dentro das fronteiras mineiras.

CARTA

Depois da nota no jornal, Carminha Mascarenhas nos manda um retrato e numa longa carta conta dos seus sonhos em ser do Rio de Janeiro. Vivía a vida rotineira de uma cidade serrana, mas gostava de ser do mar e mar mais bonito que o de Copacabana, não poderia encontrar. O seu marido era pianista (o Mascarenhas era de parentesco com o Mascarenhas da Conchita) e também gostaria de vir fazer o Rio. Mandaria um disco, faria qualquer negócio.

ENTRADA

Foi fácil a entrada de Carminha Mascarenhas no Rio de Janeiro. Entrou pelas portas de maior claridade. Foi para o Copacabana Palace e se fez notar pela sua beleza e elegância e depois conseguiu contrato com a Rádio Nacional, onde está até hoje. A vida mudou de repente, para a moça simples da terra mineira. O Rio tem essa beleza mas esconde dentro dela um mundo de abismos propositadamente colocados diante dos olhos míopes dos que chegam. Carminha que tem um filho bonito e um marido moço, nos dias em que chegava, de repente virou sôzinha. «Desquite» — palavra feia em sua terra tão cheia de princípios e normas — é esse «bate-bola» que frequenta a vida de muitas estrêlas e vários astros. Aceitou o que vinha como novidade e em menos de um ano já era uma moça livre e já agora anuncia o seu próximo casamento no Uruguai.

Nessa altura, nesse curto espaço de tempo Carminha Mascarenhas já viu quase todo o Brasil e já cantou no Uruguai e na Argentina. Mais um pouco de tempo e terá oportunidades maiores, pois é moça que sabe querer e que segue uma caminhada segura, sem forçar botar coroa, sem ser gritada de «melhor» a seu pedido e, aos poucos vai ganhando tôdas essas coisas espontaneamente. E tudo isso vai fazer um ano, quando este cronista sem importância ligou o rádio, ouviu uma voz e, porque não, descobriu essa voz bonita sem acertar na beleza da moça, uma beleza total, porque é beleza de rosto e beleza de coração.

REVISTA DA SEMANA — 58

EM MATÉRIA DE DISCOS

Quando apontarmos aqui os «melhores» discos da semana, fiquem certos, os leitores, que eles são «melhores» mesmo. Não trabalhamos a base do pedido, nem do parentesco ou por conta de nenhuma fábrica de gravação. O que é bom ao nosso gosto, formará esta coluna informativa. Assim vamos ao que há na praça dos discos:

NACIONAIS — «Maracangalha» — Eis a grande bomba que Dorival Caymmi estourou na praça. Depois de tê-lo cantado alguns meses no «Clube 36» — Caymmi nos deu uma ótima gravação (Odeon) que está vendendo «o diabo». Agora podemos afirmar que aquela mesma fábrica lançará a mesma «Maracangalha» com couro e ritmo para o Carnaval de 1957. Música feita. O mais sobre «Maracangalha» não é digno de nota.

«Sonho Desfeito» — Outro grande samba que está na praça e já na boca do homem da rua. Assinado por três valentes compositores: Paulo Soledade (Zum-Zum), Armando Cavalcanti (A Mulher que é Mulher) e Antônio Carlos Jobim (Orfeu da Conceição); este bonito samba está gravado por Bill Farr.

POESIA — «Jograis de São Paulo» — Editora Festas Ltda. — É o último disco de poesia (idéia de Irineu Garcia) que está na rua. Traz nas faixas: «Carnaval Carioca» de Mário de Andrade; «Evocação do Recife» de Manuel Bandeira; «Catimbó» de Ascensão Ferreira; «Poema» de Augusto Frederico Schmidt; «José» de Carlos Drummond; «O Estrangeiro» de Guilherme de Almeida; «Canção da Alta Noite» de Cecília Meireles; «Jandira» de Murilo Mendes; «O Dia da Criação» de Vinicius de Moraes; «O Alto» de Mário de Andrade. A capa é de Darcy Penteado.

ESTRANGEIROS — (Para os brotos) «How High The Moon» e «Battle Of Blues» — Dizzy Gillespie — (M.G.M.)

(Para as balzaquianas) — «O Estranho no Paraíso» — «Cachorros Perdidos sem Coleira» — Frank Pourcel — (Odeon).

«Beautiful Dreamer» e «Midnight Bells» — Mantovani (London).



CARMÉLIA ALVES — Não esperou por ninguém. Botou o chapéu de couro para dar mais «côr» ao baião e foi para a Europa tendo o cuidado de levar um pequeno conjunto brasileiro. Está fazendo sucesso dos maiores em Portugal e está a caminho de Paris. Com ela um incidente com o compositor Humberto Teixeira que reclamou porque os seus «baiões» não estavam bem martelados pela estrêla. Até então não se sabe a que acôrdo chegaram.

REI MOMO VEM MAIS TRISTE

Temos um Carnaval prontinho nas prateleiras. Carnaval feito de cêra, acetato, disco prêto. Enlatadas estão as vozes de quase todos os artistas, intérpretes da safra que o compositor popular fabricou para a próxima festa. De tudo isso se fala, menos do Carnaval propriamente dito. Se a gente der uma olhadela para aquele ontem — não precisa ser um ontem muito distante — vamos somar bem que, já nesse mês que pisamos agora, se falava muito no que iria ser a festa e já no assóvio de muitos, muitas melodias estavam. Ainda hoje somos capazes de identificar um Carnaval pelo sucesso de «Eva querida», o de «O teu cabelo não nega», aquele tempo do «late» e por aí em diante. Mal sabemos o que foi que marcou sucesso agorinha mesmo em 1950 ou 51. É que a vida correndo assim como está, correndo também passa esse reinado de Momo, sem que guardemos nada de sua presença. Lembrar os bons tempos é ficar mais velho, mas bem que vale dizer do que eram os dias que antecediam Carnaval, os grandes ensaios, as batalhas de confetti, o interesse de saber de cor o que iria ser cantado, o mistério e o segredo sobre as fantasias do grupo para o baile e para o corso.

Nos dias de agora, dois dias antes do Carnaval não se fala nêle. É um defunto de bons parentes que discretamente preferem não relembra-lo para não trazer lágrimas e aborrecimentos. Se de repente acender no peito do homem comum aquele resto de chama foliã, ele vai para a festa ou para a rua com a mesma fantasia que enfrenta a repartição, deixando longe de sua vontade a idéia de comprar um marinheiro, muito menos um daqueles pierrots dos bons tempos que nos dias presentes é de uso exclusivo do sr. Zacarias do Rêgo Monteiro. A dura verdade é que o Carnaval está morto e somente um sôro de boa dose poderia talvez revivê-lo. Mas como? Vamos acreditar que o Departamento de Turismo da Prefeitura tenha com o sangue novo e bom de Nelson Batista, a coragem de sacolejar o velho Momo, sujeitá-lo a um regime de emagrecimento — já que os gordos estão fora de moda — e clarear e povoar todos os cantos, becos e ruas. E a alegria dêsse povo? Quem pode dá-la de volta? As filas, os preços, o cansaço, o barulho e tudo mais que passeia como bicho na cabeça dêsse povo carioca, isso não há doutor que dê jeito e é por conta de tôdas essas tristezas e êsses ruídos que o folião quando vê Momo despertar agarra o que tem de seu e trata de subir a serra, de fugir para longe e de longe pensar, sem que o barulho corte seu pensamento: nos bons tempos, naqueles tempos, naqueles carnavais...



DO VELHO ÁLBUM DO RÁDIO 1939 — Chegada de Silvio Caldas a São Paulo. Pelo avião da carreira chegava à capital bandeirante o cantor Silvio Caldas. Um avião que chegava era motivo, era notícia, era acontecimento. Silvio usava macacão branco e lenço de «pois» ao pescoço tôdas às vezes que fazia uma «aventura» daquelas. Ao aeroporto comparecia uma multidão. Aí está ele, para cumprir contrato com a Tupi. Tem flores nas mãos que suas «fans» levaram. Ao seu lado está Janette do Chapéu de Palha. Também Armando Bertoni — diretor daquela «associada». Rago é aquele compridão. Está também Maju (que casou nos EE.UU. com o cantor Fernando Álvares) e no grupo está também Marlene, ainda de meias curtas e que era apenas Vitória Bonaiuto, naquele tempo. Os tempos mudam as coisas!

VALE A PENA LER DE NOVO!

ENTREVISTA «TECO-TECO» com Mário Mascarenhas (Revista do Rádio)

- Se soubesse que o mundo ia se acabar, qual seu último desejo?
- Beijar a minha Conchita...
- Gosta de carregar embrulhos?
- Da Conchita carrego até pedras...
- Em que você pensa antes de dormir?
- Sempre na Conchita.
- Já pensou em fazer testamento?
- Não. Será tudo para Conchita e os filhos.
- Casaria com uma marçiana?
- Se a Conchita morasse lá em Marte eu casaria outra vez com ela.
- Qual a melhor coisa do mundo?
- O amor de Conchita.
- Sabe cozinhar?
- Mais ou menos. A Conchita é a maior em culinária...

QUATRO ESTRÊLAS SÃO NOTÍCIA



AIDA SALAS — A moça é chilena, mas esteve muito tempo no Brasil e aqui fez muita força para vencer. Cantou na Nacional, fez algumas gravações, mas acabou voltando para sua terra onde um grande horizonte de repente se abriu. Ela então nos manda dizer que é sucesso no Chile e que fez uma série de gravações na R.C.A. Victor que reuniu num L.P. e que com exceção de uma música paraguaia tôdas as outras são brasileiras.



MARLENE — Pegou o avião da «Varig» e foi para os Estados Unidos. Este sonho da estrela caiu como um presente de Papai Noel. Com ela deveria seguir Ari Barroso que na última hora desistiu. Marlene cantou na festa do Waldorf Astória: «Uma Noite no Rio», que abalou o mundo grã-fino desta cidade e deu motivo também a vários aborrecimentos da comissão com políticos importantes que queriam botar também as suas «letras».



GENI MARTINS — Já está definitivamente coroadada a estrela da Mayrink Veiga como a «Rainha dos Músicos de 1956». Já aconteceu o baile do «High-Life» e tudo vai bem. Ângela Maria — andou dando várias «pichadas» na sua sucessora mas agora está outra vez quieta e sem coroa. Para a eleição um grupo de rapazes de terno branco e charuto prometeu agüentar o «galho». Na hora «H», sumiram. Geni teve que ir buscar o seu no seu banco.

NO ASSALTO DA LAGOA

D. ANITA PERDEU A LUTA POR CAUSA DA ELEGÂNCIA



D. Anita Barros Barreto, à porta de sua residência, sofreu uma agressão brutal durante um assalto. Sua cabeça foi alundada por uma coronhada.

Texto de GILSON CAMPOS

OS SALTOS ALTOS E A SAIA JUSTA IMPEDIRAM A SENHORA ASSALTADA DE DERRUBAR O LADRÃO — A «REVISTA DA SEMANA» TOMA O DEPOIMENTO DA VÍTIMA ANTES DA POLÍCIA — IMPRESSÕES DIGITAIS NO CARRO ROUBADO, A ÚNICA PISTA PARA OS «SHERLOCKS».

◆ Foi a saia justa e os sapatos altos de salto fino que me impediram de dominar o meu jovem assaltante, pois eu tenho muita força e não fôsse a coronhada que recebi teria levado vantagem e tudo seria diferente. — com esta frase, d. Anita Barros Barreto, esposa do ministro do Supremo Tribunal Federal, Frederico Barros Barreto, iniciou para a «Revista da Semana» o relato do audacioso assalto que sofreu à porta de sua residência, na Avenida Epitácio Pessoa, no aristocrático bairro da Lagoa, em plena luz do dia.

ANTES E DEPOIS DO ASSALTO

— Eu havia voltado do Copacabana Palace, pouco depois das 14 horas, a fim de trocar de roupa e almoçar. As 15,15, mais ou menos, saí de casa já pronta para ir substituir uma amiga minha que no Copacabana dava os últimos retoques da festa, da qual éramos as organizadoras. Chamei o meu copeiro Agostinho Zarradas, e pedi que fôsse buscar um automóvel. Fiquei na beira da calçada a sua espera.

— Logo depois que o copeiro tomou o loteação (para andar mais rápido), passou pela minha frente um automóvel com três rapazes, que insistentemente olharam para mim. Não pude reparar bem mas pareciam todos bem vestidos e bem parecidos — acrescenta d. Anita.

— Impaciente eu esperava o táxi, e vi quando o automóvel foi estacionar um pouco adiante da minha casa e um rapaz, branco, vestido muito bem, de bom aspecto saltou do veículo e saiu passeando em minha direção. Rapidamente, porém, chegou perto de mim e agarrou minha bolsa, e então começamos a lutar. Ele puxava para um lado e eu para outro, e assim ficamos alguns segundos, quando de repente, alguém veio por trás de mim e me bateu na cabeça com o cabo de um revólver, segundo parece. A esta altura já estávamos no meio da rua, e embora eu não tivesse dado um grito, meus nervos estavam tensos. Quando caí ao solo, desacordada com a pancada, estava sem a bolsa e sem um brinco de fantasia, pelo o qual momentos antes havia substituído os de brilhantes.

— Fui encontrada por uma vizinha, que supondo um atropelamento veio ver quem era e quando me reconheceu começou a gritar, alarmando, então, todos os vizinhos. A esta altura, porém, os assaltantes já haviam partido no automóvel 43-13, que haviam roubado, em Copacabana.

A SAIA

Recostada em sua cama rosa (e vestida de rosa) d. Anita ainda elegante, apesar da cabeça envolta em densa bandagem, conta ainda:

— Minha filha que saiu correndo de nossa casa para me socorrer, me disse agora, que eu estava vestida muito bem, com os braços para cima, de pernas cruzadas e bem posta, apesar de inerte no meio da rua.

— Tudo isto ocorreu em menos de cinco minutos, pois logo chegou o meu copeiro com o automóvel que eu não mais precisava: uma ambulância do Hospital Miguel Couto já estava a caminho.

— Na minha bolsa, acrescenta d. Anita, com um leve sorriso nos lábios, havia alguns bilhetes para a «Tarde de Caridade de Natal», menos de mil cruzeiros em dinheiro trocado, e uma «trousse» de prata lavrada. Isto foi tudo que levaram de mim.

VISITAS

Embora o médico tivesse proibido d. Anita de receber visitas por 48 horas, vários magistrados e senhoras da sociedade lhe foram levar o conforto. D. Anita mostra-se calma e quer depressa deixar a cama onde está imóvel, e como consolo vai ouvindo as informações de suas amigas.

— «Você sabe, ontem foi assaltada a senhora do almirante Lemos Botto». «Anteontem aquela professorinha da Fonte da Saudade. Coitada, apanhou tanto!!!»

«EU TENHO FORÇA!»

E por fim d. Anita esclarece, com decisão:

— Só tenho pena de não estar naquele dia vestida com um traje mais simples, pois o meu vestido de «toilette» impediu totalmente a minha ação. Aquêlê rapaz não fugiria e nem levaria a minha bolsa, caso a saia justa e os saltos altos não fôsem a seu favor.

PISTA PARA A POLÍCIA

O carro roubado pelos assaltantes de d. Anita foi encontrado na manhã seguinte do dia do assalto, na rua Engenheiro Cavalcanti, em frente ao número 39, na Tijuca. Era um «Chevrolet», preto, de propriedade do sr. José Hirschberg, residente à rua Domingos Ferreira, 28. Em seu interior foram encontradas inúmeras impressões digitais, sendo que algumas muito nítidas e que estão sendo examinadas com rapidez, no Instituto de Criminalística. Após a sua classificação serão confrontadas com as fichas do Instituto Felix Pacheco e com as da Delegacia de Vigilância, podendo então ser possível a identificação dos assaltantes, pois presume-se que os mesmos não usaram luvas. Por outro lado, um capitão do Exército e o motorista do juiz Faustino do Nascimento irão depor e farão melhor descrição dos assaltantes, bem como identificarão as fichas já separadas.

Vários policiais foram destacados para trabalhar no caso, mas até agora, nenhuma pista concreta foi achada. Enquanto isso o Rio de Janeiro continua entregue à vontade dos «gangsters» nativos, que já conseguiram estabelecer o terror e um império do crime.



Av. Epitácio Pessoa. 1.840 — Neste local, onde a foto mostra uma jovem, foi assaltada às 15.15 horas, a esposa de um ministro, por ladrões que usavam um carro roubado.



DOLORES GUINLE (FINALMENTE) CASOU OUTRA VEZ

★ Desde que abandonou o Brasil e que consumou seu divórcio com Jorginho Guinle, que se fala no novo casamento de Dolores Guinle, a linda Dolores que durante algum tempo dominou a vida mundana do Rio. Mas ao lado das notícias sobre seu casamento circulavam também alguns boatos sobre uma possível reconciliação com seu ex-marido. Mas finalmente esta semana, as agências confirmaram o novo casamento de d. Dolores liquidando de vez os boatos. Como detalhe final acrescente-se que foram 200 os convidados para o casamento (realizado em Paris) e todos «receberam rico presente de um dos mais famosos joalheiros do mundo». E' preciso acrescentar mais alguma coisa?

**A FIGURA
EM FOCO**



TANCREDO NEVES

O Tancredo é vagaroso,
Não tem pressa em chegar...
Mas no chão em que ele pisa
sabe sempre o que arrancar...



nos centros elegantes do Brasil...

No Cotillon Club, de Pôrto Alegre, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem — bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado; no cigarro que fumam — Hollywood é o cigarro preferido!

hollywood
uma tradição de bom gosto

